

Coordenadora: Elizabeth Zambrano

O DIREITO À HOMOPARENTALIDADE Cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais

Instituto de Acesso à Justiça

O DIREITO À HOMOPARENTALIDADE

Cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais

Elizabeth Zambrano

**Roberto Lorea
Leandra Mylius
Nádia Meinerz
Priscila Borges**



O Direito à Homoparentalidade:

Cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais

Elizabeth Zambrano

Roberto Lorea

Leandra Mylius

Nádia Meinerz

Priscila Borges

Porto Alegre: Instituto de Acesso à Justiça, 2006

APOIO:



*Programa de Apoio
a Projetos em Sexualidade
e Saúde Reprodutiva*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
FAMÍLIA HOMOPARENTAL: MITO E VERDADE	4
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I	9
Metodologia e Conceitos	9
1.1 Um pouco de metodologia.	9
1.2 O que é homoparentalidade?.....	10
1.3 O que é uma “família”?.....	11
1.4 A família sempre foi assim como a conhecemos?	11
1.5 Quais as diferenças entre procriação, parentesco, filiação e parentalidade?	12
1.6 Existem tipos de família diferentes em outras sociedades?.....	13
1.7 A homoparentalidade pode ser incluída no conceito de família?	14
CAPÍTULO II	16
Pesquisa Empírica.....	16
2.1 Algumas Questões Gerais	16
2.1.1 Como um gay pode vir a ser pai e uma lésbica, mãe?.....	16
2.1.2 As famílias homoparentais podem ser prejudiciais à sociedade?.....	17
2.1.3 Qual é o modelo de família que aparece entre os nossos entrevistados?	18
2.1.4 Homossexualidade é doença?.....	18
2.1.5 O que pensam os profissionais do “campo psi” (Psiquiatria, Psicologia e Psicanálise) sobre a homoparentalidade?.....	18
2.1.6 Existem pesquisas sobre famílias homoparentais?.....	19
2.1.7 Qual é a repercussão social dos estudos sobre a homoparentalidade?.....	20
2.2 O que dizem os resultados das pesquisas.....	21
2.2.1 Pais homossexuais podem ser bons pais?.....	21
2.2.2 As crianças têm necessidade de um pai e uma mãe para desenvolverem adequadamente os aspectos importantes do seu psiquismo?	23
2.2.3 Nas famílias homoparentais, um é o “pai” e outro a “mãe”?	24
2.2.4 Como os filhos podem nomear os pais e as mães sendo eles do mesmo sexo?	24
2.2.5 Os pais/mães homossexuais recusam a existência dos dois sexos e impedem as crianças de saber o que é um homem e uma mulher?	25
2.2.6 Os filhos/as de homossexuais têm mais tendência a serem também homossexuais?.....	26
2.2.7 É melhor esconder ou revelar a homossexualidade para os filhos?.....	26
2.2.8 Os pais/mães homossexuais ou seus amigos/as abusam dos filhos? ..	27
2.2.9 Como as crianças vão lidar com o preconceito e a discriminação decorrente da homossexualidade dos pais?	27
2.2.10 Existem pesquisas com resultados diferentes?.....	27
2.3 O Campo Jurídico	28
2.3.1 Homossexuais podem adotar?	29
2.3.2 Há impedimento legal para a adoção por casais homossexuais?	29
2.3.3 Que outros fatores influenciam a busca pela adoção legal e por que os homossexuais buscam a adoção individualmente?.....	30
2.3.4 Quais são os direitos das crianças filhas de um casal homossexual quando apenas um dos parceiros/as é legalmente pai ou mãe?.....	31

2.3.5 Qual é a situação legal do parceiro não-adotante?	31
2.3.6 O que pensam os operadores do Direito entrevistados sobre a adoção por homossexuais?.....	31
2.4 As Especificidades da Parentalidade Travesti e Transexual.....	31
2.4.1 A maternidade das travestis e transexuais	32
2.4.2 Como se dá o seu acesso à parentalidade?.....	33
2.4.3 O acesso à adoção legal	33
2.4.4 Novas Tecnologias reprodutivas.....	34
2.4.5 E os filhos que nasceram antes da transformação corporal?	34
2.4.6 Identidade de gênero, representações de família e papéis parentais.....	35
CAPÍTULO III	36
Pesquisa bibliográfica.....	36
3.1 Pesquisa no jornal “Folha de São Paulo”	36
3.1.1 Distribuição das Matérias	37
3.1.2 Homoparentalidade na <i>Folha de São Paulo</i>	40
3.2 Sistematização de pesquisas, artigos e revisões sobre homoparentalidade	42
3.3 Indicações Bibliográficas.....	54
3.3.1 Coletâneas de artigos de diferentes áreas sobre Homoparentalidade	54
3.3.2 Referências Bibliográficas sobre Homoparentalidade – Antropologia	54
3.3.3 Referências Bibliográficas sobre Homoparentalidade – Psicologia.....	58
3.3.4 Referências Bibliográficas sobre Homoparentalidade - Direito.....	62
3.3.5 Pesquisas empíricas selecionadas pela Associação Americana de Psicologia	64
3.3.6 Sugestões bibliográficas da Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas	81
3.3.7 Sistematização das manifestações dos principais órgãos de classe norte-americanos.....	96
CAPÍTULO IV	100
Conclusões.....	100
GLOSSÁRIO	102

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 Número de ocorrências sobre homossexualidade e homoparentalidade, por ano.	38
Tabela 2 Distribuição dos artigos sobre homoparentalidade, por ano.....	40
Tabela 3 Número de ocorrências em homoparentalidade distribuídas por gênero e por ano.	41

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Ocorrências sobre homossexualidade, por ano.....	38
Gráfico 2 Distribuição das matérias nos cadernos do jornal Folha de São Paulo.	39
Gráfico 3 Ocorrências de homoparentalidade, por ano.	39
Gráfico 4 Homossexualidade e Homoparentalidade na Folha de São Paulo, por ano.	40
Gráfico 5 Distribuição de matérias sobre homoparentalidade.....	41

APRESENTAÇÃO

FAMÍLIA HOMOPARENTAL: MITO E VERDADE

José Carlos Teixeira Giorgis

As questões relativas à homossexualidade estiveram soterradas pelo preconceito e pelo temor em passado recente, tanto que as estatísticas forenses pouco registravam de demandas sobre o tema, sintonizando tal ascetismo com uma literatura tímida e uma produção científica acanhada.

O panorama se alterou na última década, alinhando os doutrinadores uma série de concausas, como a mudança comportamental, a soberania da subjetividade, a transformação dos paradigmas culturais e, precipuamente, o fortalecimento dos movimentos de entidades que lutavam pelos direitos civis, tanto que hoje são freqüentes as refregas judiciais, a realização de seminários, simpósios e cursos, monografias universitárias, teses e dissertações, além de uma plethora de obras sobre o homoerotismo.

Pode-se afirmar que a homossexualidade desfila rumo à praça da apoteose, tantos são os fatos e as incidências que o fenômeno ganha nestes dias, em novelas, reportagens, no cinema, em livros.

O termo *homossexualidade* foi cunhado em 1869 pelo médico húngaro Karoli Maria Kertbeny para designar, segundo uma terminologia clínica, todas as formas de amor carnal entre as pessoas do mesmo sexo, impondo-se, nas sociedades ocidentais, à palavra *heterossexualidade*, que foi criada em 1888.

A história revela que os homossexuais foram perseguidos durante séculos como verdadeiros párias, sodomitas, homófilos ou pederastas, portadores de anomalias e taras, sendo o fenômeno considerado, sucessivamente, como inversão, perversão, sintoma derivado de circunstâncias psicossociais, desajuste comunitário, desvio adquirido do impulso sexual, enquanto prestigiados cientistas atuais a atribuem a um estado da natureza com fortes origens biológicas e não culturais.

Para Freud, não é uma vantagem, mas nada dela deve envergonhar, não é um vício ou aviltamento, nem doença, mas uma variação da função libidinosa provocada por uma interrupção do desenvolvimento sexual enquanto para o discurso psiquiátrico do século passado a homossexualidade era tida como uma anomalia psíquica, mental ou de natureza constitutiva, sempre como uma expressão de um distúrbio da identidade ou da personalidade.

Os tempos modernos apresentam sinais extravagantes e inéditos, precisamente flagrados por Elisabeth Roudinesco, historiadora e psicanalista francesa: há entre os homossexuais um febril *desejo de família*, uma pungente vontade de se *normalizar*¹

Dê-se uma freada nas épocas e recorde-se o passado.

Nas sociedades pretéritas os homossexuais percorriam as estradas da abjeção, da desonra e da infâmia, alimentando a longa história da *raça maldita*, de que foram personagens Wilde, Proust, Rimbaud, Genet, que aceitavam um destino de *anormalidade*, preferível a seus olhos à monotonia do estabelecimento social, combatendo sempre todos os tipos de opressão, como a familiar, colonial e sexual.

Durante muito, os homossexuais preferiram os nichos de isolamento, as comunidades alternativas, os guetos da obscuridade, cumprindo atitudes que intentavam o escândalo, o desprezo pelos costumes e pelas regras da convivência, sendo a família contestada, rejeitada e proclamada como funesta às madrugadas da liberdade sexual, e amaldiçoada como instituição e molde.

Agora, sem que antropólogos, psiquiatras, filósofos, historiadores ou sociólogos cheguem a um consenso convincente, anota-se o cenário antes não visto em que as parcerias de gays e lésbicas batalham e reivindicam o direito ao casamento, à adoção, à fertilização assistida, genuflexos e rezando amém no altar que exorcizavam.

Para a autora, enquanto contestadas, as minorias se tornavam reconhecíveis, identificáveis, marcadas, estigmatizadas, o que facilitava o seu controle e repúdio; mas quando integradas no grupo

¹ Roudinesco, Elisabeth. *A família em desordem*. Zahar Editora: Rio de Janeiro, 2001.

social, ao se beneficiar da condição de família semelhante aos casais heterossexuais, tornaram-se menos visíveis e daí mais perigosas aos olhos dos conservadores.

Enfim, saindo-se das clínicas e dos laboratórios, é inquestionável que o homoerotismo é uma realidade a que não se pode fechar nos armários como antes, e que deve ser mirada sem preconceitos ou farisaísmo, respeitando quem cultua tal orientação sexual, eis que são também pessoas portadoras de dignidade e atenção, como já faz a maioria dos tribunais pátrios.

No âmbito das decisões judiciais, o Rio Grande do Sul foi precursor: assim a justiça federal concedeu direitos previdenciários ao componente de um núcleo homossexual, e o Tribunal de Justiça estabeleceu a competência das varas de família para dirimir as controvérsias entre parceiros do mesmo sexo, como nos dissídios sobre legados e testamentos, partilha de bens, etc.

Há cinco anos, uma das frações do Tribunal de Justiça, ao examinar um veredicto que ordenara a divisão do patrimônio de um casal homossexual sob a ótica de uma sociedade de fato, entendeu que dito relacionamento era união estável, julgado que ganhou projeção nacional, como primeiro no país a considerar o companheirismo homoerótico como entidade familiar ².

Ali se disse, para emoldurar o raciocínio, que a Constituição precisava ser lida de forma integrada, mas sensível ao momento atual, ancorando-se o entendimento no princípio da dignidade da pessoa humana, que, por vincular-se à autodeterminação, tem a sexualidade como alicerce da personalidade, o que inibe qualquer invasão na esfera individual.

Outro argumento utilizado foi o uso do princípio da igualdade, ligado à idéia de justiça e que não admite privilégios, repudiando a discriminação fundada na orientação sexual.

As uniões homoeróticas ainda se equiparam à união estável pela via analógica, o que implica na atribuição de um regime normativo originariamente destinado a uma situação diversa, ou seja, à comunidade familiar formada por homem e mulher, firmando-se a semelhança autorizadora na existência de uma comunidade afetiva, sexual, duradoura e permanente, característica de ambas as relações.

Finalmente, apregoava-se que o artigo 226 da Carta Federal não era uma norma de exclusão, mas ao contrário regra de inclusão, abrangendo outras entidades familiares que não as formas ali consignadas, como já achara o Superior Tribunal de Justiça em ações sobre a impenhorabilidade do bem de família.

A decisão se repetiu em numerosos precedentes, fazendo escola e obtendo uniformização em julgado posterior ³, repercutindo em proposta a ser examinada em sede congressual, como sugestão ao artigo 1.727 do Código Civil vigente ⁴.

É o acatamento da postura da justiça do Rio Grande do Sul, sempre sensível ao tempo e à sociedade, que, logo depois editou provimento para permitir o registro das uniões entre pessoas capazes ⁵.

Ainda mais recentemente, e sempre de modo vanguardeiro, a justiça estadual reconheceu a possibilidade de adoção por um casal de lésbicas ⁶ e autorizou a alteração, e respectiva averbação, de nome de uma pessoa que ainda não se havia submetido à cirurgia de transgenitalização ⁷.

A originalidade desse nicho desbravador não fica reduzido ao meio jurídico, como se deduz do exame do presente trabalho.

Cuida-se de um olhar percuciente, probo, detalhado, erudito, enfim, científico, sobre objeto ainda não suficientemente desvelado, mas que agora ganha sua cédula de identidade e foros de sólida maturação.

A busca de informações precisas e idôneas sobre famílias compostas ao menos por um pai homossexual, que exercesse cotidianamente a função de cuidar uma criança, o que constitui a *homoparentalidade*, constituiu o foco da exitosa pesquisa realizada; e ali acorreram os enfoques peculiares das atividades profissionais dos autores, principalmente sua visão interdisciplinar (médica psicanalista, juiz de Direito, antropóloga e cientista social), mas todos incendiados pela mesma paixão pela Antropologia Social.

² TJRS, Sétima Câmara Cível, APC 70001388992, rel. Des. José Carlos Teixeira Giorgis, j. 14.03.01.

³ TJRS, Quarto Grupo Cível, EI 70003967676, rel. Des. Rui Portanova, j. 09.05.03.

⁴ Segundo a emenda: “..aplicam-se, no que couber, às uniões fáticas de pessoas capazes, que vivam em economia comum, de forma pública e notória, desde que não contrariem as normas de ordem pública e os bons costumes.”

⁵ Provimento n° 06/04-CGJ, que acrescentou parágrafo único ao artigo 215 da Consolidação Normativa Notarial Registral.

⁶ TJRS, Sétima Câmara Cível, APC 70013801592, rel. Des. Luis Felipe Brasil Santos, j. 05.04.06.

⁷ TJRS, Sétima Câmara Cível, APC 70013909874, rel. Des. Luis Felipe Brasil Santos, j. 05.04.06

Instigados pela proeminência de uma maternidade lésbica, desde logo procuraram questionar as razões da minimização de uma paternidade gay, talvez decorrente do acesso feminino às técnicas de reprodução assistida ou derivada da apatia masculina ao exercício da genitoria; como conseqüência, optam por uma metodologia adequada a solver a indagação inicial, catalogando dados através de entrevistas, debruçando-se sobre atenta revisão bibliográfica em diversas ciências, e investigando as reportagens veiculadas pela mídia.

E obtidos os informantes através de organizações que trabalham com a diversidade sexual na capital, além das redes de relações da equipe, com extremo cuidado ético, buscaram preservar a identificação das pessoas colaboradoras através do uso de cognomes, livre adesão dos entrevistados e até desistência de dados quando os informantes se achassem em situação de vulnerabilidade.

Decolando da questão conceitual (homoparentalidade e família), examinam a natureza do grupo familiar, as distinções que se estabelecem entre procriação, parentesco, filiação e parentalidade, enfrentando depois os temas pontuais, como a capacidade que tenha um gay ou uma lésbica em ser pai ou mãe, os prejuízos que as famílias parentais possam causar à sociedade.

E tabulando os números da pesquisa, e com base em substancial aprofundamento da literatura apropriada, respondem às habituais perguntas endereçadas a esse tipo de família: a) pais homossexuais podem ser bons pais?; b) é o sexo dos pais e mães um fato importante para o desenvolvimento da criança?; c) há uma divisão de “papéis” na família homoparental?; d) como os filhos “nomeiam” pais e mães quando eles são do mesmo sexo?; e) os filhos de casais assim constituídos tendem à homossexualidade?; f) a homossexualidade deve ser escondida ou revelada aos filhos?; g) os pais homossexuais abusam dos filhos?; h) como as crianças lidam com o preconceito relativo a seus pais?

A transcrição do interrogatório bem indica a oportunidade da pesquisa, que ainda prossegue com a análise das perplexidades jurídicas oriundas de controvérsias sobre a adoção.

E embora não seja a meta essencial do trabalho, os autores também examinam a questão da parentalidade no grupo dos travestis e transexuais, que também procuram legitimar sua capacitação materna pela introjeção de um possível “instinto”, semelhante ao das mulheres.

Revela-se ainda que mesmo após a transgenitalização a representação parental em relação aos filhos provenientes de relação heterossexual continua sendo a paterna.

Pode-se vaticinar e sem qualquer hesitação, que o trabalho realizado pelos doutores Elizabeth Zambrano, Roberto Lorea, Leandra Mylius, Nádia Melnez e Priscila Borges, se inscreve entre as produções mais singulares na área da Antropologia Social.

E pela averiguação inédita e propriedade do estilo, em farol que ilumina definitivamente a penumbra onde transitavam as sombras do maniqueísmo e do amuo.

Porto Alegre, maio de 2006.

José Carlos Teixeira Giorgis
Desembargador aposentado, RS.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa do Instituto de Acesso à Justiça (IAJ), realizada em Porto Alegre, de setembro de 2004 a setembro de 2005, com o apoio do Programa de Apoio a Projetos em Sexualidade e Saúde Reprodutiva (PROSARE), patrocinado pela “The John D. and Catherine T. - Macarthur Foundation”. Contamos também com o apoio do Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O objetivo da pesquisa foi buscar informações sobre famílias nas quais pelo menos um dos pais se reconhecesse como homossexual⁸ e exercesse (ou pretendesse exercer) a função de cuidar cotidianamente de, no mínimo, uma criança, desempenhando o que chamamos de “homoparentalidade”*. Por se tratarem de arranjos “diferentes” daqueles a que estamos acostumados, as “famílias homoparentais”** provocam muita curiosidade e desconfiança na medida em que, no imaginário social, quando se pensa em casal, se pensa em dois adultos de sexo oposto, tomando por natural que as relações entre duas pessoas decididas a ter filhos e formar uma família só possam acontecer se uma for um homem e a outra uma mulher.

Estimulados pela pouca quantidade de trabalhos existentes no Brasil sobre o tema, decidimos coletar dados capazes de nos informar sobre o que pensam as pessoas nessa situação, quais as dificuldades encontradas para realizar seu desejo de serem pais, como desenvolvem as relações afetivas e educativas com seus filhos — para aqueles que já os têm — e como pretendem que seja essa relação — para aqueles ainda em fase de projetar um filho.

Fez parte dos objetivos da nossa pesquisa, também, investigar o pensamento dos operadores do Direito sobre esse tipo de família: as suas preocupações, as suas certezas, as suas dúvidas. Isso nos pareceu importante por duas razões: a primeira é ser a adoção uma das formas de acesso que gays e lésbicas encontram para ter filhos; a segunda é ser a guarda de filhos de relacionamento heterossexual anterior dependente de processo judicial, no caso de haver litígio entre os pais. Em ambas as situações queríamos saber se e o quanto a sexualidade dos pais gays e das mães lésbicas interferia na elaboração dos laudos técnicos e nas decisões jurídicas relativas a eles. Além das respostas a essas perguntas, buscamos as leis e as normas que podem direcionar as sentenças judiciais.

Como já sabíamos, por meio de pesquisas preliminares, que as maiores preocupações dos pais e operadores do Direito eram relativas ao bem-estar das crianças vivendo nesse tipo de família, fizemos um vasto levantamento bibliográfico sobre artigos e pesquisas empíricas na área da Psicologia, Antropologia e Direito, que pudessem responder a tais inquietações.

No primeiro capítulo apresentamos a metodologia utilizada na presente pesquisa e definimos os diferentes conceitos necessários para a compreensão e contextualização da homoparentalidade. Trazemos ainda um breve resumo histórico e antropológico da “família”, chamando a atenção para suas diferentes formas de expressão e significado.

No segundo capítulo apresentamos um conjunto das perguntas e dúvidas que mais freqüentemente aparecem para quem estuda o tema e mostramos os resultados das pesquisas realizadas até o momento respondendo a essas perguntas. Esse capítulo está dividido em quatro segmentos: no primeiro abordamos questões gerais, situando os termos do debate e as contribuições vindas da Antropologia e da Psicologia/Psicanálise; no segundo enfocamos os principais resultados da revisão bibliográfica das pesquisas realizadas por outros autores e os dados da nossa pesquisa empírica, tratando das situações mais específicas referentes às capacidades parentais de gays e lésbicas e as conseqüências da homoparentalidade sobre o desenvolvimento infantil; no terceiro tratamos das questões especificamente jurídicas que surgem em decorrência dessa nova configuração familiar e a maneira como o Direito está respondendo a elas. Apresentamos, ainda, no quarto segmento, as especificidades da parentalidade travesti e da transexual. Devido ao pequeno

⁸ As palavras marcadas com (*) estarão definidas no Glossário segundo a maneira como estão sendo utilizadas.

número de pesquisas e trabalhos sobre esses dois tipos de parentalidade, todos os resultados estão baseados nos dados coletados por nós.

No terceiro capítulo mostramos a pesquisa bibliográfica sobre homoparentalidade na área da Antropologia, Psicologia e Direito. Oferecemos indicações de livros, artigos científicos e pesquisas, além de uma sistematização das principais revisões de pesquisa, indicações bibliográficas da Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas (APGL), localizada na França, e uma bibliografia comentada (com tradução livre feita por nós), da Associação Americana de Psicologia (APA). Apresentamos a pesquisa feita no jornal Folha de São Paulo sobre matérias publicadas no período de 1997 a agosto de 2005, mostrando a evolução do tratamento da mídia sobre questões como casamento e adoção por homossexuais.

Na conclusão apresentamos algumas considerações sobre o material coletado, bem como algumas sugestões para reflexão direcionadas a quem se interessa pela homoparentalidade.

A nossa equipe de pesquisa foi formada por Elizabeth Zambrano, médica psicanalista, mestre e doutoranda em Antropologia Social, coordenadora do projeto; Roberto Lorea, juiz de Direito, mestre e doutorando em Antropologia Social; Nádia Meinerz, mestre em Antropologia Social; Leandra Mylius, mestre em Antropologia Social e Priscilla Borges, graduanda em Ciências Sociais. Com essa equipe, pensamos ter dado conta das principais questões nas três áreas enfocadas, e aprofundado os aspectos centrais que compõem essa temática.

Pretendemos, com a publicação deste trabalho, ampliar o debate sobre o tema, divulgando os trabalhos científicos já realizados por outras pessoas e, também, os resultados da nossa própria investigação.

CAPÍTULO I

Metodologia e Conceitos

1.1 Um pouco de metodologia.

Um primeiro contato com a literatura sobre homoparentalidade evidenciou uma preponderância dos estudos da maternidade lésbica sobre a paternidade gay, levando-nos a questionar as razões dessa diferença. Avaliamos que esse viés poderia estar relacionado a uma demanda maior por parte das mulheres homossexuais pela parentalidade e a sua maior facilidade de acesso à maternidade pelo uso das Novas Tecnologias Reprodutivas mas, também, poderia ser resultado das representações sociais⁹ de gênero*. Por um lado, as representações sociais de masculinidade reforçam a idéia de que os homens são menos aptos para cuidar de filhos do que as mulheres. Por outro, as mulheres são representadas como seres original e necessariamente maternos apenas pelo fato de serem mulheres.

Consideramos, então, a necessidade de se fazerem mais estudos sobre paternidade e optamos por uma delimitação empírica cujo ponto de partida fossem as representações de parentalidade de indivíduos nascidos homens biológicos, tomando o sexo* de nascimento como a referência a ser considerada para a realização da pesquisa. O nosso universo empírico foi, assim, composto por homens homossexuais*, homens travestis* e transexuais* homem para mulher.

Entrevistamos, também, operadores do Direito trabalhando nas equipes de Adoção e Multidisciplinar das varas de Infância e Juventude do Foro Central de Porto Alegre

Os dados foram obtidos por meio de três fontes principais: a) entrevistas semi-estruturadas com 20 homens (12 homossexuais, 5 travestis e 3 transexuais) que têm ou pretendem ter filhos, bem como entrevistas semi-estruturadas com 7 operadores do Direito (3 psicólogos e 4 assistentes sociais); b) revisão bibliográfica dos estudos sobre homoparentalidade da área da Psicologia, Antropologia e Direito; c) levantamento de reportagens veiculadas pela mídia impressa concentrada em um jornal de circulação nacional: “A Folha de São Paulo”.

A pesquisa empírica pautou-se pela utilização de uma metodologia qualitativa de orientação etnográfica. Os informantes foram contatados através das redes de relações pessoais da equipe da pesquisa e das ONGs Nuances (Grupo pela Livre Expressão Sexual) e Igualdade (Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul), que trabalham com as questões de diversidade sexual na cidade de Porto Alegre.

As considerações éticas levam em conta as situações de vulnerabilidade, discriminação e preconceito sexual, sofridas pelos participantes da pesquisa. Optamos pela: preservação da identificação das pessoas que participaram da pesquisa (todos os nomes foram substituídos por pseudônimos); adesão por livre convicção à pesquisa (não insistimos com entrevistados que não se mostraram dispostos e os locais de entrevista foram escolhidos respeitando as suas preferências); possibilidade de desistência em relação às informações prestadas (em caso de quaisquer preocupações com informações concedidas, os entrevistados puderam desistir da permissão para sua utilização, mediante o contato com a equipe de pesquisa).

Nosso principal mecanismo para garantir essas disposições foi o processo de consentimento livre e esclarecido, que prevê: uma explicação pormenorizada dos termos de participação na

⁹ O termo “representações sociais” aqui empregado relaciona-se ao conceito de Jodelet que argumenta serem as representações sociais uma forma de conhecimento socialmente compartilhada, aprendida e transmitida pela conduta e pela comunicação entre os indivíduos. JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

pesquisa; a negociação das condições em que esta será realizada e culmina com a assinatura do termo de consentimento.

Existe, contudo, uma grande discussão na Antropologia relacionada ao uso do consentimento informado em populações pouco escolarizadas ou ágrafas. No caso da nossa pesquisa, algumas das travestis e transexuais entrevistadas possuem baixa escolaridade e pouca familiaridade com a cultura escrita, para a qual seus relatos serão transcritos. Assim, nos preocupamos em ler o consentimento e discutir seu significado com cada uma delas.

A pesquisa bibliográfica foi feita nas três áreas de referência. Na Antropologia, buscamos os trabalhos específicos sobre homoparentalidade e utilizamos as teorias antropológicas sobre sexualidade e família como ajuda para analisar o material etnográfico coletado. Na Psicologia, pesquisamos os estudos empíricos sobre o desenvolvimento infantil com enfoque nas conseqüências, para as crianças, decorrentes de sua criação por pessoas homossexuais. No Direito, procuramos as discussões relativas à viabilidade jurídica do casamento homossexual, da adoção por homossexuais e da homoparentalidade. Sob essa tripla referência procuramos dar conta, não apenas, das pesquisas, teses e argumentos posicionados favoravelmente à homoparentalidade, como também, daqueles opostos a ela.

Para facilitar a compreensão do debate discutimos a seguir alguns dos conceitos fundamentais para o entendimento das argumentações e sua contextualização. As palavras marcadas no texto com (*) estarão no Glossário, definidas segundo o modo como estão sendo utilizadas.

1.2 O que é homoparentalidade?

É um neologismo criado em 1997 pela Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas (APGL), em Paris, nomeando a situação na qual pelo menos um adulto que se autodesigna homossexual é (ou pretende ser) pai ou mãe de, no mínimo, uma criança.

O uso do termo costuma ser objeto de muitos questionamentos, pois coloca o acento na “orientação sexual”^{*} (homoerótica) dos pais e a associa ao cuidado dos filhos (parentalidade). Esta associação (homossexualidade dos pais e cuidado com os filhos) é, justamente, o que os estudos sobre homoparentalidade se propõem a desfazer, demonstrando que homens e mulheres homossexuais podem ser ou não bons pais, da mesma forma como homens e mulheres heterossexuais. Salientam que é a capacidade de cuidar e a qualidade do relacionamento com os filhos o determinante da boa parentalidade e não a orientação sexual dos pais.

Entretanto, o seu emprego se justifica pela necessidade de colocar em evidência uma situação cada vez mais presente na sociedade atual. Ao nomear um tipo de família até então sem nome, permite-se que ela adquira uma existência discursiva, indispensável para indicar uma realidade, possibilitando o seu estudo e, principalmente, sua problematização.

Por outro lado, o conceito de “homoparentalidade” torna-se insuficiente quando se trata da parentalidade exercida por travestis e transexuais. Isso porque, da forma como foi concebido, o termo “homoparentalidade” se refere apenas à orientação sexual, aludindo às pessoas cujo desejo sexual é orientado para outras do mesmo sexo, o que deixaria de fora as pessoas com mudança de sexo (transexuais^{*}) e de gênero (travestis^{*}). Embora sejam comumente percebidas como fazendo parte do mesmo universo homossexual, travestis e transexuais apresentam especificidades na sua construção identitária e, conseqüentemente, na sua relação de parentalidade. As transexuais e algumas travestis se sentem e se consideram “mulheres”, mesmo tendo nascido homens biológicos. Para elas, é o sexo/gênero transformado, aquele que conta para sua classificação como “mulheres”. Desse modo, se entendemos a homossexualidade como sendo a sexualidade orientada para o mesmo sexo, as travestis e transexuais, ao se considerarem “mulheres”, e manterem relações sexuais com homens, não seriam homossexuais, mas sim, heterossexuais. Da mesma forma, quando constroem uma relação de parentalidade, na maioria das vezes, o fazem ocupando o lugar “materno” e não “paterno”, como veremos adiante.

Porém, embora reconhecendo a singularidade de tais situações, para a finalidade dessa pesquisa, ao falarmos em “homoparentalidade”, estaremos entendendo que o termo abarca todas

essas “identidades” dos pais, considerando que, para as travestis, o acento identitário será dado ao gênero; para as transexuais, ao sexo e para os homossexuais, à orientação, de acordo com a maneira como definimos cada um dos termos, o que pode ser visto no Glossário, ao final.

1.3 O que é uma “família”?

Na nossa sociedade contemporânea ocidental, a família é percebida como a mais “natural” das instituições, o núcleo organizador a partir do qual irão estruturar-se e serão transmitidos os valores mais importantes da nossa cultura. Pensamos que, por ser “natural” é, também, universal. Geralmente nos acostumamos a pensar a família como sendo o conjunto de indivíduos aparentados por vínculos de consangüinidade e/ou afinidade, distinguindo a “família nuclear”, composta de pai mãe e filhos, da “família extensa”, que agrupa várias famílias aparentadas pertencentes a gerações diferentes: avós, tios, primos etc. (Godelier, 2004)¹⁰. Entretanto, a definição de família, assim como a sua universalidade, não é um consenso entre os estudiosos do tema (Cadoret, 2002)¹¹. A maioria dos antropólogos concorda que uma instituição chamada “família” é encontrada em praticamente todas as sociedades, mas sua configuração é tão variada que pode ser ou não considerada universal, dependendo da forma como for definida. Colocar a família como uma entidade única e constante no tempo pode ser mais um pré-julgamento, baseado na nossa experiência pessoal, do que uma realidade. O fato de a maioria de nós ter tido pelo menos uma experiência com seu próprio grupo familiar, nos faz acreditar que sabemos o que é uma família.

No Ocidente, o modelo familiar mais comum corresponde ao da “família nuclear”: um pai, uma mãe e filhos. Ele é apoiado em uma realidade biológica irredutível até esse momento: é necessário o espermatozóide de um homem e o óvulo de uma mulher para produzir uma criança. Como consequência, a família nuclear procriativa parece se impor como uma verdade incontestável, justamente por estar socialmente de acordo com o fato biológico. Daí ser tão fácil pensarmos que ela tem suas raízes no início dos tempos, considerá-la como sendo a unidade fundadora da sociedade, a célula germinativa da civilização e o suporte para a evolução da sociedade. Porém, as coisas são um pouco mais complicadas.

Se pensarmos nas diferentes formas de expressão de uma família, observaremos que existem a) variações temporais: a família da Grécia antiga, a da Roma antiga, a medieval; b) variações espaciais: famílias poligâmicas dos mórmons norte-americanos, família em sociedades simples como a indígena brasileira e diferentes tribos africanas; c) variações em uma mesma época e local: na nossa sociedade, as famílias recompostas, monoparentais, adotivas, homoparentais. Em decorrência disso, seria preciso ter clara a diferença que existe entre uma noção geral de família, de um lado, e suas diferentes manifestações, de outro.

1.4 A família sempre foi assim como a conhecemos?

Estudos históricos e antropológicos (Áries, 1973; Donzelot, 1986¹² entre outros) demonstram que a instituição “família” vem sofrendo muitas mudanças ao longo do tempo, passando a ser o local privilegiado da afetividade apenas no século XIX.

Na Roma da Antigüidade, o termo família (originado do latim *famulus*) designava o “servidor”. A família romana era entendida como o lugar onde havia um chefe, o *pater*, e todos os indivíduos que

¹⁰ GODELIER, Maurice. **Métamorphoses de la Parenté**. France: Éditions Fayard, 2005.

¹¹ CADORET, Anne. **Des Parents Comme les Autres. Homosexualité et parenté**. Paris: Éditions Odile Jacob, 2002.

¹² ARIÉS, Philippe (1973) **História Social da Criança e da Família**, Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

pertencessem a ela estavam sob a sua tutela e lhe deviam obediência: eram a sua “família”. Embora houvesse, certamente, uma esposa e crianças, o grupo regido pelo *pater* era muito mais amplo e incluía igualmente os agregados, os servos e os escravos. Importava pouco que as crianças não fossem seus filhos biológicos, pois ele era o chefe e não necessariamente o genitor.

Pouco a pouco o sentido do termo família foi sendo modificado e passou a significar, apenas, os descendentes, caracterizando tanto aqueles originados do pai quanto os da mãe. Já durante a Idade Média, devido à influência da Igreja e do Direito Canônico, o que fundava uma família não era mais a existência do pai, construtor e regente do grupo familiar, mas o casamento, a união entre duas pessoas. Foram sendo misturadas, então, a noção de vida conjugal e filiação, sendo considerados cada vez mais importantes os vínculos biológicos e afetivos que uniam os indivíduos.

Paralelamente às profundas mudanças sociais, a família foi adquirindo o significado de “centro de estruturação da sociedade”, o lugar onde se exercia o poder, o instrumento do controle político e da regulação econômica.

Na França, sob a influência da Revolução de 1792, foi criado o Estado laico separando a Igreja do Estado e transformando o casamento de sacramento em contrato civil. Depois de 1804, com a criação do Código Napoleônico, a filiação ficou cada vez mais subordinada ao casamento tomando-se por certo que o pai era o marido da mãe. A finalidade do casamento, e da família que ele funda é, então, fortalecer o vínculo entre seus membros, principalmente o que liga o pai a uma criança. Assim, a partir daí, o que faz existir uma família é a relação entre seus componentes: a criança no centro, o pai e a mãe em torno dela.

Lentamente, a família foi sobrepondo, ao seu caráter de instituição moral, uma feição mais psicologizada, com referenciais universais baseados num modelo de família nuclear, heterossexual, monogâmica. É apenas no final do século XIX que aparece a família nuclear tal como a conhecemos hoje (Uziel, 2002¹³; Nadaud, 2002¹⁴).

1.5 Quais as diferenças entre procriação, parentesco, filiação e parentalidade?

É comum na nossa cultura o pensamento de que uma criança pode ter apenas um pai e uma mãe, juntando na mesma pessoa o fato biológico da procriação, o parentesco, a filiação e os cuidados de criação. Isso acontece porque percebemos pai e mãe como sendo aqueles que dão a vida à criança, concebendo essa relação como tão “natural” que nem pensamos possa ser submetida à lei social. Por ser pensado como “natural”, esse modelo de família torna-se incontestável e, por isso, passa a ser visto cada vez mais como natural.

Entretanto, é importante esclarecer que o vínculo familiar ligando um adulto a uma criança pode ser desdobrado em quatro elementos: 1) o vínculo biológico, dado pela concepção e origem genética; 2) o parentesco, vínculo que une dois indivíduos em relação a uma genealogia, determinando o seu pertencimento a um grupo, 3) a filiação, reconhecimento jurídico desse pertencimento de acordo com as leis sociais do grupo a que pertence; 4) a parentalidade, o exercício da função parental, implicando cuidados com alimentação, vestuário, educação, saúde etc., que se tecem no cotidiano em torno do parentesco.

A diversidade das configurações familiares de outras culturas permite afirmar que parentesco e filiação são sempre sociais e não apenas derivados da procriação pois as regras adotadas por elas não são sempre a réplica exata da “Natureza”. É preciso lembrar que *“Embora seja exato que as regras relativas à filiação tenham por objetivo institucionalizar a reprodução da espécie humana, essa*

¹³ UZIEL, Anna Paula. **Família e Homossexualidade: Velhas Questões, Novos Problemas**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

¹⁴ NADAUD, Stéphane. *Homoparentalité – une nouvelle chance pour la famille?* Paris: Fayard, 2002.

institucionalização se efetua segundo critérios que variam de uma sociedade a outra e de uma época a outra” (Gross, 2005¹⁵).

Devido a essa variação dos papéis sociais parentais desempenhados nas diferentes culturas e períodos históricos — sem prejuízo ao desenvolvimento dos filhos — podemos compreender que parentalidade não é sinônimo de parentesco e filiação e pode ser exercida por pessoa sem vínculo legal ou de consangüinidade com a criança como ocorre, por exemplo, nas famílias recompostas, nas quais o cônjuge do pai ou da mãe participa cotidianamente da criação do filho.

Resumindo, podemos dizer que a procriação é o “fato biológico” construtor de um novo indivíduo; o parentesco é o “lugar” onde o sujeito se situa em relação a uma genealogia; a filiação é o “reconhecimento pela lei social” desse lugar e a parentalidade é o “exercício cotidiano” de criação e cuidado desse indivíduo. Esses elementos podem estar combinados entre si de maneira diversa, dependendo de como é estabelecido o peso de cada um em relação aos outros, evidenciando a relatividade das escolhas feitas por uma determinada cultura em uma determinada época.

Devido ao grande valor dado aos aspectos biológicos do parentesco na nossa cultura, eles são considerados os formadores dos vínculos familiares mais “verdadeiros”. Entretanto, depois do advento das Novas Tecnologias Reprodutivas*, quando se podem separar artificialmente os momentos naturalmente indivisíveis da fabricação de um ser humano: a fecundação, a gestação e o parto, até a “verdade” biológica incontestável da maternidade pode ser questionada (Godelier, 2005)¹⁶. A quem pertence a criança no caso de disputa entre a mãe genética e a mãe gestacional? Qual é o elemento mais importante do ponto de vista moral? O que pesa mais para o interesse da criança, a contribuição genética ou a gestacional? O problema, nesses casos, é saber quem é a “verdadeira” mãe: a que doa o material genético ou a que gestou e pariu? A resposta variará de acordo com as regras estabelecidas socialmente em cada lugar, confirmando as afirmações de diversos antropólogos de que o parentesco é fundamentalmente um universo de vínculos genealógicos, simultaneamente biológicos e sociais (Godelier, 2005; Héritier, 2000¹⁷; Cadoret, 2002)¹⁸. A noção de casal ou de família não pode ser considerada dentro uma acepção unívoca e indiscutível. Não existindo um *a priori* de “verdadeira mãe” ou “verdadeiro pai”, apenas uma decisão moral e social determinará a quais elementos da noção de família se dará prioridade em uma determinada sociedade (Parseval, 2001¹⁹).

1.6 Existem tipos de família diferentes em outras sociedades?

Experientes pesquisadores como Lévi-Strauss (1976²⁰) também apontaram que a família não é uma entidade em si nem, tampouco, uma entidade fixa, ela é, antes, o lugar onde se desenvolvem as normas de filiação e de parentesco, construindo sistemas elementares cuja finalidade é ligar os indivíduos entre eles e à sociedade. São os vínculos entre os indivíduos que criam a família e são as variações possíveis desses vínculos intrafamiliares que caracterizam as formas possíveis de família.

A Antropologia nos mostra que, partindo de um fato biológico simples — a necessidade de um homem e uma mulher para conceber uma criança — as diferentes sociedades não tiram daí as mesmas conseqüências nem postulam uma adequação “natural” entre pai e genitor, mãe e genitora. Os vínculos estabelecidos podem ser os mais diversos e, em muitas delas, a função educativa e o apego afetivo não são, necessariamente, associados à função reprodutora e essa não é determinante da filiação.

¹⁵ GROSS, Martine. (org.) **Homoparentalités, état des lieux**. Ramonville Saint-Agne : Éditions Érès, 2005.

¹⁶ Op. cit. nota 10 da pg. 18.

¹⁷ HÉRITIÉR, Françoise. A coxa de Júpter. **Revista Estudos Feministas** vol. 8 (1) pgs. 98-114, Florianópolis: CFH/UFSC, 2000.

¹⁸ Op. cit. nota 11 da pg. 18.

¹⁹ PARSEVAL, Geneviève Delaisi de. Coupable, forcément coupable. In: **Libération** 26 nov. 2001.

²⁰ LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.

Entre os Haya, povo Bantu do norte da África, o casamento confere ao marido legítimo o direito sobre os filhos que estão por vir, desde que, depois de cada nascimento, a primeira relação sexual seja com ele, pois essa primeira relação designa o pai do próximo bebê que nascer. Cabe à mulher dizer publicamente com quem manteve essa relação — esse é o pai legitimado pelo grupo — e essa paternidade será mantida mesmo se ela abandonar o marido e engravidar de um outro homem. No Tibete, nos casos de uniões poliândricas, uma mulher, casada com um primogênito, casa sucessivamente com todos os irmãos do seu marido. Os filhos pertencem ao primogênito, a quem chamam de pai, chamando de tio os outros maridos da mãe, ainda que um deles seja seu pai biológico. Não há preocupação com a paternidade individual pois, sendo os irmãos considerados uma mesma carne, a paternidade é considerada coletiva (Heritier, 2000)²¹. Entre os Nuer, do Sudão, uma mulher rica casada, considerada estéril, pode voltar à sua família de origem e passa a ser considerada “homem”, podendo obter uma esposa da qual se torna o marido. A reprodução é assegurada por um criado, mas todas as crianças são do marido, conforme a lei social que determina a filiação (Evans-Pritchard, 1978²²).

Podemos ver nesses casos — assim como em muitos outros — que os elementos biológicos e sociais não estão combinados da mesma maneira, mostrando a diversidade de expressões que a família pode adquirir.

1.7 A homoparentalidade pode ser incluída no conceito de família?

Embora seja a mais comum entre nós, a família nuclear, monogâmica, heterossexual e com finalidade procriativa, não é a única na nossa sociedade ocidental, composta, atualmente, por outros tipos de família. Depois do advento do divórcio, houve uma multiplicação de novos arranjos familiares permitindo aos indivíduos a construção de novos tipos de alianças, como as famílias de acolhimento, recompostas e monoparentais.

É dentro destes novos arranjos que surge a “família homoparental”, propondo um modelo alternativo, no qual o vínculo afetivo se dá entre pessoas do mesmo sexo incluindo, também, os casos da parentalidade de travestis e transexuais. Tais uniões não possuem capacidade procriativa (no sentido biológico), embora seus componentes possam tê-la individualmente.

Cabe ressaltar que as famílias homoparentais já existem há muito tempo na realidade social, como demonstra a quantidade de pesquisas feitas sobre elas há trinta anos, faltando apenas o seu reconhecimento legal. Recusar chamar de “família” esses arranjos e negar a existência de um vínculo intrafamiliar entre os seus membros (ainda que esses vínculos possam ter um aspecto extremamente polimorfo e variado) significa “fixar” a família dentro de um formato único, que não corresponde à diversidade de expressões que ela adotou nas sociedades contemporâneas.

Entretanto, essa nova configuração familiar parece ainda estar à margem do conceito de família usado por alguns operadores do Direito, por mais elástico que ele possa ser atualmente. Exemplo disto são as decisões do judiciário no referente aos direitos dos casais homossexuais, com alguns juízes reconhecendo e outros não, a união homossexual como uma entidade familiar. Dentre os que reconhecem está, no Rio Grande do Sul, o desembargador José Carlos Teixeira Giorgis²³ cuja decisão foi pioneira no reconhecimento dessa relação como entidade familiar. Essa decisão original foi repetida várias vezes e acabou consolidando a posição, agora do Tribunal de Justiça, através do julgamento dos embargos infringentes relatados pelo desembargador Rui Portanova.²⁴ Também a

²¹ Op. cit. nota 17 da pg. 22.

²² EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

²³ TJRS, Sétima Câmara Cível, APC 70001388992, rel. Des. José Carlos Teixeira Giorgis, j. 14.03.01. Ver também do autor o artigo **A Natureza Jurídica da União Homoerótica**, publicado na Revista da Associação dos Juízes do RS, Ajuris, v.88,tomo. I, p.224 e ss.

²⁴ TJRS, Quarto Grupo Cível, EI 70003967676, rel. Des. Rui Portanova, j. 09.05.03.

desembargadora Maria Berenice Dias (2001)²⁵ trata da questão enfatizando a união homossexual como baseada em laços de afeto, sendo incluída no Direito de Família, enquanto Roger Rios (2001, 2002)²⁶ a discute do ponto de vista dos Direitos Humanos, o que coloca a questão sob a tutela dos Direitos Constitucionais, no princípio da igualdade e na não-discriminação.

²⁵ DIAS, M.B. **União Homossexual: o preconceito e a justiça**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001.

²⁶ RIOS, Roger Raupp. **O Princípio da Igualdade e a Discriminação por Orientação Sexual**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 2002.

— **A Homossexualidade no Direito**. Porto Alegre: Livraria e Editora do Advogado, 2001.

CAPÍTULO II

Pesquisa Empírica

Nesse capítulo abordaremos as principais dúvidas e argumentos surgidos no debate referente às famílias homoparentais. Optamos por fazê-lo no formato de perguntas e respostas reproduzindo a maneira como são feitas pelo conjunto social e respondendo apoiados na revisão bibliográfica de pesquisas e trabalhos científicos, assim como nos resultados encontrados nesta pesquisa.

2.1 Algumas Questões Gerais

2.1.1 Como um gay pode vir a ser pai e uma lésbica, mãe?

Estão descritas na literatura quatro formas principais de acesso à homoparentalidade. A primeira delas é por filhos havidos em uma ligação heterossexual anterior. Depois do rompimento da união, o pai ou a mãe (ou ambos) podem estabelecer uma relação com parceiro/a do mesmo sexo, constituindo assim uma nova família. A nova configuração será considerada um tipo de família recomposta, cuja especificidade é o contexto homoparental.

A segunda maneira é pela adoção, podendo ser legal ou informal. Atualmente, a adoção legal por homossexuais é buscada, na maioria das vezes, individualmente. Existe o temor da recusa se o pedido for feito pelo casal, quando ficaria explicitada a homossexualidade. A adoção legal implica no estabelecimento de um vínculo de filiação irrevogável, unindo o adulto adotante e a criança adotada, com os direitos e deveres daí decorrentes. Quando a adoção é informal, não estabelece vinculação legal entre os participantes, apenas vínculos afetivos, sem os direitos de filiação. Podemos considerar também a chamada “adoção à brasileira”*, quando um adulto registra como sendo seu filho biológico, o filho de outra pessoa.

Uma terceira forma é a busca de filhos pelo uso de Novas Tecnologias Reprodutivas, possibilitando o nascimento de filhos biológicos. O método mais utilizado pelas mulheres lésbicas é a Inseminação Artificial ou Fertilização Medicamente Assistida, com doador conhecido, geralmente um amigo gay; ou doador desconhecido, através de um banco de esperma. Os homens gays que quiserem filho biológico sem relação sexual com uma mulher, têm de fazer uso da “barriga de aluguel”*, procedimento considerado ilegal no Brasil. Nesses casos, se for cumprido o anteriormente combinado com o pai, a mãe entregará a ele o filho recém-nascido e abrirá mão dos direitos e vínculos legais com a criança.

Finalmente, a quarta possibilidade é a chamada co-parentalidade*, na qual os cuidados cotidianos são exercidos de forma conjunta e igualitária pelos parceiros, podendo aparecer entrelaçada com as formas de acesso citadas anteriormente. A parceria pode dar-se pelo planejamento conjunto do casal homossexual, no qual os parceiros decidem pela adoção de uma criança ou pelo uso de novas tecnologias reprodutivas para formar uma família, sendo a parentalidade, desde o início, exercida igualmente pelos dois, mesmo que apenas um deles seja o pai biológico ou legal. Em outros casos, pode ser uma parentalidade exercida conjuntamente pelo companheiro/a do pai/mãe legal de um filho nascido antes da relação de parceria como, por exemplo, na situação muito comentada na mídia, vivida por Eugênia, parceira da Cássia Eller. O planejamento conjunto pode, também, incluir dois casais homossexuais, um masculino e o outro feminino, que decidem ter um filho através de inseminação artificial caseira (coleta de sêmen do pai e introdução do esperma na vagina da mãe, com o auxílio de uma seringa, sem a presença do médico) ou

medicamente assistida (feita em clínica médica especializada). Nesse caso, a criança terá dois pais e duas mães, sendo dois deles, pai e mãe biológicos.

A forma de acesso ao projeto parental preferida pela totalidade dos nossos informantes é a adoção. Nenhum deles utilizou ou planeja utilizar tecnologias reprodutivas, mostrando que, para eles, a parentalidade social é mais importante do que os laços biológicos. O fato de nossos informantes serem homens faz com que tenham pouca autonomia corporal para chegar à parentalidade, precisando de um corpo feminino para dar seguimento à gestação. Para as mulheres essa autonomia é maior, pois podem obter o esperma em bancos de esperma e dar seguimento à gestação sem necessidade de um homem.

Como consequência, a paternidade biológica para os homens gays acaba se tornando menos prioritária. Essa tendência dos nossos entrevistados está de acordo com os dados obtidos no Brasil sobre homoparentalidade, indicando que a valorização da parentalidade biológica é mais importante entre as mulheres. Tarnowski (2003)²⁷, em sua pesquisa realizada com homens que se identificavam como gays em Florianópolis, refere que existe pouca demanda de Novas Tecnologias Reprodutivas por parte de homens, sendo a adoção formal ou informal a forma de acesso à parentalidade mais procurada. Uziel (2002)²⁸ mostra que a maior incidência de pedidos de adoção, no Rio de Janeiro, é feita por homens. Dos oito casos analisados por ela, apenas um era apresentado por mulher. Os dados de Eugênio (2002)²⁹ apontam uma demanda maior de inseminação artificial por mulheres lésbicas, em seus projetos parentais. Sousa (2005)³⁰ relata que, no Canadá, prevalece a busca de Novas Tecnologias por mulheres lésbicas, enquanto no Brasil, a maioria das famílias lésbicas estudadas pela autora é composta pela incorporação dos filhos de relacionamentos heterossexuais anteriores.

2.1.2 As famílias homoparentais podem ser prejudiciais à sociedade?

A Associação Americana de Antropologia, entidade congregadora do maior contingente de antropólogos do mundo, afirma, em manifestação oficial, que os resultados de mais de um século de pesquisas antropológicas sobre família e parentesco demonstram não existir nada confirmando a idéia de que uma civilização ou organização social, para ser viável, dependa do casamento como uma instituição exclusivamente heterossexual. Na verdade, as pesquisas antropológicas sustentam o contrário: que a vasta coleção de tipos de famílias encontradas ao redor do mundo e através dos tempos, incluindo as famílias construídas por parceiros do mesmo sexo, contribuem para o desenvolvimento da sociedade humana.

Segundo Daniele Hervieu-Léger (2003)³¹, a família é um domínio no qual a noção de “sagrado” adquire uma força particular principalmente nas sociedades modernas. A “sacralidade” da família está ancorada na idéia de existir uma ordem “natural” de relação entre os sexos, relação essa sustentadora dos laços afetivos transformando a família nuclear no modelo único e colocando como impensável outras configurações, dentre elas a homoparental. A autora alerta, entretanto, que não é necessário apelar só para a “lei divina” para fundamentar essa sacralidade pois ela pode ser encontrada, também, nos fundamentos do Direito, nos “invariantes antropológicos” constitutivos da

²⁷ TARNOVSKI, Flávio Luiz. **Pais Assumidos: Adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2003.

²⁸ Op. cit. nota 13 da pg. 20.

²⁹ EUGÊNIO, Fernanda. **De Pais, mães e filhos: discursos e reivindicações da homoparentalidade**. V Reunião de Antropologia do Mercosul- GT Homossexualidades, política e Direitos. Florianópolis, 2003.

³⁰ SOUSA, Érica. **Necessidade de Filhos: Maternidade, Família e (Homo) sexualidade**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

³¹ HERVIEU-LÉGER, Daniele. Préface. In: GROSS, Martine. **L'Homoparentalité**. Paris: PUF, 2003.

nossa humanidade e nas leis do inconsciente segundo a Psicanálise. Todos eles se utilizam da mesma lógica de sacralização esquecendo que “...essa “sagrada família”, lugar único e exclusivo da sexualidade e da procriação legítimas, é, ela mesma, uma construção histórica que necessitou de tempo para se impor no Ocidente sobrevivendo, através do Direito, ao movimento de secularização” (Hervieu-Léger, 2003).

2.1.3 Qual é o modelo de família que aparece entre os nossos entrevistados?

Quando se referem à sua família de origem os nossos informantes falam de um modelo tradicional de família, nuclear, heterossexual e baseada em laços consangüíneos (composta por pai, mãe e filhos)

A inclusão de novos elementos nesse modelo nuclear e, mesmo, a sua total reconfiguração, a partir da homoparentalidade, não implica no seu abandono no plano representacional. O que se evidencia, no contexto homoparental, é uma atualização através das práticas sociais que incluem, no arranjo da vida cotidiana, espaço para novas figuras parentais. Assim, o modelo tradicional continua a servir de referência, mesmo que haja a incorporação das novas configurações familiares. Encontramos, portanto, dois tipos de discurso sobre família: os que remetem à família de origem descrevem uma família que toma como parâmetro a família nuclear; os que referem laços familiares atuais se afastam desse modelo e propõem novos tipos de aliança que, não raro, incluem, além dos parceiros, os amigos e ex-parceiros afetivo-sexuais.

2.1.4 Homossexualidade é doença?

Um dos principais argumentos contra as famílias homoparentais afirma ser a homossexualidade uma doença que traria sérios prejuízos às crianças filhas de homossexuais. Entretanto, as principais referências que orientam a construção diagnóstica afirmam que não. Segundo a Organização Mundial da Saúde, através do Código Internacional de Doenças - CID 10, a homossexualidade, em si, não deve ser considerada uma doença. Também o Manual de Doenças e Estatística da Sociedade Americana de Psiquiatria, na versão DSM IV, retirou a homossexualidade do seu código de doenças. Ambos os códigos são usados como referência para médicos em todo o mundo, com o objetivo de homogeneizar as classificações das doenças mentais.

No Brasil, o Conselho Federal de Psicologia, pela resolução 001/99, afirma que a homossexualidade não constitui doença, distúrbio nem perversão e proíbe, sob pena de punição, que os psicólogos façam terapia psicológica em homossexuais, com vistas à cura da homossexualidade. Atualmente, considera-se a homossexualidade como uma forma de expressão da sexualidade, entre outras. As opiniões contrárias são vistas como apoiadas, na sua maioria, em preconceito e/ou posicionamento ideológico.

2.1.5 O que pensam os profissionais do “campo psi” (Psiquiatria, Psicologia e Psicanálise) sobre a homoparentalidade?

A grande maioria das considerações utilizadas pelos diferentes profissionais (juristas, operadores do Direito, psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais) sobre a homoparentalidade está apoiada nos princípios teóricos da Psicanálise, embora tenhamos encontrado apenas uma pesquisa empírica sobre parentalidade homossexual no campo psicanalítico. A imensa maioria das pesquisas empíricas publicadas foram realizadas na área da Psicologia, e seus resultados nem sempre concordam com os pressupostos teóricos de alguns psicanalistas embora não possam ser considerados contrários à Psicanálise enquanto área de conhecimento.

Dentro da Psicanálise encontramos opiniões muito divergentes a respeito da homoparentalidade, não havendo evidência empírica do acerto de uma ou de outra opinião. Tais opiniões tampouco estão conectadas a uma especialidade ou corrente da Psicanálise que as fundamente teoricamente. Além disso, muitos psicanalistas preferem não falar sobre o tema pois consideram que seu papel é exclusivamente da ordem do singular, do face a face, do individual, não tendo legitimidade, nem clínica nem teórica, para emitir parecer sobre questões sociais. Entretanto, a Psicanálise é uma das disciplinas mais solicitadas pela sociedade para o debate sobre as novas configurações familiares interferindo, dessa forma, no campo da ação política. Esse apelo à Psicanálise funciona, na maioria das vezes, como um chamado à ordem, mais explicitamente à “ordem simbólica”, terreno sobre o qual se construiu a teoria psicanalítica.

Entre os profissionais do “campo psi” (Psicologia, Psiquiatria, Psicanálise) que se manifestam publicamente sobre o tema, principalmente na França, podemos identificar três correntes de pensamento (Mehl, 2005).

A primeira é contrária ao reconhecimento do casal e da parentalidade homossexual pela sociedade e pela legislação. Tem, como principais representantes, Tony Anatrella [padre e psicanalista] que, misturando religião e Psicanálise, considera a homossexualidade uma questão privada e uma perversão e Pierre Legendre [jurista e psicanalista] que também considera a homossexualidade uma perversão e por isso não merecedora de reconhecimento legal. Esse discurso, mais conservador, utiliza argumentos que atuam em defesa da família tradicional e se apóiam nas tradições e crenças religiosas, embora se apresentem revestidas de um vocabulário psicanalítico ou psicológico.

A segunda corrente não opina sobre o casal e a homossexualidade, mas se opõe à homoparentalidade sob o argumento de que a diferença dos sexos está no núcleo das representações identitárias, afirmando ser impossível para as crianças imaginar que possam ter sido concebidas fora dessa diferença. Em decorrência disso, a criação de crianças por pessoas do mesmo sexo seria uma destruição dos fundamentos antropológicos da constituição do parentesco, da família e da procriação. Partem do pressuposto de que os homossexuais negam a diferença dos sexos e não permitem aos filhos um contato adequado com o sexo oposto, o que é uma afirmação sem fundamento empírico.

A última das correntes é composta por pessoas contrárias à utilização de um saber psicológico e psicanalítico para se posicionar contra novas formas de experimentação familiar. Tem, como porta-voz, Elizabeth Roudinesco (psicanalista e historiadora da Psicanálise) e Geneviève Delaisi de Parseval (psicanalista e antropóloga) que consideram não caber aos psicanalistas fazerem julgamentos morais a respeito de tipos de famílias já existentes na nossa sociedade, sendo preciso reconhecer as novas formas de família, em favor de uma pluralidade de organizações contemporâneas. O argumento teórico utilizado por essa corrente para refutar a importância da diferença dos sexos dos pais para o bom desenvolvimento da criança diz que a identidade não se restringe apenas à identidade sexual e que a percepção do outro, a alteridade, não está baseada apenas na diferença do sexo. Argumentam, também, que as normas mudam, têm uma história, e seu conteúdo varia de acordo com o tempo e o lugar, não podendo serem fixadas pelas posições ideológicas do momento, em flagrante desrespeito aos resultados das pesquisas, às normas democráticas e aos direitos humanos.

Nos EUA encontramos muitas manifestações oficiais de organizações profissionais da Psicanálise, Psicologia e Psiquiatria, todas explicitando opiniões favoráveis ao casamento e adoção por homossexuais, como pode ser visto no capítulo III. No Brasil, encontramos a resolução do Conselho Federal de Psicologia referente à não-inclusão da homossexualidade como doença, mas nenhuma manifestação oficial de organizações de classe apoiando a parentalidade homossexual.

2.1.6 Existem pesquisas sobre famílias homoparentais?

Pesquisas sobre famílias homoparentais existem desde 1975, como mostram as exaustivas revisões realizadas por Patterson e Stacey, Biblarz sistematizadas no capítulo III. A maioria dos trabalhos empíricos pertence à área da Psicologia e trata da comparação entre o desenvolvimento psicossocial das crianças criadas por pais/mães homossexuais com aquelas criadas por pais/mães

heterossexuais, buscando responder se haveria diferenças significativas entre os dois tipos de família: homossexuais e heterossexuais.

Sobre os pais/mães homossexuais, os principais aspectos investigados dizem respeito à sua capacidade parental relacionada à sua orientação sexual. Os relativos às crianças são: a) a saúde psíquica; b) a estabilidade emocional; c) a capacidade de adaptação ao meio; d) o relacionamento interpessoal; e) o enfrentamento do estigma; f) o desenvolvimento da identidade de gênero; g) a capacidade de diferenciação sexual; h) a orientação sexual. A listagem completa das pesquisas, artigos e livros encontrados na nossa pesquisa bibliográfica poderá ser consultada no capítulo III.

2.1.7 Qual é a repercussão social dos estudos sobre a homoparentalidade?

Os nossos dados mostram que, apesar de pesquisas empíricas e artigos científicos, principalmente da área da Psicologia, estarem sendo realizados e publicados no exterior há mais de 30 anos, os seus resultados não são utilizados como subsídio para afastar os temores dos operadores do Direito e de alguns setores da sociedade, a propósito das conseqüências sobre as crianças pelo fato de terem crescido em famílias homoparentais.

Da mesma forma, o argumento da insuficiência de estudos é, ainda, utilizado por alguns profissionais e pelo senso comum, como justificativa do impedimento à adoção e guarda de crianças por pessoas com orientação homossexual, evidenciando a dificuldade que a sociedade tem em lidar com esse novo modelo de família.

O Rio Grande do Sul é o estado onde as decisões judiciais apresentam um caráter mais inovador³², levando em consideração a realidade social atual, como pode ser visto nas seguintes decisões: a) a dissolução legal de união estável de um casal homossexual, reconhecendo, dessa forma, a legalidade da união³³; b) a adoção conjunta de uma criança por casal homossexual³⁴ ou c) a manutenção do direito de visita de uma mãe social à sua filha, planejada em conjunto mas adotada individualmente pela companheira³⁵.

Temos, como hipótese, que o chamado “prejuízo à criança”, usado pelas correntes mais conservadoras da sociedade como justificativa para não incluir a configuração familiar homoparental na legislação, é devido a ser esse o argumento com maior apelo social, numa época em que os direitos da criança e do adolescente são prioritários. Continua, por isso, a ser utilizado apesar de as pesquisas empíricas comprovarem a não-existência de prejuízos.

³² Esse caráter inovador pode ser confirmado em muitas das sentenças elaboradas pelos desembargadores José Carlos Teixeira Giorgis e Rui Portanova, relativas aos direitos dos homossexuais.

³³ Sentença proferida pelo juiz Roberto Lorea no dia 14/02/2005, publicada na Revista de Sentenças e Decisões de 1º grau RS, nº13, julho 2005, p. 66-71.

³⁴ Sentença proferida pelo juiz Marcos Danúbio Edon Franco e confirmada por unanimidade pelos Desembargadores integrantes da Sétima Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Estado Des. Luiz Felipe Brasil Santos (relator), Des. Maria Berenice Dias (presidente) e Des. Ricardo Raupp Ruschel, no dia 6 de abril de 2006.

³⁵ Há alguns meses obtivemos um relato de situação ocorrida em Porto Alegre, onde uma lésbica que havia planejado a adoção e criado uma criança em conjunto com a parceira, depois de uma separação litigiosa, ficou impedida pela mãe legal (adotante) de manter contato com a criança durante 1 ano. Recorrendo ao Poder Judiciário, teve reconhecido seu direito de visita, pernoite e fins de semana alternados com a criança.

2.2 O que dizem os resultados das pesquisas

O conjunto das pesquisas aponta em uma mesma direção e seus resultados deram suporte para manifestações oficiais de diversas entidades norte-americanas de profissionais das áreas da Psicologia, Antropologia, Psiquiatria, Pediatria, Serviço Social e Direito, a favor do casamento e adoção por homossexuais, como pode ser visto no capítulo III. Orientam, também, as decisões de outros países como Espanha e Inglaterra, na liberação do casamento e adoção por homossexuais.

O resultado geral da nossa pesquisa bibliográfica mostra que as pesquisas empíricas realizadas por diferentes autores indicam a inexistência de diferenças em relação à habilidade para o cuidado de filhos e à capacidade parental de pessoas heterossexuais e homossexuais, bem como demonstra não haver diferenças significativas entre o desenvolvimento de crianças criadas por famílias heterossexuais quando comparadas àquelas de famílias homossexuais.

As críticas a esse conjunto de resultados é haver muitas dificuldades metodológicas que não são solucionadas em cada estudo. Entretanto, segundo Patterson (1996³⁶), não são os resultados isolados provenientes de tal ou tal estudo que serão significativos, mas o acúmulo de elementos provenientes de diferentes estudos, possibilitando a elaboração de uma meta-análise.

Mostraremos, a seguir, as principais conclusões das pesquisas, respondendo às perguntas que detectamos serem as mais freqüentes sobre homoparentalidade, incluindo, nas respostas, também os dados coletados na nossa própria pesquisa empírica. Os trabalhos mais importantes estão apresentados de forma mais extensa na bibliografia comentada e na sistematização das principais revisões, no capítulo III.

2.2.1 Pais homossexuais podem ser bons pais?

Segundo o significativo número de trabalhos existentes, alguns revisados por Patterson (1996)³⁷ e Stacey, Biblarz (2001)³⁸, não existem diferenças entre pais/mães homossexuais e heterossexuais quanto à atenção dedicada aos filhos/as, ao tempo passado juntos ou à qualidade da relação entre eles. O estudo de Brewaeys et al. (1997³⁹) com mães lésbicas mostra que os cuidados com as crianças são divididos mais igualmente. As lésbicas contam com maiores recursos psíquicos e suas parceiras se apresentam com mais disponibilidade e mais entrosadas na criação dos filhos do que os novos parceiros homens de mulheres heterossexuais. Golombok refere, no seu estudo de 1996⁴⁰, que as mães lésbicas têm mais interações com seus filhos do que as mães heterossexuais. Mucklow e Phelan (1979)⁴¹ sugerem que mães lésbicas e heterossexuais podem ser mais semelhantes do que diferentes nas suas atitudes maternais e no autoconceito.

O trabalho de Patterson (1996) demonstra que, independente da orientação sexual, é melhor para o desenvolvimento da criança que ela seja criada por mais de uma pessoa. Comparando as

³⁶ PATTERSON, Charlotte J. **Résultats des Recherches concernant L'homoparentalité**. Université de Virginie/APA, 1996. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 28 set. 2004.

³⁷ Op. cit. nota 36 da pg. 35.

³⁸ STACEY, Judith; BIBLARZ, timothy J. (How) Does the sexual orientation of parents matter? In: **American Sociological Review**. Vol. 66, 2001.(pgs. 159 – 183) Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 28 set. 2004.

³⁹ Revisado por Stacey e Biblarz, 2001.

⁴⁰ GOLOMBOK, Susan; TASKER, Fiona. Do parents influence the sexual orientation of their children? Findings from a longitudinal study of lesbian families. **Developmental Psychology**, v.32, n.1, 1996. p. 3-11. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 07 out. 2004.

⁴¹ MUCKLOW, B. M., & PHELAN, G. K. (1979). Lesbian and traditional mothers' responses to Adult Response to Child Behavior and self-concept. *Psychological Reports*, 44, 880-882.

relações de homens heterossexuais e homens gays com seus filhos, o trabalho evidencia que os segundos têm maior capacidade de resolver os problemas das crianças, estão mais dispostos a se divertir com os filhos e estimular sua autonomia, bem como dão maior importância ao seu papel de pais.

Bigner et al. (1989)⁴² mostram que pais, tanto hetero quanto homossexuais são muito semelhantes no grau de envolvimento e grau de intimidade com os filhos. Pais gays são geralmente mais rigorosos, mas também mais responsivos e tomam mais cuidado com a socialização das crianças do que os pais não-gays. Sugerem que o comportamento socialmente mais adequado dos pais gays pode resultar da pressão para ser um “bom” pai, percebida mais agudamente por eles do que pelos pais não-gays.

O trabalho de Flaks et al. (1995)⁴³ informa que, apesar de semelhantes nas interações com os filhos, os casais lésbicos exibem mais habilidades no cuidado parental do que os casais heterossexuais.

Avaliando uma pequena amostra aleatória de pais gays, e de mães lésbicas (entre 29 e 53 anos) e de pais/mães heterossexuais sozinhos quanto ao relacionamento com os filhos, os resultados do trabalho de Harris e Turner (1985)⁴⁴ mostram que, nos três grupos, os pais/mães referem relacionamento positivo com os filhos e poucos problemas de maior gravidade. Entre as diferenças evidenciadas estão: a) os pais heterossexuais se esforçam mais para prover um modelo do sexo oposto para seus filhos; b) as lésbicas percebem maiores benefícios para seus filhos com respeito à sua homossexualidade do que os homens gays; c) os homens gays relatam menos discordâncias com os parceiros sobre disciplina, maior encorajamento para brinquedos masculinos e mais satisfação com seu primeiro filho do que as lésbicas.

Pennigton (1987)⁴⁵ encontrou que os problemas das crianças não estavam necessariamente relacionados à orientação sexual das mães e que a qualidade da maternagem era o fator determinante para o seu bem-estar e bom desenvolvimento. Rand et al (1982)⁴⁶ mostram que a saúde psicológica global de mães lésbicas é semelhante a das mães heterossexuais.

Turner et al. (1990)⁴⁷ evidenciam diferenças entre pais gays e mães lésbicas. Mães lésbicas têm menor renda, falam mais facilmente com os filhos sobre sua homossexualidade e encontram mais dificuldade de conciliar seu papel materno com o lesbianismo. Tanto gays quanto lésbicas têm poucos problemas com seus filhos como resultado da sua homossexualidade.

Stacey, Biblarz (2001)⁴⁸ fazem uma crítica importante ao conjunto das pesquisas, assinalando que a preocupação em comparar os efeitos sobre as crianças de famílias hetero ou de homossexuais prejudica o estudo das especificidades das famílias homoparentais. De forma semelhante, De Singly e Descoutures (1999)⁴⁹ chamam a atenção para o risco de se inverter o sinal, mantendo o preconceito, ao se tratar as famílias homoparentais como um modelo mais adequado de parentalidade do que o das famílias heterossexuais. Ambos os trabalhos sugerem a necessidade de pesquisas que saiam da comparação e abordem mais diretamente as situações próprias da homoparentalidade.

⁴² BIGNER, J.J., & JACOBSEN, R.B. (1989). The value of children to gay and heterosexual fathers. **Journal of Homosexuality**, 18 (1/2), 163-172.

⁴³ FLAKS, D. K.; FICHER, I.; MASTERPASQUA, F. & JOSEPH, G. (1995). Lesbians choosing motherhood. A comparative study of lesbian and heterosexual parents and their children. **Developmental Psychology**, 31, 105-114.

⁴⁴ HARRIS, M. B., & TURNER, P. H. (1985). Gay and lesbian parents. **Journal of Homosexuality**, 12, 101-113.

⁴⁵ PENNINGTON, S. B. (1987). Children of lesbian mothers. In: F.W. BOZETT (Ed.), **Gay and lesbian parents** (pp. 58-174). New York: Praeger.

⁴⁶ RAND, C., GRAHAM, D. L. R., & RAWLINGS, E.I. (1982). Psychological health and factors the court seeks to control in lesbian mother custody trials. **Journal of Homosexuality**, 8, 27-39.

⁴⁷ Turner, P. H., Scadden, L., & Harris, M. B. (1990). Parenting in gay and lesbian families. *Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy*, 1(3), 55-66.

⁴⁸ Op. cit. nota 37 da pg. 35.

⁴⁹ DE SINGLY, François; DESCOUTURES, Virginie. **La Vie em Famille Homoparental**. Centre des recherches sur les Liens Sociaux CNRS-Université de Paris V, 1999. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 30 set. 2004]

2.2.2 As crianças têm necessidade de um pai e uma mãe para desenvolverem adequadamente os aspectos importantes do seu psiquismo?

Não é o sexo dos pais/mães um fator importante para o bom desenvolvimento da criança, mas a qualidade da relação que os pais conseguem estabelecer com os filhos. A ausência de pais dos dois sexos não parece ter nenhuma incidência sobre o desenvolvimento da identidade sexual e o desenvolvimento psicológico geral das crianças, como demonstram os estudos feitos por Flaks et al. em 1995; Chan et al. em 1998; Brewaeys et al. em 1997, Kirkpatrick et al em 1981 e Golombok et al. em 1997 (in Stacey, Biblarz, 2001)⁵⁰. Existem poucos estudos sobre casais de homens, mas pesquisas com pais celibatários parecem confirmar que o desenvolvimento de uma criança não fica comprometido pela ausência de mãe. As diferenças mais marcantes se encontram entre famílias biparentais* e famílias monoparentais*, independentemente do sexo dos pais, conforme o estudo de Golombok et al. de 2002⁵¹.

O trabalho de Golombok et al. (1983)⁵² comparando os aspectos do desenvolvimento infantil das crianças indica não haver diferenças entre os filhos/as de mães lésbicas ou de heterossexuais em relação à identidade de gênero e comportamento de gênero. Não há evidência de identidade de gênero discordante da identidade de sexo entre os filhos/as de mães lésbicas. Bom relacionamento com os colegas foi observado em ambos os grupos. Problemas psiquiátricos entre as crianças eram incomuns em ambos os grupos mas proporcionalmente maior no grupo de mães heterossexuais sozinhas.

Dentre os poucos trabalhos pesquisando, também, filhos de transexuais, encontramos o de Green et al. (1978)⁵³. Todos os filhos entrevistados (trinta e sete, com idades entre 3 e 20 anos) exceto um, indicaram que brinquedos, jogos, roupas e gênero dos amigos eram típicos do seu gênero. Treze indivíduos mais velhos indicaram fantasias eróticas ou comportamentos sexuais e a sua totalidade era heterossexual na orientação. O mesmo autor, em trabalho de 1982⁵⁴, conclui que as dificuldades experimentadas pelas crianças em lares de mães lésbicas provêm de reações ao divórcio e não do lesbianismo da mãe. Em 1986⁵⁵ publica outra pesquisa na qual avalia o desenvolvimento psicossocial e psicosssexual de 56 crianças vivendo com mães lésbicas e 48 crianças de mães heterossexuais. Os resultados revelam não haver diferenças entre os dois grupos quanto ao QI, concepção de si, ou ajustamento social. Não há evidência de conflito na identidade de gênero nas crianças de mães lésbicas e nenhuma psicopatologia relacionada à orientação sexual das mães. Filhas de lésbicas preferem trabalhos tradicionalmente masculinos significativamente mais do que filhas de mães heterossexuais e são menos tradicionalmente femininas no vestir e em atividades preferenciais na escola e em casa, mas essas diferenças não estão fora da escala normal. Nenhuma diferença foi encontrada para os meninos de ambos os grupos, com 95% deles escolhendo trabalhos tradicionalmente masculinos.

⁵⁰ Op. cit. nota 37 da pg. 35.

⁵¹ GOLOMBOK, Susan. **Adoption by Lesbian Couples**. BMJ, v. 321, june, 2002. p. 1407-1408. Disponível em: <<http://www.hrc.org>>. [Acesso em: 29 out. 2004].

⁵² GOLOMBOK, S., SPENCER, A., & RUTTER, M. (1983). Children in lesbian and single-parent households: Psychosexual and psychiatric appraisal. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, 24, 551-572.

⁵³ GREEN, R. (1978). Sexual identity of 37 children raised by homosexual or transsexual parents. **American Journal of Psychiatry**, 135, 692-697.

⁵⁴ GREEN R. (1982). The best interests of the child with a lesbian mother. **Bulletin of the American Academy of Psychiatry and the Law**, 10, 7-15.

⁵⁵ GREEN, R., MANDEL, J. B., HOTVEDT, M. E., GRAY, J., & SMITH, L. (1986). Lesbian mothers and their children: A comparison with solo parent heterosexual mothers and their children. **Archives of Sexual Behavior**, 15, 167-184.

Hoefffer (1981)⁵⁶, na avaliação do comportamento sexuado de crianças filhas de mães lésbicas e mães heterossexuais usa as preferências das crianças por brinquedos tipicamente masculinos, femininos ou neutros como índices de comportamento sexuado. Nenhuma diferença foi encontrada entre os dois grupos de crianças relacionadas aos brinquedos de preferência, embora apareçam diferenças de gênero em ambos os grupos, com as meninas preferindo mais brinquedos femininos e os meninos, brinquedos masculinos.

Huggins (1989)⁵⁷ examina a construção psíquica do amor-próprio de adolescentes de mães lésbicas divorciadas e mães heterossexuais divorciadas, não encontrando diferenças significativas entre eles. Os achados são consistentes com outros estudos, cruzando diferentes variáveis, indicando que filhos/as de lésbicas e gays não têm um risco maior de problemas com "...confusão na identidade sexual, comportamento de gênero inapropriado, psicopatologia ou orientação homossexual" (p. 124).

2.2.3 Nas famílias homoparentais, um é o "pai" e outro a "mãe"?

Um homem gay não se torna mulher por ter o seu desejo sexual orientado para um outro homem, assim como uma mulher lésbica não se torna homem pela mesma razão. Se pensarmos em termos de "função parental"* podemos dizer que a função "materna" ou "paterna" poderá ser desempenhada por qualquer dos parceiros, mesmo quando exercida de forma mais marcante por um ou outro dos membros do casal, sem que isso os transforme em mulher ou homem. Do ponto de vista da Psicanálise, considera-se necessária a presença de um "terceiro" para a separação psíquica entre mãe e filho, uma das atribuições da chamada "função paterna". Entretanto, nas discussões sobre famílias nas quais os pais são do mesmo sexo, há uma confusão entre o entendimento do que seja a função psíquica cumprida pelo "terceiro" e a sua nomeação como "paterna". Tanto nos casais gays quanto lésbicos, a função de "terceiro" pode ser exercida pelo parceiro/a do pai/mãe. Ao ser ele/ela o "objeto de desejo" do pai/mãe, introduz-se na fusão mãe-filho inicial, mostrando ao filho a existência de um "outro" desejado e, com isso, inaugura a alteridade. Para o filho, não importa o sexo da pessoa para a qual o desejo do pai/mãe está direcionado. O importante é a descoberta da existência de uma outra pessoa, que não ele/ela, por quem o pai/mãe sente desejo.

Entre o nossos informantes, usualmente, o exercício das funções materna e paterna se dá de acordo com as características e preferências de cada um, não havendo necessariamente, nos casais homossexuais, uma divisão rígida de "papéis de gênero"*: feminino para o que cumpre uma função dita materna e masculino para uma função dita paterna. Um dos dois pode exercer mais o papel de autoridade, normalmente aquele considerado o "verdadeiro" pai, por ser o pai biológico ou por ser o pai adotante, o único reconhecido pela lei. O segundo pai ou o companheiro do pai, em geral, ocupa um lugar mais "maternal", não porque seja mais feminino na sua identidade, mas porque se encarrega das tarefas nas quais o reconhecimento do "verdadeiro" ou do legal não é solicitado, geralmente os cuidados domésticos. Nas famílias em que um dos componentes é travesti ou transexual, a divisão dos papéis parentais é mais definida e parece se dar de acordo com o sexo/gênero de "escolha" de cada um: mulheres transexuais e travestis são consideradas mães e seus companheiros, pais.

2.2.4 Como os filhos podem nomear os pais e as mães sendo eles do mesmo sexo?

⁵⁶ HOEFFER, B. (1981). Children's acquisition of sex-role behavior in lesbian-mother families. **American Journal of Orthopsychiatry**, 51, 536-544.

⁵⁷ HUGGINS, S. L. (1989). A comparative study of self-esteem of adolescent children of divorced lesbian mothers and divorced heterosexual mothers. **Journal of Homosexuality**, 18 (1/2), 123-135

Cada grupo familiar pesquisado por nós reinventa seus próprios termos de nomeação, para possibilitar a inclusão de outros tipos de cuidadores parentais, além da nomeação tradicional “pai” e “mãe”. Encontramos nomes como “dindo”, “painho” — “mainha” e equivalentes femininos para as travestis e transexuais — e alguns diminutivos dos nomes próprios sendo utilizados pela criança para nomear o segundo cuidador, todos indicando a existência de uma ligação afetiva mais significativa. A hipótese é de que, por não haver uma definição, nem social nem legal, para estes outros cuidadores, não existem, ainda, termos de parentesco que permitam nomeá-los. Mesmo assim, é importante salientar que essas novas configurações encontram alternativas de nomeação sempre vinculadas ao reconhecimento da diferença dos sexos/gêneros, evidenciando que as crianças não fazem confusão sobre o gênero dos pais e não são prejudicadas, em termos do aprendizado das diferenças sexuais dos pais, pelo fato de serem criadas em famílias homoparentais.

2.2.5 Os pais/mães homossexuais recusam a existência dos dois sexos e impedem as crianças de saber o que é um homem e uma mulher?

As crianças desenvolvem modelos de gênero semelhantes aos demais, não havendo uma influência maior relacionada à orientação sexual dos pais. Segundo as pesquisas, as crianças de mães lésbicas divorciadas mantêm um contato mais regular com seu pai biológico do que as crianças de mães divorciadas heterossexuais (Julien, Dubé, Gagnon, 1994⁵⁸). As mães lésbicas que fazem uso das novas tecnologias, nos casos de o doador ser anônimo, ou na ocorrência de adoção em contexto homoparental, na sua maioria, escolhem um homem (avô, tio, amigo) como padrinho da criança, o qual terá uma função particular junto a ela.

Os casais de homens que criam filhos dificilmente escapam da presença das mulheres no cotidiano, pois os trabalhos com a primeira infância são profundamente feminilizados. Confirmamos isso com os nossos informantes, os quais, embora justifiquem o não-recurso às novas tecnologias reprodutivas pela idéia de não querer depender de uma mulher, em sua maioria, reconhecem a necessidade de uma pessoa do sexo feminino, durante a vida cotidiana, para ajudar nos cuidados com a criança. Essa necessidade alude ao cumprimento das tarefas domésticas e à valorização de uma mulher que sirva como modelo de “feminino” para a criança. Nesse sentido, os informantes contam com empregada, mãe, irmãs e até amigas para auxiliar no cuidado com os filhos.

Um dado que vai no mesmo sentido é o de muitos dos homossexuais pretenderem adotar uma criança mais crescida, que não demande “cuidados especiais”, para os quais as mulheres são entendidas como mais aptas. Os informantes demonstram querer que as crianças mantenham contato com pessoas de ambos os gêneros. Assim, o fato de ser criada por dois homens não implica que a criança crescerá sem referências femininas no seu cotidiano familiar.

Um outro elemento a ser destacado é o das representações de família: tanto as de modelo tradicional, quanto as que acionam as novas configurações continuam relacionando o cuidado parental às atribuições de gênero tradicionais. Apesar da incorporação, na configuração familiar, de espaços para outros tipos de cuidadores, as representações das figuras parentais principais continuam sendo “maternas” e “paternas”, às quais se atribuem diferentes tipos de cuidados parentais. Mesmo os casais de homens que adotam e criam o filho em conjunto, buscam figuras maternas (suas mães ou empregadas domésticas) para os cuidados cotidianos que envolvem alimentação, vestuário e saúde.

⁵⁸ JULIEN, Danielle; DUBÉ, Monique; GAGNON, Isabelle. Le développement des enfants de parents homosexuels comparé à celui des enfants de parents hétérosexuels. **Revue Québécoise de Psychologie**. vol. 15, n. 3, 1994. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 28 set. 2004].

2.2.6 Os filhos/as de homossexuais têm mais tendência a serem também homossexuais?

É importante ressaltar que a socialização dos filhos em ambientes homoparentais faz com que as crianças e adolescentes transitem melhor entre as diferentes possibilidades de relações afetivo-sexuais, posicionando-se de forma mais aberta quanto a essas diferenças.

Entretanto, em relação a comportamentos, preferências e orientação sexual dos filhos, não existem diferenças significativas entre os adultos jovens, filhos de pais heterossexuais e os de pais/mães gays ou lésbicas. Filhos/as de mães lésbicas fazem mais referência à possibilidade de relações homossexuais sem, no entanto, se fixarem nesse tipo de relação. No estudo de Bailey et al. (1995⁵⁹), mais de 90% dos filhos adultos de pais gays se consideravam heterossexuais. A orientação sexual dos filhos não está diretamente relacionada com a quantidade de tempo que viveram com seus pais. Os autores concluem não haver evidência disponível com base empírica para que haja impedimento da custódia da criança para pais gays e mães lésbicas, usando como justificativa os efeitos na orientação sexual dos filhos.

As adolescentes de mães lésbicas referem um repertório mais variado de relações sexuais, aderem mais a profissões ditas masculinas e se submetem menos às expectativas tradicionais de gênero (docilidade, delicadeza, vaidade etc.). Da mesma forma os meninos são menos agressivos que os de famílias heterossexuais, embora tenham comportamentos que se adaptam mais às expectativas de gênero do que as meninas. Porém, a taxa de homossexualidade é a mesma das famílias heterossexuais (Stacey, Biblarz, 2001)⁶⁰.

O temor de que a orientação sexual dos filhos de homossexuais seja, também, homossexual, além de não encontrar suporte nos resultados das pesquisas, demonstra que essa questão é, em si mesma, preconceituosa.

2.2.7 É melhor esconder ou revelar a homossexualidade para os filhos?

Os dados bibliográficos fornecem base para desfazer a crença de que o segredo em relação à orientação sexual dos pais ou a necessidade de que vivam separados do parceiro do mesmo sexo corresponde ao melhor interesse da criança. As crianças informadas sobre a identidade gay, lésbica ou bissexual dos pais na infância ou no final da adolescência reagiram melhor do que as que foram informadas no início e no meio da adolescência. Os que foram informados ainda na infância apresentam uma auto-estima mais elevada do que os informados na adolescência (Patterson, 1996)⁶¹. Os trabalhos sinalizam que a adolescência não é o melhor momento para a revelação de segredos pois nela surgem muitos pontos de tensão e rebeldia na relação com os pais. Os problemas dessa fase não se relacionam com a orientação sexual embora, nesse momento, a sexualidade dos pais possa emergir como um ponto crítico e pais gays e mães lésbicas sintam-se rejeitados pelos filhos. Esse é um problema enfrentado tanto pelas famílias homo quanto heterossexuais. Dunne (1987)⁶² mostra que os pais que tiveram auxílio de grupos de apoio se sentiram mais confortáveis ao revelar sua orientação sexual aos filhos.

⁵⁹ BAILEY, J. Michel. Sexual orientation of adult sons of gay fathers. **Developmental Psychology**, v.31, n.1. 1995. p. 124-129. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 29 set. 2004.

⁶⁰ Op. cit. nota 37 da pg. 35.

⁶¹ Op. cit. nota 30 da pg. 35.

⁶² Dunne, E. J. (1987). Helping gay fathers come out to their children. *Journal of Homosexuality*, 14(1/2), 213-222.

2.2.8 Os pais/mães homossexuais ou seus amigos/as abusam dos filhos?

Nenhum dos trabalhos revisados coloca o abuso dos filhos como uma característica das famílias homoparentais. Ao contrário, ressaltam que o risco de abuso pelos pais ou amigos destes é o mesmo das famílias heterossexuais (Paterson, 1996)⁶³.

Os nossos dados evidenciam que, nas novas configurações familiares, assim como na família tradicional, há uma separação moral entre a esfera da família e a da sexualidade, condensada na preocupação de “deixar as crianças longe da putaria”. Essa é uma preocupação dos nossos informantes, os quais relatam ser a sua sexualidade exercida no âmbito privado, longe do olhar dos filhos. Como nos mostra Tarnowski (2003)⁶⁴, a parentalidade promove uma moralização no campo das relações sociais, de forma que os pais homossexuais passam a selecionar aquelas pessoas com as quais se relacionam, principalmente aquelas que freqüentam a casa da família, com vistas a proteger os filhos.

2.2.9 Como as crianças vão lidar com o preconceito e a discriminação decorrente da homossexualidade dos pais?

Se uma criança cresce em um ambiente familiar que trate com transparência as questões relacionadas às suas origens, e sem segredos sobre a relação dos pais, poderá encontrar dificuldades, ou não, dependendo do olhar que a sociedade em que vive lança sobre ela. Frequentemente, o mais difícil de ser vivenciado é a estigmatização que a sociedade lança sobre as famílias “diferentes”.

Entretanto, embora a estigmatização das famílias gays e lésbicas possa trazer problemas para a relação da família com o mundo exterior, as famílias homoparentais desenvolvem mecanismos de enfrentamento, dentre eles a não-revelação da orientação sexual dos pais para além do grupo familiar. Da mesma forma que outros grupos minorizados, vítimas de preconceito, as crianças de famílias homoparentais aprendem quando combater, ou não, as discriminações e escolhem os amigos com quem vão compartilhar a informação.

Em situações de tensão, como nas relações com a escola, a Associação Americana de Pediatria sugere que os pediatras intervenham como mediadores de conflitos e incentivem as famílias a procurar redes de ajuda para compartilhamento de experiências, que criam ambientes mais acolhedores para as crianças, em relação à diversidade sexual.

2.2.10 Existem pesquisas com resultados diferentes?

Existem algumas pesquisas realizadas pelo Family Research Institute, sob a coordenação de Paul Cameron⁶⁵, que apresentam resultados divergentes dos apresentados acima, apontando para possíveis prejuízos para as crianças, decorrentes da convivência em família homoparental. Suas conclusões estão baseadas na compreensão de que a homossexualidade é uma doença de caráter contagioso (associada a uma propensão à criminalidade), o que acarretaria prejuízos às crianças.

⁶³ Op. cit. nota 30 da pg. 35.

⁶⁴ Op. cit. nota 27 da pg. 28.

⁶⁵ CAMERON, P; CAMERON, K. Did the APA misrepresent the scientific literature to courts in support of homosexual custody? **Journal of Psychology**, 131, 313-332. As opiniões de Paul Cameron estão, também, publicadas no Journal of the Family Research Institute.

Essas pesquisas são, entretanto, criticadas por inconsistência metodológica, manipulação de resultados e falsificação de dados. Conforme a Associação Americana de Psicologia, Paul Cameron é um ativista antigay declarado, expulso da Associação em 1983 por ter violado os mais elementares princípios éticos da Psicologia. Os artigos que vem publicando sobre os prejuízos da parentalidade gay e lésbica se baseiam em um estudo realizado entre 1983 e 1984 em oito cidades norte-americanas. Entre as principais críticas dirigidas a ele em relação a esse estudo destacam-se: a divulgação de uma pesquisa como sendo de âmbito nacional embora partisse apenas dos dados coletados em algumas poucas cidades; a maior parte da amostra entrevistada não chegou a completar os questionários; os dados não são representativos a ponto de sustentar as análises realizadas; a enorme margem de erro da amostra nunca foi divulgada; as entrevistas eram enviesadas e não respeitavam procedimentos uniformes; mesmo durante a coleta dos dados, Cameron já publicava em jornais de circulação das cidades que participaram da pesquisa, uma antecipação dos resultados (Hereck, 1998)⁶⁶. Sobre essas pesquisas, ver as críticas também nas revisões de Navarro Frias, Llobell e Bort (2003,2004)⁶⁷. As pesquisas de Cameron são citadas em muitos trabalhos que tratam da homoparentalidade como exemplo de distorção de resultados. Devido às críticas que receberam, desqualificando a metodologia utilizada, e a falta de seriedade das análises, optamos por não considerar essas pesquisas como importantes no conjunto dos nossos resultados.

2.3 O Campo Jurídico

A legislação brasileira não incide da mesma maneira sobre as diferentes possibilidades de existência de famílias homoparentais. A co-parentalidade*, por exemplo, é uma das formas possíveis de família homoparental sobre a qual o Direito não tem nenhuma ingerência na construção. O nosso Código Civil tampouco prevê a complexidade de alianças e filiações decorrentes da co-parentalidade homossexual. Dessa forma, não pode garantir à criança nem a estabilidade nem a memória de seus vínculos parentais, pois, ao reconhecer a existência legal de apenas um pai e uma mãe, deixa fora da proteção do Estado os outros participantes dessa nova configuração, juntamente com os direitos e deveres que lhes são inerentes.

Nos casos de co-parentalidade, a criação do filho se dá de forma conjunta, pelo contrato entre duas pessoas (ou dois casais) de sexo oposto, que não mantêm entre si relação de conjugalidade. Essa modalidade inscreve a concepção num contexto heterossexual e a criação em contexto deliberadamente homossexual. Assim, os co-parentes asseguram à criança, pelo menos teoricamente, o conhecimento das origens biológicas e afetivas, mas não garantem a proteção legal das relações derivadas delas. O recurso ao uso de Novas Tecnologias Reprodutivas também não está regulamentado pelo Código Civil Brasileiro. Segundo Brauner (2003)⁶⁸, a única normatização existente é uma resolução do Conselho Federal de Medicina, o que deixa a cargo das opiniões pessoais e posições ideológicas dos médicos o acesso ou não de pessoas homossexuais a essas novas tecnologias.

Nessas duas situações os problemas legais acontecem depois do nascimento do filho e são relativos aos direitos e deveres dos parceiros/as dos pais/mães biológicos, que ainda não encontraram lugar nem social nem legalmente reconhecido.

⁶⁶ HEREK, G.M. Paul Cameron fact sheet (Copyright 1997-2000 por G.M. Herek) Disponível em: http://psychology.ucdavis.edu/rainbow/html/facts_cameron_sheet.html

⁶⁷ NAVARRO, María Dolores Frías; LLOBELL, Juan Pascual & BORT, Hector Monterde i. **Família y diversidad: hijos de padres homosexualres**. In: IV Congreso Virtual de Psiquiatria. Interpsiquis, 2003. NAVARRO, Marysa & STIMPSON, Catharine R. **Sexualidad Género y Roles Sexuales** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1999. Disponível em: <http://interpsiquis.com/2003/> . Acesso em 21/07/2005.

⁶⁸ BRAUNER, Maria Claudia Crespo. Direito, Sexualidade e Reprodução Humana – conquistas éticas e debate bioético. Rio de Janeiro, Ed. Renovar: 2003.

Nos casos em que o contexto familiar homossexual é posterior a uma relação heterossexual desfeita, o problema legal que poderá surgir será relativo ao uso da homossexualidade de um dos pais como justificativa para impedimento do exercício do seu direito de parentalidade como guarda, visita, pernoite, férias etc. Em outros casos, pode haver uma exigência por parte do pai/mãe heterossexual de não-convivência da criança com o novo parceiro/a do pai/mãe homossexual, sob alegação de ser necessário proteger a criança do conhecimento desse tipo de relacionamento. Nessas situações, o impedimento constitucional de discriminação por qualquer razão, deve ser suficiente para evitar que os direitos parentais das pessoas homossexuais sejam desrespeitados. Entretanto, as pesquisas mostram que uma das grandes preocupações das mães lésbicas é, justamente, perder a guarda dos seus filhos devido a tal tipo de situação. Quando isso acontece, a justificativa apresentada na sentença costuma ser a defesa do melhor interesse da criança, ao ser considerada a homossexualidade do pai/mãe um fator de prejuízo para o bom desenvolvimento do filho (Julien, Dubé, Gagnon, 1994)⁶⁹.

Quando a escolha é pela adoção, os diferentes obstáculos jurídicos à constituição de uma família adotiva homoparental decorrem, de um lado, da impossibilidade de desvincular os aspectos biológicos, sociais e jurídicos da filiação e, de outro, da norma da “diferença dos sexos”. A adoção legal é a situação na qual o Poder Judiciário é sempre chamado a se manifestar e, como tem por finalidade dar uma família a uma criança, a intenção é criar uma filiação o mais próximo possível da biológica, mesmo que a adoção seja o exemplo típico de filiação instituída pelo Direito e não pela natureza (Gross, 2003)⁷⁰. Como na homoparentalidade por adoção essa ficção jurídica não pode ser mantida, fica dificultada a adoção pelos casais homossexuais.

2.3.1 Homossexuais podem adotar?

O Estatuto da Criança e do Adolescente — ECA — Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, é o principal instrumento jurídico a tratar dos procedimentos da adoção e não apresenta qualquer ressalva no que tange à orientação sexual do adotante. Assim, em seu artigo 42, o ECA estabelece que “podem adotar os maiores de 21 anos, independentemente de seu estado civil”. O pedido de adoção deve ser apreciado à luz do princípio do melhor interesse da criança, conforme previsto no artigo 43, do ECA, quando estabelece que “a adoção será deferida quando apresentar reais vantagens para o adotando e fundar-se em motivos legítimos”. Deste modo, a adoção por pessoa homossexual feita individualmente não está impedida, mesmo quando, na prática, as avaliações técnicas por psicólogos e assistentes sociais e os procedimentos administrativos possam ser mais minuciosos nesses casos.

2.3.2 Há impedimento legal para a adoção por casais homossexuais?

Para o enfrentamento da questão da adoção por casal do mesmo sexo, importa examinarmos o artigo 42, § 2º, do ECA, o qual prevê “A adoção por ambos os cônjuges ou concubinos poderá ser formalizada, desde que um deles tenha completado vinte e um anos de idade, comprovada a estabilidade da família.”.

⁶⁹ Op. cit. nota 58 da pg. 42.

⁷⁰ GROSS, Martine. **L’Homoparentalité**. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.

Segundo Lorea (2005⁷¹), para haver a adoção por duas pessoas não há a necessidade de que o pedido de adoção seja feito por duas pessoas formalmente casadas entre si, pois há previsão legal de concubinos poderem adotar conjuntamente, desde que comprovada a estabilidade familiar. O artigo 1.622, do Código Civil de 2002, prevê a possibilidade de adoção por casais que vivam em união estável. Logo, embora o artigo 226, § 3º, da Constituição Federal, reconheça como entidade familiar a união estável “entre o homem e a mulher”; considerando-se a união estável uma entidade familiar; havendo previsão constitucional (artigo 226, § 7º, da CF) de que o planejamento familiar é livre decisão do casal; competindo ao Estado propiciar recursos para o exercício desse direito, conclui-se que as entidades familiares constituídas de parceiros em união estável podem adotar conjuntamente.

Dito isto, basta mencionar que, no Rio Grande do Sul há um provimento administrativo da Corregedoria Geral da Justiça, nº 06/2004, que regulamenta o registro civil de uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo para que, seguindo-se a lógica já exposta, conclua-se no sentido da possibilidade de adoção por ambos os parceiros em união estável, independentemente de sua orientação sexual.

Nem poderia ser diferente, na medida em que a Constituição Federal, em seu artigo 3º, inciso 4º, estabelece como objetivo fundamental da República “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.” Seja porque já abrangida pela menção direta a “sexo”, seja porque vedada qualquer forma de discriminação, a orientação sexual não pode ser obstáculo à adoção. A mesma argumentação pode ser utilizada em relação aos pedidos de guarda por pais que se declaram homossexuais, os quais tampouco podem ser objeto de discriminação em função da sua orientação sexual.

Esse raciocínio se vê reforçado no Rio Grande do Sul, pela Lei Estadual nº 11.872, de 19 de dezembro de 2002, na qual o Estado do Rio Grande do Sul se compromete com a defesa da liberdade de orientação sexual.

2.3.3 Que outros fatores influenciam a busca pela adoção legal e por que os homossexuais buscam a adoção individualmente?

Como vimos anteriormente, embora a lei não traga impedimento à adoção por casais homossexuais, todos os nossos informantes que buscaram a adoção legal o fizeram individualmente, mesmo estando em parceria conjugal. Entendemos que a representação da família nuclear vigente na nossa sociedade e muitas vezes compartilhada pelos informantes, pode trazer como implicação, o temor de um indeferimento do pedido da adoção pelo fato de serem homossexuais, o que explica sua conseqüente opção por não demandar a adoção conjunta. Assim, os homossexuais entrevistados que têm ou planejam ter acesso à parentalidade, em sua maioria, optam pela adoção legal por parte de apenas um dos parceiros.

A escolha da adoção como via principal de acesso à parentalidade não pode ser pensada sem considerar as peculiaridades dos nossos informantes homossexuais, pertencentes às camadas média e média alta da população, alto nível de escolaridade, militância ou amizade com militantes de grupos que lutam pelos direitos dos homossexuais. Essas características se afirmam como significativas no fato de todos buscarem a adoção através do sistema judiciário, mesmo admitindo a possibilidade de enfrentar preconceitos. É preciso levar em conta que existe, para esses informantes, não apenas uma consciência maior dos direitos de cidadania mas, também, recursos financeiros para lutar por eles. Para travestis e transexuais a situação é bem diferente, como veremos adiante.

⁷¹ LOREA, Roberto. Homoparentalidade por Adoção no Direito Brasileiro. **Revista Juizado da Infância e Juventude**. Tribunal de Justiça do RS, ano III, n. 5, março de 2005, pg. 37-44.

2.3.4 Quais são os direitos das crianças filhas de um casal homossexual quando apenas um dos parceiros/as é legalmente pai ou mãe?

Nesses casos, as crianças de famílias homoparentais não têm direito ao nome e à filiação, bem como à herança dos dois pais ou das duas mães. Ficam, dessa forma, impedidas de pertencer às duas linhagens familiares das quais fazem parte desde quando a parentalidade foi planejada ou vivenciada em conjunto. Essas crianças ficam legalmente desamparadas em caso de morte ou separação dos pais ou das mães. Estão fora da proteção dada pelo Estado, diferentemente do que acontece com as crianças de famílias heterossexuais. Assim, a preponderância de adoções em nome de apenas um dos cônjuges homossexuais se traduz em flagrante prejuízo às crianças, que deixam de estabelecer vínculo legal com um dos adotantes de fato.

2.3.5 Qual é a situação legal do parceiro não-adotante?

Segundo a bibliografia revisada, confirmada pelos depoimentos dos entrevistados, os companheiros/as dos pais/mães legais estão desprotegidos pela lei, em relação à manutenção dos vínculos estabelecidos com a criança, em caso de ruptura do casal por separação ou morte. Nos casos de separação litigiosa, pode haver restrições ao direito de visita do pai/mãe social pelo pai/mãe legal, já que esse fica com o direito exclusivo sobre a criança, mesmo nos casos em que a parentalidade tenha sido projetada em conjunto e exercida desde o início pelos dois parceiros/as. Também os deveres decorrentes da parentalidade não são legalmente exigíveis, ficando o parceiro/a desobrigado de prover alimentos e cuidados à criança. Assim, quando isso acontece, torna-se visível o prejuízo à criança adotada por apenas um dos cônjuges.

2.3.6 O que pensam os operadores do Direito entrevistados sobre a adoção por homossexuais?

Nos dados coletados entre os operadores do Direito, pudemos observar que a preocupação maior é sempre em relação ao bem-estar da criança. Se o adotante é homossexual aumenta a apreensão quando comparado com adotantes heterossexuais. Em relação a isso, Uziel (2002)⁷² analisa que a alegação dos operadores do Direito sobre uma maior avaliação das condições de adotantes homossexuais está centrada na possibilidade de a homossexualidade dos pais interferir no bem-estar da criança. Desse modo, os operadores tendem a interpretar a adoção por homossexuais como menos favorável para a criança. Em Porto Alegre, os discursos dos operadores do Direito são muito cuidadosos em relação à possibilidade de haver preconceito pela orientação sexual e não são poucas as vezes em que as avaliações das demandas dos homossexuais têm resultado positivo. Apesar disso, os questionamentos relativos à sexualidade e à capacidade parental dos pais são mais profundamente pesquisados quando o demandante é percebido como gay ou lésbica.

2.4 As Especificidades da Parentalidade Travesti e Transexual

Apesar de serem percebidas como fazendo parte de um mesmo “universo homossexual” as travestis e as transexuais têm algumas características específicas na construção da identidade sexual e de gênero que precisam ser bem compreendidas para que possamos perceber com clareza as conseqüências sobre o tipo de parentalidade que possam vir a exercer.

⁷² Op. cit. nota 13 da pg. 20.

A visão do senso comum considera que, tanto travestis quanto transexuais, fazem parte de um grupo mais amplo abarcando também homossexuais. Essa categorização incorre numa confusão entre o que chamamos de “orientação” do desejo sexual (com as “práticas sexuais” correspondentes: homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade) e as “identidades de gênero” (a percepção de si como homem, mulher, travesti, transexual). Ambas as categorias (travestis e transexuais) identificam a si próprias como mulheres, vítimas de um “erro da natureza”, tendo nascido com um corpo trocado: alma de mulher em corpo de homem. A diferença entre elas seria, segundo a Medicina, o aparecimento precoce do sentimento de pertencer ao outro sexo e o desejo de fazer a cirurgia de “troca de sexo”.

Entretanto, existem outras diferenças que são acionadas pelas próprias travestis e transexuais na construção da sua identidade sexual e de gênero. As transexuais têm a necessidade permanente de provar que a sua “alma de mulher” provém desde o nascimento, característica que as colocaria dentro do diagnóstico de “transexualismo verdadeiro” legitimando as suas demandas frente às instituições médicas e jurídicas (cirurgia de transgenitalização e troca de documentação). Esse diagnóstico também alivia o peso das acusações sociais de conduta desviante. A diferenciação reivindicada pelas transexuais em relação às travestis vem da necessidade de se separar da imagem de violência, marginalidade e prostituição comumente ligada a estas últimas. Esta conduta é uma estratégia de enfrentamento do estigma e do preconceito social contra a sua diferença. O desejo de legitimidade social está apoiado na idéia de que, por serem vítimas da natureza, o seu comportamento não implicaria nenhum tipo de desvio moral, como o atribuído socialmente à homossexualidade e ao travestismo (Zambrano, 2003)⁷³.

As travestis igualmente se consideram “mulher em corpo de homem” embora não se enquadrem em todos os parâmetros diagnósticos da Medicina para o transexualismo. Elas também apresentam os códigos da feminilidade, porém, é a sua apresentação em excesso que confere a elas a identidade de travestis, tendo o seu *glamour* um sentido tanto de fantasia quanto de artifício (Cornwall, 1994)⁷⁴.

Por se sentirem “mulheres”, tanto travestis quanto transexuais consideram que as relações afetivo/sexuais com parceiros homens são hetero e não homossexuais. Com isso, os casais constituídos dessa forma são percebidos por elas como heterossexuais, contemplando as expectativas dos papéis de gênero intrafamiliares mais tradicionais. Pela mesma razão, a posição parental que pretendem ocupar em relação aos filhos é materna e não paterna. A sua posição de “mãe” é complementada pela posição de “pai” do companheiro.

Todavia, como o Poder Judiciário, apoiado nas considerações médicas, só considera possível a troca de sexo e nome nos documentos de identidade das transexuais depois da cirurgia, essas constroem expectativas diferentes das travestis no que respeita a adoção de crianças.

Os traços que as diferenciam e os que as aproximam vão determinar a maneira como pretendem constituir uma família e criar seus filhos.

2.4.1 A maternidade das travestis e transexuais

O discurso das travestis e transexuais sobre a sua capacitação para a parentalidade se desenvolve no sentido de mostrar que são possuidoras de um “instinto materno” e enfatizam muito suas experiências anteriores de cuidados maternos. Elas legitimam essa capacidade parental materna “instintiva” com narrativas de situações nas quais, ainda na infância e na adolescência, “cuidaram” de crianças de sua família como irmãos mais novos, sobrinhos, filhos de outros familiares, de vizinhos e amigos de suas famílias de origem.

⁷³ ZAMBRANO, Elizabeth. **Trocando os Documentos: um estudo antropológico sobre a cirurgia de troca de sexo.** (dissertação de Mestrado) Porto Alegre, IFCH/UFRGS, 2003.

⁷⁴ CORNWALL, A. *Gendered identities and gender ambiguity among travesties in Salvador, Brasil.* In: CORNWALL, A.; LINDISFAME, N. **Dislocating masculinity.** Londres: Routledge, 1994.

Chodorow (1990⁷⁵) argumenta que o aprendizado do “cuidado com as crianças” é parte fundamental da socialização das mulheres, em nossa sociedade. É importante salientar, também, a existência de trabalhos clássicos, como o de Elisabeth Badinter (1985⁷⁶), contrapondo-se às teorias que postulam a existência de um “instinto materno”, inato e universal, compartilhado por todas as mulheres. A autora defende que amor materno é, na verdade, um mito, que assume um valor social incalculável e exerce uma imensa coerção sobre os nossos desejos. Isso, porém, não implica ser ele universal, nem estar presente nas mulheres sob forma de um instinto.

Os nossos dados corroboram essas idéias mostrando que não é necessário ser mulher biológica para se sentir portadora de um “instinto materno”. Parece-nos que, da mesma forma que a maior parte das mulheres, as travestis e transexuais entrevistadas não apenas incorporaram, através da socialização, esse “instinto” que as qualifica como “naturalmente aptas” à maternidade mas, também, por meio dele, corroboram socialmente a afirmativa de serem psíquicamente “mulheres”.

2.4.2 Como se dá o seu acesso à parentalidade?

Nas famílias de travestis e transexuais, o acesso à parentalidade se dá, em geral, pela adoção informal de crianças, oriundas de familiares, amigos, vizinhos ou, simplesmente, qualquer criança abandonada. Comumente, essa parentalidade acontece devido a uma situação casual. A adoção informal, desse modo, resulta de uma conjunção entre o desejo de ter filhos e o compadecimento em relação à situação de abandono das crianças. Mais do que pena, a criança abandonada desperta uma identificação com a sua trajetória pessoal de preconceito e abandono.

Quando perguntadas sobre as preferências por sexo ou raça das crianças, elas tendem a responder que “tanto faz”. Algumas informantes dizem, inclusive, que nem iriam se importar se a criança não fosse “perfeitinha”, aceitariam e criariam com muito amor a criança mesmo que “faltasse um pedacinho”. Assim, elas só chegam ao Poder Judiciário para pedir a guarda da criança que já cuidam, sendo esse modo informal de circulação de crianças uma característica das classes populares brasileiras, conforme mostrado por Fonseca (2002⁷⁷).

Também aqui, o recorte de classe torna-se obrigatório para a compreensão do modo escolhido pelas travestis e transexuais para chegar à parentalidade. Além da escolaridade (apenas uma das informantes completou o primeiro grau) pesa, também, a profissão das entrevistadas que, com exceção de uma, são ou foram profissionais do sexo. Entendemos que a baixa escolaridade e o tipo de profissão — objetos de restrições por parte das instituições oficiais — dificultem não apenas a possibilidade de adoção, mas, também, o acesso aos meios para lutar por ela.

2.4.3 O acesso à adoção legal

As questões jurídicas relativas às transexuais abrangem situações mais complexas do que as dos homossexuais pois, além da questão do direito de orientação sexual e da igualdade de direitos, tem-se ainda uma situação envolvendo práticas cirúrgicas que podem ser consideradas mutilatorias, se o transexualismo não for concebido pelo ângulo da patologia, da anomalia a ser corrigida. Até o presente momento, a idéia de “erro da natureza”, de patologia, é fundamental para processar-se a cirurgia de “troca de sexo” que permite o reconhecimento da pessoa como de outro

⁷⁵ CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da Maternidade – uma crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1990.

⁷⁶ BADINTER, Elizabeth. **Um Amor Conquistado – o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.

⁷⁷ FONSECA, Claudia. **Caminhos da Adoção**. São Paulo: Ed. Cortez, 2002.

sexo. É a correção desse “erro” que possibilita a correção do nome e do sexo da pessoa e, conseqüentemente, da sua documentação (Zambrano, 2004)⁷⁸.

A mudança nos documentos de identidade é, para as transexuais, de enorme importância para o acesso à parentalidade, pois é pelo uso de documentos adequados à sua identidade social que pensam conseguir a adoção legal de uma criança.

As transexuais consideram a possibilidade de adoção legal depois da troca de nome, quando ela seria feita com os documentos modificados (sexo e nome feminino). Assim, algumas fazem planos de adotar legalmente, mesmo tendo presente a possibilidade de serem impedidas devido às diferentes formas do Poder Judiciário tratar a questão.

As travestis, porém, raramente pensam na possibilidade de acionar a via judicial para adotar, devido ao preconceito que temem sofrer quando tentarem uma adoção. Como não fazem a cirurgia de transgenitalização, dificilmente conseguem trocar os documentos o que, junto com a classe social (popular), a escolaridade (baixa) e a profissão (prostituição) torna muito pouco provável o deferimento de um pedido de adoção.

Essa disposição pode ser evidenciada na fala de uma das travestis, cujo argumento perpassa as outras entrevistas: “Se para os heterossexuais já é complicado adotar, imagina pra nós travestis que já sofremos tanto preconceito”.

2.4.4 Novas Tecnologias reprodutivas

A totalidade das travestis e transexuais entrevistadas declara não querer fazer uso de coleta de sêmen e de novas tecnologias reprodutivas para terem um filho biológico. Muitas reagiram de forma indignada à sugestão dessa possibilidade, remetendo a uma representação de “paternidade” associada ao uso do sêmen. Afirmam que essa alternativa seria impensável, porque ao coletar sêmen o fariam como homens, enquanto seu desejo de filhos está relacionado ao desejo de ser “mães” e não “pais”. Tal maneira de encarar essa possibilidade nos remete à importância, para essas informantes, da representação da maternidade como confirmação do seu gênero feminino. Esse dado, entretanto, não pode ser generalizado pois o trabalho de campo relacionado a esse segmento do universo empírico ainda está em fase inicial. É possível que, em lugares onde a maternidade e a paternidade estejam relacionadas a outras representações, as novas possibilidades tecnológicas possam vir a ser utilizadas.

2.4.5 E os filhos que nasceram antes da transformação corporal?

Entrevistamos apenas uma travesti e uma transexual com filhos provenientes de relação heterossexual anterior. Ambas evidenciam que a representação parental ligada a esses filhos continua sendo paterna, mesmo após a transformação corporal. Nesses casos, percebe-se a coexistência da representação parental masculina, construída anteriormente, e da representação parental feminina, construída na atualidade. É interessante assinalar que elas não são excludentes, já que a representação paterna é dada pelo corpo, está ligada aos fluidos (sêmen, hormônios) produzidos anteriormente pelo corpo masculino, enquanto a representação materna é dada pelo social e está relacionada à percepção subjetiva de si como possuidora de uma “essência” feminina dentro de um corpo também feminilizado.

Constatamos a presença de diferentes investimentos dos informantes em relação aos filhos provenientes de contexto heteroparental e filhos planejados em contexto homoparental. Nesse sentido, Eugênio (2002)⁷⁹ sugere que se analise essa diferença a partir das categorias de “filhos

⁷⁸ ZAMBRANO, Elizabeth. Mudança de Nome no Registro Civil: a questão transexual. In: ÁVILA, M.B.; PORTELLA, A. B.; FERREIRA, V. **Novas Legalidades e Democratização da Vida Social: família, sexualidade e aborto**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

⁷⁹ Op. cit. nota 29 da pg. 29.

memória” e “filhos projeto”, centradas na percepção de diferentes temporalidades da parentalidade, evidenciando vivências distintas. Os “filhos memória” seriam a materialização da lembrança de que os homossexuais já foram heterossexuais e as travestis e transexuais já foram homens. Desse modo, as relações com os “filhos memória” são marcadas pelas tensões da nova construção identitária desses sujeitos, as quais podem acarretar inclusive rupturas das relações parentais. Já os “filhos projeto”, estão sujeitos a um investimento diferenciado, porque conjugam o desejo de filiação com a consolidação da identidade sexual ou de gênero atual.

Sugerimos que, devido ao grande peso do valor “família” na nossa sociedade, a parentalidade pode ser um elemento usado para positivar a homossexualidade, o travestismo e o transexualismo, assumindo um papel importante no processo social de afastamento do estigma, o que, como consequência, leva a uma considerável ampliação da cidadania. Essa possibilidade de relativização do estigma aparece na fala de um dos operadores do Direito quando diz “...uma criança infectada [pelo HIV], a mais cuidada do ambulatório, a mais paparicada, a que não tinha uma assadurinha, era cuidada por uma travesti...acho que em relação a travestis e transexuais a gente teria que repensar, estudar, desconstruir alguma coisa ... ou reconstruir, não é?”.

2.4.6 Identidade de gênero, representações de família e papéis parentais

As travestis e transexuais que planejam ser mães, adotando formalmente ou criando crianças abandonadas, esperam encontrar um homem que as ajude a criar o filho, assumindo o papel tradicional de pai, ficando ao encargo delas os cuidados maternos com a criança, numa representação de família que opera segundo os papéis tradicionais de gênero e parentalidade.

Como já referimos anteriormente, os dados coletados demonstram que, embora tenham um sexo de nascimento masculino, as travestis e transexuais podem evidenciar representações parentais femininas e maternas. Essas estão mais relacionadas aos filhos efetivos ou projetados depois das transformações corporais, indicando a maior importância da identidade de gênero do que o pertencimento ao sexo biológico, para construir essa representação. Desse modo, a parentalidade materna reforça a identidade feminina das travestis e transexuais.

CAPÍTULO III

Pesquisa bibliográfica

3.1 Pesquisa no jornal “Folha de São Paulo”

A fim de complementar a reflexão sobre a problemática do Direito à Homoparentalidade, abordamos a visibilidade que os assuntos relacionados à homossexualidade em geral têm obtido na mídia impressa nos últimos anos. Optamos por agregar ao levantamento bibliográfico das publicações científicas, uma revisão do material já publicado sobre homoparentalidade nos principais jornais do país e do estado⁸⁰, *Folha de São Paulo* e *Zero Hora*, respectivamente. Esta pesquisa ocorreu desde o princípio das atividades do projeto até a sua conclusão, sendo realizada nos bancos de dados das instituições: através da internet, no caso da *Folha* e nas dependências do próprio jornal, em se tratando da *Zero Hora*. Em virtude do volume e da qualidade das informações encontradas, decidimos restringir a análise dos dados àqueles coletados no jornal *Folha de São Paulo*.

Ao longo da pesquisa na *Folha*, foram analisadas 504 matérias referentes à homossexualidade⁸¹ publicadas no período compreendido entre janeiro de 1997 e agosto de 2005, dentre as quais destacamos 128 envolvendo questões relacionadas à união civil/ casamento homossexual e homoparentalidade – temas fortemente correlacionados. Os dados foram coletados na internet na seção de busca da página principal do veículo (<http://busca.folha.uol.com.br/search?q=&site=jornal>)⁸². Em função da amplitude do material, escolhemos os exemplos de acordo com o que tem sido discutido ao longo do relatório.

Num primeiro momento, mapeamos os eventos abordados pelo jornal que mobilizaram a publicação de artigos sobre homossexualidade. Dessa forma, procuramos estudar a visibilidade que o assunto adquire na mídia impressa pela recorrência de publicações relacionadas a cada tipo de evento. A seguir, apresentamos os tipos de eventos mobilizadores de publicações, em ordem de recorrência:

- 1) Elaboração, desenvolvimento e encaminhamento do projeto de parceria civil homossexual de autoria da ex-deputada federal, Marta Suplicy, ao Congresso Nacional⁸³.
- 2) Elaboração, desenvolvimento e aprovação dos projetos de união civil/ casamento entre homossexuais e sua respectiva repercussão em diversos países do mundo⁸⁴ – especialmente naqueles eminentemente cristãos, como Espanha, EUA e Brasil.
- 3) Situações envolvendo pessoas públicas homossexuais, a exemplo da atriz norte-americana (1997), Ellen de Generes⁸⁵; do tenente-coronel do Exército espanhol⁸⁶ (2000), José-Maria

⁸⁰ Relativo à tiragem e circulação dos mesmos.

⁸¹ Nesta busca, foram utilizadas mais de 50 combinações de palavras que mantinham relações estritas com o tema homoparentalidade, como “homossexualidade + adoção”, “família alternativa”, “travesti + pai”, etc. Foram testadas todas as variações de gênero e número das mesmas visando obter um número de ocorrências mais expressivo. O critério de relevância sobre quais matérias seriam inseridas no banco foi definido pela equipe. Temporalmente, o período 1997 – 2005 corresponde ao ano mais antigo abrangido pelo banco de dados disponível na internet no *website* da F. de São Paulo, 1997, até à atualidade.

⁸² Em detrimento do arquivo virtual – por oferecer uma interface gráfica que permite a visualização das matérias tal qual foram publicadas na mídia impressa, facilitando seu arquivamento e posterior inserção no banco de dados.

⁸³ Ainda em andamento.

⁸⁴ Holanda, França, Reino Unido, Espanha e alguns estados dos EUA.

⁸⁵ Ellen Morgan, a personagem vivida por DeGeneres em “Ellen”, foi a primeira homossexual assumida a protagonizar uma série de TV nos EUA em 1997.

⁸⁶ Primeiro oficial espanhol das Forças Armadas a assumir publicamente sua homossexualidade.

Sanchez Silva; do ministro das finanças das Noruega (2002), Per-Kristian Foss⁸⁷; do prefeito de Berlim (2002), Klaus Wowereit; do atual prefeito de Paris, Bertrand Delanöe, eleito em 2001 e do governador do estado de Nova Jersey, E.U.A (2004), James McGreevey, que assumiram publicamente sua orientação e/ou parceiros⁸⁸.

4) Situações cotidianas envolvendo preconceito e diversidade sexual, como os casos dos meninos ameaçados de expulsão das escolas as quais freqüentavam devido à sua homossexualidade, nas cidades de São Paulo, em 1999, e Manaus, em 2000, ou a violência contra homossexuais bastante comum em todo o país.

5) Comemoração do Dia do Orgulho Gay (28 de junho).

6) Iminência, preparação e realização das paradas gay (maio/junho/julho), especialmente a da cidade de São Paulo que, atualmente, é a maior do mundo⁸⁹, superando, inclusive, as de São Francisco, EUA e a de Toronto, no Canadá.

7) Ação de grupos de pressão constituídos por diversos segmentos GLBT no poder legislativo em busca de acesso aos seus direitos civis, assim como as demandas do movimento ao judiciário, que acabam virando alvo de intenso debate na mídia.

8) Aparecimento, repúdio e/ou aceitação de homossexuais, casais homossexuais e, recentemente, famílias homoparentais na mídia televisiva brasileira⁹⁰;

Considerando-se esses oito tipos de eventos mobilizadores, podemos identificar dois eixos temáticos principais a partir dos quais a homossexualidade tem ocupado espaço na mídia impressa.

O primeiro deles está relacionado à mobilização política das pessoas com diversidade sexual em prol da implementação de uma agenda de discussão e luta pelos direitos sexuais e reprodutivos. Entendemos, deste modo, que a homossexualidade vem ganhando visibilidade de forma mais expressiva pela veiculação de notícias e reportagens acerca da mobilização de grupos GLBT na luta contra o preconceito e a discriminação por orientação sexual e de seus embates no campo político e jurídico, entre os quais se destacam o casamento/ união civil entre homossexuais e a adoção.

Num segundo eixo, menos expressivo na recorrência de publicações, classificamos as situações nas quais o que está em jogo é a aceitação da homossexualidade pela sociedade mais ampla. Nesse eixo, aglutinamos os artigos que veiculam questões de aprovação e desaprovação da homossexualidade, seja no contexto de novelas e filmes que abordam a temática, nas manifestações públicas sobre a homossexualidade de pessoas de prestígio social e também nas situações que envolvem casos de homoparentalidade.

3.1.1 Distribuição das Matérias

Organizamos as matérias separando as que tratam da homossexualidade sob um ponto de vista geral daquelas que tratam especificamente da homoparentalidade, como demonstrado na tabela n.1.

⁸⁷ Casou com o namorado em pleno mandato.

⁸⁸ À exceção do caso do governador norte-americano, que renunciou após assumir sua homossexualidade, nos demais, houve uma aceitação da população no tocante à revelação desta homossexualidade.

⁸⁹ Cabe ressaltar que, desde sua primeira edição, em 1997, quando reunia apenas algumas dezenas de pessoas, o evento tem mostrado forte crescimento e importância na reivindicação dos direitos do universo GLBT, atingindo a espantosa marca de um milhão e oitocentos mil participantes em maio de 2005. Este crescimento também se reflete nas matérias veiculadas na mídia impressa.

⁹⁰ São exemplos destes fenômenos os programas de maiores índices de audiência da emissora Rede Globo exibidos durante o horário nobre televisivo (após às 21:00h), como *o reality show*, **Big Brother – Brasil** (2005), vencido por Jean Wyllis, participante que assumiu sua homossexualidade no curso do programa; além das novelas, **América** (2005 – Glória Perez), **Senhora do Destino** (2004 – Aguinaldo Silva); **Mulheres Apaixonadas** (2003 – Manoel Carlos) e **Torre de Babel** (1998 – Sílvio de Abreu e Alcides Nogueira), nas quais os personagens homossexuais obtiveram destaque na trama dada sua aceitação pelos espectadores brasileiros – à exceção de Torre de Babel.

Tabela 1 Número de ocorrências sobre homossexualidade e homoparentalidade, por ano.

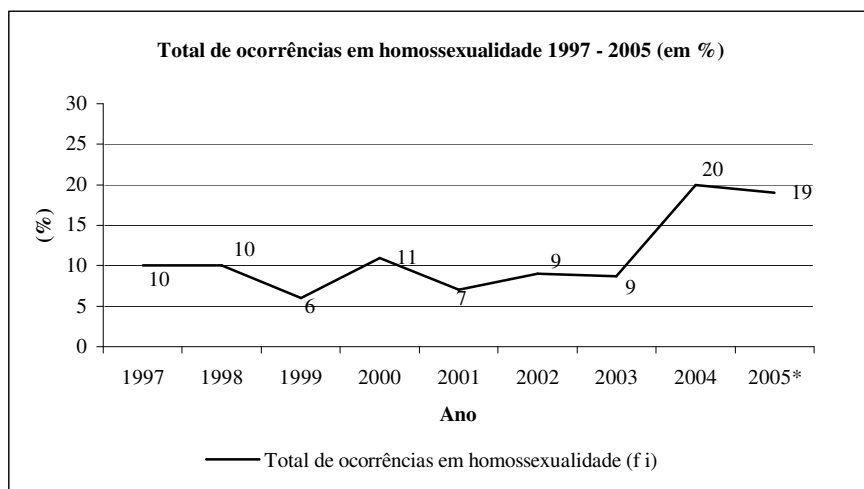
Ano	Total de ocorrências homossexualidade (f _i)	Total de ocorrências homoparentalidade (f _i)	Total de ocorrências homoparentalidade (f _%)
1997	48	13	27%
1998	48	10	21%
1999	31	8	26%
2000	56	11	20%
2001	34	5	15%
2002	47	24	51%
2003	44	8	18%
2004	102	29	28%
2005*	94	20	21%
TOTAL	504	128	25%

Fonte: Jornal Folha de São Paulo

*Até agosto.

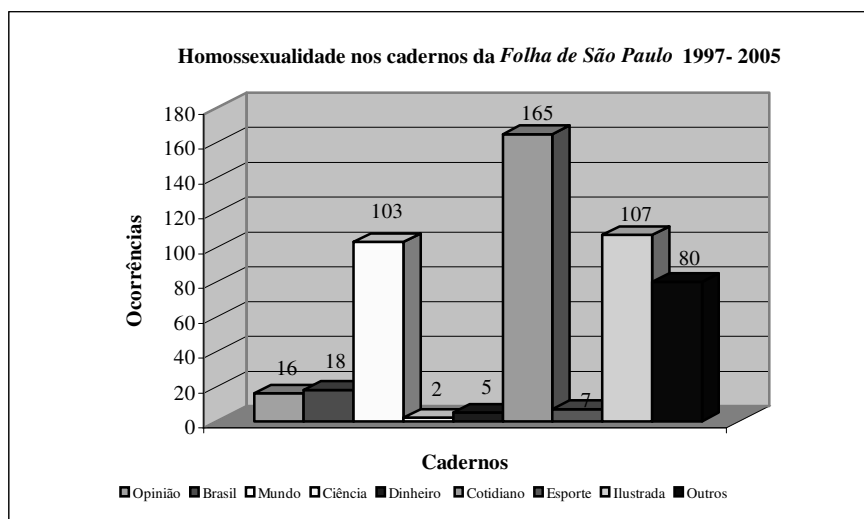
Conforme observamos na tabela 1, entre os anos de 1997 e 2003, o número de ocorrências manteve-se relativamente estável. Em 2004, constata-se um aumento significativo (cerca de 132%) em relação ao ano anterior e, apenas nos oito primeiros meses de 2005, o número total de ocorrências perfez, aproximadamente, 92% em relação ao ano de 2004 – sendo muito provável que ultrapasse a marca deste até o final do ano de 2005. O gráfico abaixo ilustra esse aumento.

Gráfico 1 Ocorrências sobre homossexualidade, por ano.



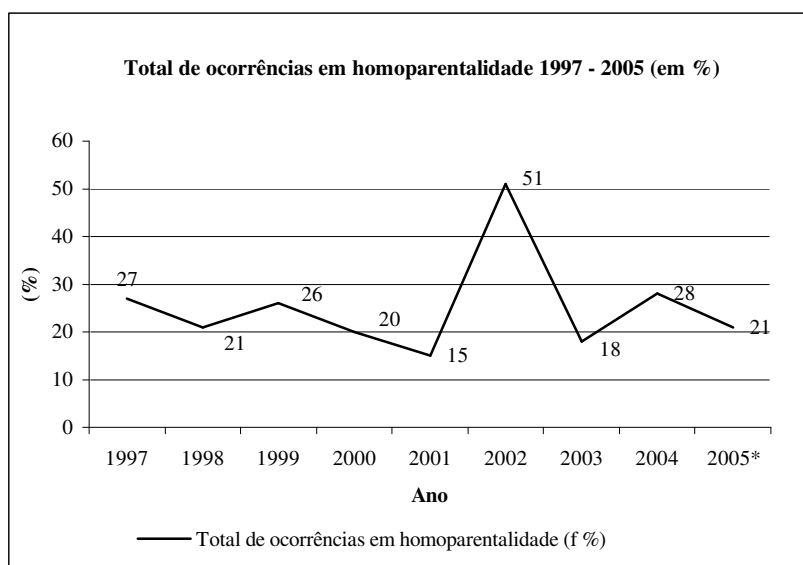
As matérias estão distribuídas entre os cadernos do jornal da seguinte forma:

Gráfico 2 Distribuição das matérias nos cadernos do jornal Folha de São Paulo.



Dentre as matérias sobre homossexualidade, ¼ aborda a homoparentalidade. Estamos considerando que os artigos sobre casamento/união civil entre homossexuais têm uma relação importante com a questão do exercício da parentalidade GLBT e, por isso, estão sendo considerados em conjunto com os relativos à homoparentalidade. Esses artigos se distribuem de forma constante, não havendo nenhum ano com menos de 15% de seu volume referente a este assunto. O gráfico abaixo demonstra a existência de um pico de ocorrências sobre homoparentalidade no ano de 2002.

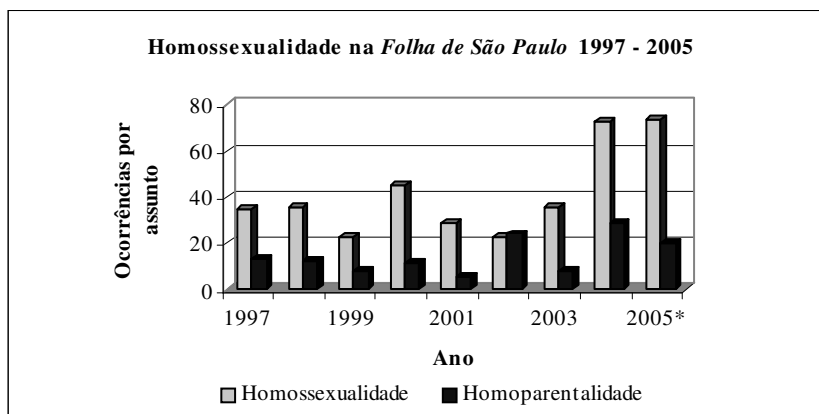
Gráfico 3 Ocorrências de homoparentalidade, por ano.



O pico de ocorrências no ano de 2002 está relacionado à disputa jurídica pela guarda do filho de Cássia Eller entre o avô materno e Maria Eugênia, companheira da cantora falecida. Este evento desencadeou uma série de matérias, tanto na mídia impressa quanto televisiva, sobre as questões de transmissão de bens, guarda, adoção e casamento/união civil envolvendo pessoas com diversidade sexual.

Em termos proporcionais (%), vemos que, nesse mesmo ano, há uma distribuição equitativa entre as matérias sobre homossexualidade e as sobre homoparentalidade, enquanto nos outros anos as matérias gerais ultrapassam as específicas.

Gráfico 4 Homossexualidade e Homoparentalidade na Folha de São Paulo, por ano.



3.1.2 Homoparentalidade na Folha de São Paulo

Nesta seção abordamos a distribuição das matérias sobre homoparentalidade, enfatizando os seus desdobramentos: casamento/união civil; relação com filhos de contexto heterossexual anterior; adoção (criação de crianças sem vínculo biológico); novas tecnologias reprodutivas (NTR).

Tabela 2 Distribuição dos artigos sobre homoparentalidade, por ano.

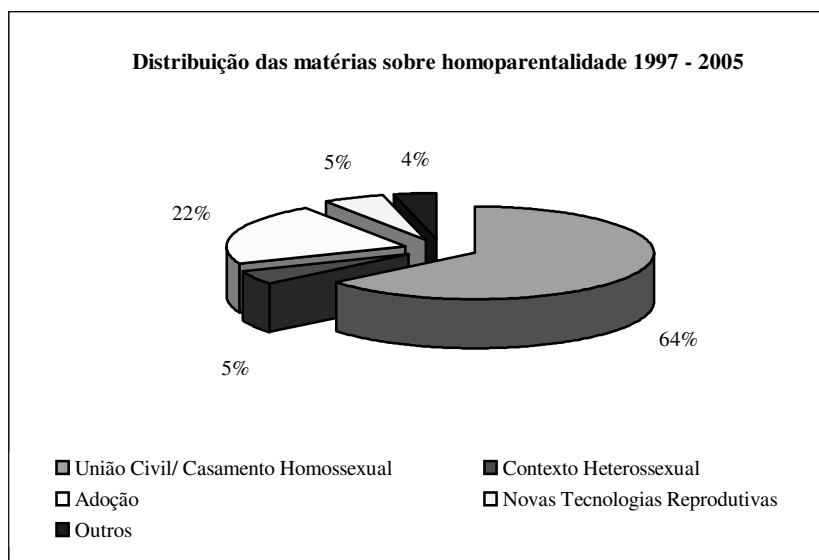
Ano	União Civil/ Casamento Homossexual	Contexto Heterossexual	Adoção	NTR	Outros	Total de Ocorrências em Homoparentalidade
1997	8	2	3	0	0	13
1998	6	1	1	2	0	10
1999	4	1	2	1	0	8
2000	10	0	0	1	0	11
2001	4	1	0	0	0	5
2002	6	1	14	1	2	24
2003	8	0	0	0	0	8
2004	22	0	4	1	2	29
2005*	14	0	4	1	1	20
TOTAL	82	6	28	7	5	128

Fonte: Jornal Folha de São Paulo

*Até agosto.

A tabela 2 e o gráfico abaixo mostram que a maior parte dos artigos veiculados pela Folha de São Paulo sobre homoparentalidade aborda a questão do casamento/união civil entre pessoas do mesmo sexo. Desse modo, verificamos que as questões específicas da parentalidade gay, lésbica e transgênero vêm sendo visibilizadas de forma menos expressiva. Esta diferença nos parece significativa quanto à centralidade que a questão do casamento/união civil vem tendo na pauta política e nas demandas do movimento social organizado. Nesse sentido, as reportagens e notícias relacionadas à parentalidade, em sua maioria, evidenciam casos concretos de exercício da parentalidade gay, lésbica e transgênero.

Gráfico 5 Distribuição de matérias sobre homoparentalidade



Parece-nos importante destacar a maneira pela qual as matérias sobre estes casos se distribuem conforme o gênero dos pais/mães (tabela 3). A relevância desse dado está no fato de que nas publicações científicas sobre o assunto, predominam os estudos sobre maternidade lésbica, enquanto que, na mídia impressa, são noticiados mais casos de parentalidade gay. Embora essa comparação não tenha sido o nosso foco de pesquisa, sugerimos que a importância do achado seja objeto de uma pesquisa e análise posterior.

Tabela 3 Número de ocorrências em homoparentalidade distribuídas por gênero e por ano.

Ano	Ocorrências em homoparentalidade			
	Gay (f _i)	Lésbica (f _i)	Transgênero (f _i)	Não especificada (f _i)
1997	1	0	0	0
1998	2	1	0	1
1999	1	0	0	1
2000	0	0	0	0
2001	1	0	0	0
2002	3	3	0	1
2003	0	0	0	1
2004	1	0	1	0
2005*	2	0	0	0
TOTAL	10	4	1	4

Fonte: Jornal Folha de São Paulo

*Até agosto.

O conteúdo das matérias sobre homoparentalidade aborda o tema, na maioria das vezes, do ponto de vista comparativo entre argumentos favoráveis ou contrários. Geralmente as proposições em prol desse tipo de parentalidade evocam a existência de estudos científicos que comprovam a capacidade dos homossexuais para a parentalidade e atestam a inexistência de prejuízos no desenvolvimento dos filhos. Já os argumentos em contrário, bem menos expressivos, estão embasados em argumentos religiosos, mesmo quando formulados por leigos. Esses argumentos são

pautados pela compreensão de que a homoparentalidade vai contra os valores divinos e acarretaria a destruição da família.

3.2 Sistematização de pesquisas, artigos e revisões sobre homoparentalidade

STACEY, Judith; BIBLARZ, Timoth J. **How Does the Sexual 2001. Orientation of parents matter?**
 In: American Sociological Review, vol. 66 (pgs. 159 - 183)*
 Disponível em www.france.qrd.org/assocs/apgl

Questão	Resultados Analisados	Críticas/ Considerações
Identidade de gênero	O comportamento de gênero dos filhos das mães lésbicas é influenciado pela orientação sexual das mães. Tanto meninos como meninas são criados num ambiente mais livre das pressões de conformação de um ideal masculino e feminino de gênero. As meninas apresentam maior adesão a profissões masculinas e menor adesão às expectativas tradicionais de gênero. Da mesma forma, os meninos são menos agressivos do que os de família heterossexual, embora ainda se adequem mais às expectativas de gênero do que as meninas.	Há dificuldade de comparação entre os trabalhos e de avaliação da sua validade por não permitirem a realização de um controle sobre outros fatores de diferenciação. Dessa forma, não possibilitam uma análise mais específica das diferenças em relação à orientação sexual dos pais.
Preferência Sexual	Não existem diferenças significativas entre os adultos jovens, filhos de pais heterossexuais e os de pais/mães gays ou lésbicas relativas à orientação sexual dos filhos. No entanto, os filhos de mães lésbicas fazem mais referência à possibilidade de relações não heterossexuais. As adolescentes de mães lésbicas são menos castas ou referem um repertório mais variado de relações sexuais do que as filhas de mães heterossexuais.	A concepção de orientação sexual baseada na dicotomia homossexualidade e heterossexualidade, a qual não admite a possibilidade de continuidades, dificulta a análise da qualidade dos dados. Nesse sentido não se tem dados de crianças cujos pais não se identificam com nenhuma dessas duas possibilidades, ou que tem relações eventuais com pessoas do mesmo sexo, mas que se consideram heterossexuais.
Bem estar Emocional/ Psíquico	No que tange ao bem estar psíquico e emocional, que as autoras aglutinaram sob o título de saúde mental, a ênfase na inexistência de diferenças tem obscurecido a superioridade das mães lésbicas em vários aspectos, principalmente no que se refere à maior competência das crianças para lidar com situações de adversidade e à aquisição de habilidades em lidar com a homofobia.	A influência da orientação sexual deve ser mais explorada, principalmente porque evidencia uma série de significados positivos. As questões de gênero devem ser mais bem analisadas com relação à capacidade parental. Os estudos sobre a parentalidade de homens homossexuais não são acompanhados por grupos controle de pais heterossexuais.
Habilidades Parentais	Em relação às habilidades parentais, as lésbicas contam com níveis mais elevados de recursos psíquicos e suas parceiras se apresentam como mais dispostas e entrosadas na criação dos filhos do que os novos parceiros de mulheres heterossexuais.	Necessidade de investigar a existência de elementos compensatórios nas famílias de gays e lésbicas, que minimizam os efeitos do estigma e da discriminação social. Ao invés disso, os autores analisados estariam mais preocupados com as suas preferências disciplinares em relação ao desenvolvimento das crianças.

STACEY, Judith; BIBLARZ, Timothy J. **How Does the Sexual 2001. Orientation of parents matter?**
 In: American Sociological Review, vol. 66 (pgs. 159 - 183)*

Benefícios das crianças de pais gays e lésbicas que são desprezados pela posição defensiva dos estudos.	As crianças desenvolvem-se num contexto de menor repressão por parte dos pais acerca do aprendizado de características dos dois gêneros e da compulsoriedade heterossexual, mostrando-se mais abertas a relações homoeróticas. Maior liberdade para conversar sobre questões relacionadas à sexualidade, bem como maior bem estar e conforto em relação aos seus desejos e práticas sexuais. Dados apontam para um contexto mais tranqüilo em relação à elaboração das dissoluções conjugais nos casais gays e lésbicos do que entre os heterossexuais. (Weeks, J. Brian, H. & Dovonan, C.; e Bell & Weinberg, 1978)	Os estudos na área da psicologia acerca do desenvolvimento infantil tendem a desprezar os resultados que apontam para benefícios das crianças criadas por famílias com pais gays e mães lésbicas. Ao adotar uma posição defensiva, os trabalhos dão pouca ênfase aos efeitos contextuais para a criação das crianças em lares gays e lésbicos.
---	--	--

* O título pode ser traduzido como "Como a orientação sexual dos pais importa". O texto consiste na revisão 21 estudos realizados entre 1981 e 1998 na área da psicologia.

PATERSON, Charlotte J. **"Résultats des Recherches concernant l'homoparentalité"** *
 Disponível em <www.france.qr.org/assoc/apgl> Acesso em 28/10/2004

Questão	Resultados Analisados	Críticas/ Considerações
Saúde Mental	A homossexualidade deixa de ser considerada patologia psíquica, tanto no DSM - IV, quanto no CID 10.	Inexistência de dados científicos que sustentem a presença de alterações psíquicas relacionadas a homossexualidade.
Habilidade Parentais	Dados demonstram que não existe diferença em relação à capacidade parental entre pessoas homossexuais e heterossexuais.	Inexistência de dados que forneçam base científica sobre quaisquer tipo de inaptidões parentais relacionadas a sexualidade.
Orientação Sexual	Dados sobre a influência da definição de gênero e orientação sexual dos filhos mostram que a maioria dos filhos de gays e lésbicas é heterossexual.	A maioria dos resultados analisados diz respeito a crianças filhas de mães lésbicas não podendo ser estendida aos homossexuais.
Desenvolvimento Psíquico	Investigações sobre o processo de individualização, o desenvolvimento da personalidade, a concepção de self; a capacidade de autocontrole e julgamento moral e a inteligência apontam para a inexistência de diferenças significativas.	As crenças em relação à existência de prejuízo no desenvolvimento psíquico das crianças filhas de pais gays ou mães lésbicas não encontram respaldo nos dados científicos.
Risco de Abuso	Sobre a possibilidade de maior risco de abusos em crianças de gays e lésbicas, os dados mostram que a maioria dos abusos sexuais são cometidos por homens heterossexuais e a maioria das vítimas é do sexo feminino.	Os dados sobre abuso sexual não sustentam a hipótese de que as crianças filhas de homossexuais estão expostas a um risco maior de abuso.
Relações sociais	Os dados apontam que a maioria das crianças filhas de gays e lésbicas apresentam bom relacionamento com as demais crianças e também com os amigos e companheiros dos pais.	A maioria dos resultados diz respeito às crianças filhas de mães lésbicas, não podendo ser estendidos aos gays.

PATERSON, Charlotte J. **"Résultats des Recherches concernant l'homoparentalité"** *

Diversidade de famílias gays e lésbicas	A maior parte dos dados enfoca mães lésbicas que criam os seus filhos provenientes de casamentos heterossexuais anteriores e que solicitam a guarda destes filhos.	As pesquisas não levam em consideração as diferenças existentes entre aquelas mulheres que criam os filhos sozinhas e aquelas que o fazem com a ajuda das companheiras. Nesse sentido, é necessário considerar também a existência de diferentes tipos de filhos: os que são fruto de um relacionamento heterossexual anterior e os que são planejados no contexto da relação homossexual.
Bem-estar da Criança	A questão do segredo em relação à homossexualidade do pai ou da mãe é um dos fatores que influencia no bem-estar da criança. Nesse sentido, os dados também sinalizam que a adolescência não é uma boa fase para a revelação de segredos.	O bom desenvolvimento da criança se associa ao bem estar da mãe no que tange a sua auto-estima e aceitação pelas pessoas da família e amigos.

* O título pode ser traduzido como "Resultados de pesquisas relacionadas à homoparentalidade". Trata-se de uma extensa revisão de pesquisas sobre o desenvolvimento das crianças no contexto das famílias homoparentais desde a década de 70 até a atualidade.

JULIEN, Danielle; DUBÉ, Monique; GAGNON, Isabelle. **Le Développement des enfants de parents homosexuels compare à celui des enfants de parents hétérosexuels**". In: Review Québécoise de Psychologie. vol. 15, n° 3, 1994.

*Disponível em www.france.qr.org/assoc/apgl . Acesso em 29/10/2004

Questão	Resultados Analisados	Críticas/ Considerações
Dados sobre a população homossexual	Embora não existam dados precisos, estima-se que cerca de 10% população dos Eua do Quebec seja composta por gays e lésbicas. A estimativa é de que 10 % dos homens gays e 20% das mulheres lésbicas tenham filhos, embora esses dados sejam extremamente imprecisos.	Existem poucos dados sobre a orientação sexual da população do Quebec e aqueles que são utilizados são extremamente imprecisos.
Guarda de crianças	O artigo décimo da carta de direitos e liberdades pessoais do Quebec assegura que as pessoas não sejam discriminadas nas disputas por guarda de filhos pela sua orientação sexual. No entanto, esse tem sido um dos principais motivos alegados para definir uma mãe como menos apta a cuidar do filho.	No contexto atual de proliferação de estruturas familiares diversificadas, os operadores do Direito e profissionais da área da Psicanálise continuam operando segundo uma tradição que prevê a necessidade da contribuição distinta de um pai e uma mãe para o bom desenvolvimento da criança.
Adoção de crianças	Segundo o artigo 598 do código civil do Quebec, a homossexualidade não pode constituir motivo de exclusão ou de não escolha de um casal ou pessoa solteira para a doação. Isso é válido também para adoção internacional.	As pesquisas apresentadas têm como objetivo instrumentalizar esses profissionais com os estudos científicos acerca da inexistência de deficiências na aptidão para a parentalidade por parte de homens e mulheres homossexuais, mostrando que as crenças que permeiam o campo jurídico e médico não encontram respaldo na realidade social.

<p>Maternidade</p>	<p>Existem dois tipos de crenças, compartilhadas por juristas e operadores médicos que dificultam o acesso à maternidade para as lésbicas: embora não seja mais considerada uma doença, persiste a idéia de que a homossexualidade implica certo desequilíbrio fazendo com que as mulheres lésbicas sejam consideradas menos maternas que as heterossexuais. A segunda crença é de que as atividades sexuais dos gays e lésbicas, consideradas mais intensas do que o normal, resultam em uma menor disposição de tempo para o cuidado com as crianças.</p>	<p>A maioria das pesquisas é voltada para as relações entre mulheres e as suas possibilidades de maternidade. Embora já existam muitos estudos sobre o uso de novas tecnologias reprodutivas, a maioria dos estudos trata de crianças provenientes de contextos heterossexuais anteriores.</p>
<p>Identidade de Gênero</p>	<p>Destaca resultados de testes psicológicos e entrevistas clínicas sobre identidade de gênero, adaptação a papéis sexuais e orientação sexual. Os primeiros resultam de testes projetivos e indicam um alto nível de satisfação das crianças com seu sexo/ gênero. Dados sobre papéis sexuais resultam de testes "Bem Sex Role Inventory" e entrevistas clínicas sobre preferências de atividades, indicam que as meninas tem um desenvolvimento menos estereotipado dos papéis femininos enquanto não constata diferenças para os meninos. A maioria dos dados indica um índice de homossexualidade inferior e/ou na média do restante da população.</p>	<p>Estes dados demonstram que as crenças em relação aos prejuízos para a conformação da identidade de gênero em crianças filhas de mães lésbicas ou pais gays não possuem nenhuma sustentação científica. Da mesma forma que outras crenças sobre a indefinição da identidade sexual.</p>
<p>Relações Sociais</p>	<p>São analisados dados de pesquisas sobre o relacionamento das crianças com os pares e, também, o seu relacionamento com os adultos, principalmente companheiros dos pais/mães biológicos. Não foram encontradas diferenças em relação à qualidade e composição do grupo de pares. No relacionamento com os adultos, também não foram encontradas diferenças. Crianças filhas de gays e lésbicas mantém uma convivência composta igualmente de adultos heterossexuais e homossexuais. Os dados indicam haver uma convivência maior e mais harmoniosa com os pais biológicos com os quais não coabitam. As crianças filhas de gays e lésbicas não correm mais risco de serem vítimas de abusos sexuais.</p>	<p>Também não se sustentam cientificamente as crenças acerca da instabilidade emocional, dos prejuízos para a adaptação social e do risco de serem abusadas sexualmente, todas elas vinculados à homossexualidade dos pais e ou mães.</p>

JULIEN, Danielle; DUBÉ, Monique; GAGNON, Isabelle. **Le Développement des enfants de parents homosexuels compare à celui des enfants de parents hétérosexuels**". In: Review Québécoise de Psychologie. vol. 15, n° 3, 1994.

Desenvolvimento Psico-social	No que tange ao desenvolvimento da autonomia, os dados são similares. Porém, as crianças filhas de mães lésbicas tendem a ser menos agressivas e mais amorosas do que as outras crianças. Não foram encontradas diferenças significativas no que concerne a desordens psiquiátricas, problemas afetivos, de sociabilidade, de comportamento ou hiperatividade. Da mesma forma não existem diferenças em relação ao desenvolvimento do julgamento moral, da inteligência, das características de personalidade, e das concepções de si.	Problemas durante a fase da adolescência, bem como decorrentes do divórcio não tem relação com a orientação sexual. Eles decorrem dessa situação estrutural que atinge tanto filhos de gays e lésbicas quanto filhos de heterossexuais.
Estrutura Familiar	No que tange aos problemas decorrentes da estrutura familiar, as pesquisas indicam que prevalecem as complicações decorrentes do divórcio e da fase de vida da adolescência.	O estudo não abarca os prejuízos para as crianças que são decorrentes da homofobia e do heterossexismo.
Relações Intra-familiares	Resultados mostram que quanto mais tranquilamente os ex- cônjuges, familiares e demais pessoas próximas aceitam a homossexualidade, maior é a auto-estima da mãe e por consequência, melhor é a relação que estabelece com os filhos. Outro elemento destacado pelas pesquisas como promotor do bom desenvolvimento dessas relações é a convivência com outras famílias que vivenciam contextos similares.	As questões vinculadas às relações intra-familiares são em geral as mesmas que se colocam também para as famílias heterossexuais.

* O título pode ser traduzido como "O desenvolvimento das crianças filhas de pais gays e mães lésbicas comparado com o das crianças filhas de heterossexuais". Trata-se de uma revisão de trabalhos que privilegia a comparação do desenvolvimento infantil com famílias heterossexuais.

Enfants de parents gays ou lesbiens. In: Pediatrics in Review. Vol. 15, n° 9, 1994.*

Disponível em www.france.qr.org/assoc/apgl Acesso em 29/10/2004

Questão	Resultados Analisados	Críticas/ Considerações
---------	-----------------------	-------------------------

Enfants de parents gays ou lesbiens. In: Pediatrics in Review. Vol. 15, n°9, 1994.*

Heterossexismo	<p>Estudos sobre sexualidade demonstram que nossa sociedade é pautada pelo heterossexismo (crença segundo a qual apenas relações heterossexuais são normais e boas) e pela homofobia (desaprovação da homossexualidade). Essas crenças perpassam inclusive a prática médica. Revisões de estudos científicos como o de Patterson e Bonzett demonstram que não existem prejuízos para o desenvolvimento mental e psico-social das crianças decorrentes do fato de serem filhas de pais gays ou lésbicas.</p>	<p>É importante que os profissionais desta área não reproduzam essas crenças em suas relações médico-pacientes, ou seja, que não pressuponham que todas as crianças têm pais heterossexuais. Caso o profissional não consiga lidar bem com a diversidade sexual ele não deve insistir em ajudar esse tipo de pacientes encaminhando-os a outro profissional.</p>
Desenvolvimento Infantil	<p>O trabalho de Patterson mostra que independente da orientação sexual é melhor para o desenvolvimento da criança a criação por mais de uma pessoa. Nesse sentido, os filhos de lésbicas criados junto com as parceiras levam vantagem. Comparando as relações de homens heterossexuais e homens gays com seus filhos, o trabalho mostra que os segundos têm maior capacidade de resolver os problemas das crianças, estão mais dispostos a se divertir com os filhos, estimular sua autonomia, bem como dão maior importância ao seu papel de pais. Entre as famílias gays, o trabalho de Bonzett evidencia que pode haver diferenças em relação ao tipo de declaração que os pais fazem da suas relações homossexuais.</p>	<p>Os profissionais da área pediátrica devem se atualizar quanto às pesquisas realizadas na área médica e psicológica acerca do desenvolvimento de crianças filhas de pais gays e lésbicas, bem como devem pautar sua prática pelos resultados científicos e não por crenças e preconceitos pessoais. Não devem pressionar os pacientes em relação à definição da orientação sexual dos pais. O autor critica a inexistência de pesquisas que comparem gays e lésbicas com e sem filhos. Deve-se considerar que os problemas enfrentados em decorrência de situações como separações não estão relacionados à homossexualidade.</p>
Guarda de Crianças	<p>Nos Eua as leis relativas à homoparentalidade se modificam enormemente de um estado para o outro. Em alguns estados ocorre uma completa interdição enquanto outros tem posições favoráveis. De qualquer modo, é preciso estar consciente de que, mesmo que em alguns estados sejam concedidas guardas a pais gays ou mães lésbicas, a homossexualidade ainda é vista de maneira geral como elemento desqualificador.</p>	<p>O papel do pediatra nesse caso é chamar atenção para os direitos de parentalidade dos gays e lésbicas, bem como fornecer informações sobre redes de auxílio jurídico. Deve também aconselhar aos parceiros que eles devem se munir de todos os tipos de documentações que explicitem sua vinculação com as crianças, já que em alguns estados é possível reconhecer a adoção de filhos de parceiros.</p>
Relações Sociais	<p>Embora a estigmatização das famílias gays e lésbicas possa trazer problemas para a relação da família com o mundo exterior, as famílias desenvolvem mecanismos de enfrentamento, dentre eles o segredo acerca da orientação sexual, o qual os próprios filhos ajudam a guardar.</p>	<p>Em situações de tensão, como nas relações com a escola, os pediatras podem intervir como mediadores de conflitos. Além disso, devem incentivar as famílias a procurar redes de ajuda e compartilhamento de experiências, que criam ambientes mais aconchegantes para as crianças em relação a diversidade sexual.</p>

Enfants de parents gays ou lesbiens. In: Pediatrics in Review. Vol. 15, n° 9, 1994.*

Sexualidade	Os dados de pesquisas evidenciam que não há influência da orientação sexual dos pais na definição da orientação sexual dos filhos.	Os pediatras devem falar tranquilamente sobre questões de sexualidade com as crianças, de acordo com sua idade. Evidentemente questões sobre a sexualidade dos pais permearão as dúvidas das crianças, que devem ser respondidas com naturalidade e sem julgamentos morais.
Problemas da Adolescência	É característico da adolescência o surgimento de pontos de tensões e rebeldia em relação aos pais. Esse é um problema enfrentado tanto pelas famílias homo quanto heterossexuais. A sexualidade dos pais pode emergir nesse momento como um ponto crítico. É nessa situação que os pais gays e mães lésbicas podem se sentir rejeitados pelos filhos.	Os pediatras podem ajudar na mediação dos conflitos em relação a compreensão mútua, bem como aconselhar a família na busca de grupos compostos por outros pais gays e mães lésbicas e seus filhos adolescentes. No que tange a sexualidade do adolescente o pediatra deve ser receptivos às preferências sexuais deles, sejam quais forem.
Homofobia	Em virtude da homofobia muitos filhos de pais gays e lésbicas podem se sentir excluídos de grupos sociais e isso pode resultar numa diminuição da auto-estima e da auto-confiança.	Os pediatras devem se manter informados em relação a associações e redes específicas de auxílio e socialização para famílias gays e lésbicas e indicá-las aos seus pacientes quando perceberem tais dificuldades.

* O título do artigo pode ser trazido como "Crianças de pais gays e mães lésbicas" e enfoca a consideração dos resultados de pesquisas na orientação da prática pediátrica em relação as crianças filhas de casais homossexuais.

BAILEY, Michael; BOBROW, David; WOLFE, Marilyn; MIKACH, Sarah. **Sexual Orientation of adult sons of gay fathers.** In: "Developmental Psychology" Vol. 31N° 1, 1995. (pgs. 124-129)

Questão	Resultados Analisados	Considerações/ Críticas
Possibilidades de Transmissão da Homossexualidade	Entre os pais, 89 % se definem como homossexuais e 11% como bissexuais. A grande maioria deles é divorciado. Sobre a percepção dos pais acerca da orientação dos filhos a maior discordância se quando os pais percebem os filhos como heterossexuais e eles se declaram como bissexuais. Entre os filhos, 91% dos que responderam ao questionário se definem como heterossexuais e apenas 9 % não se definem como tal. Não há relação entre um tempo maior convivência com pai a referência à orientação homossexual do filho.	A forma de recrutamento de participantes pode ter sensibilizado aqueles pais que tem filhos gays para participarem da pesquisa. Não houve um grupo heterossexual como controle. Devido a essas limitações não se pode concluir sobre a potencialidade das crianças de pais gays também se tonarem gays, mas apenas que a maioria dos filhos de gays são heteros. O resultado é consistente com as hipóteses de transmissão genética desenvolvidas em outras pesquisas com gêmeos (mono e bizigóticos).O resultado é inconsistente com a hipótese de transmissão da homossexualidade pela convivência.

* O título do texto pode ser traduzido como "Orientação Sexual de adultosfilhos de pais gays". A pesquisa com pais auto – identificados como homossexuais em total de 82 e realização de questionários com os filhos destes, dos quais cerca da metade responderam. A percepção sobre a orientação dos filhos (homo, bi ou heterossexual) foi feita através de pergunta direta e sobre o grau de certeza a esse respeito. Aos filhos foi feita a pergunta sobre sua orientação seguindo a distinção sugerida entre fantasia e comportamento elaborada por Kinsey. Para a sistematização dos dados dos filhos foi usada a tabela (0-6) de Kinsey.

GOLOMBOK, Susan; TASKER, Fiona. "Do parents influence the sexual orientation of their children? Findings from a of lesbian families. In: Developmental Psychology. vol 23, nº 1, 1996 (p. 3-11) *

Questão	Resultados Analisados	Considerações/ Críticas
Desenvolvimento Infatil comparado entre filhos de mães homossexuais e heterossexuais	<p>Quanto a definição da identidade sexual, não existe diferença significativa entre os dois grupos. Em apenas 2 casos as filhas mulheres se declararam lésbicas;</p> <p>Nove crianças de mães lésbicas admitiram poder ter atração sexual pelo mesmo sexo, contra 4 filhas de heterossexuais;</p> <p>A possibilidade de envolvimento homossexual no futuro foi referida por 14 filhos/as de homossexuais contra apenas 3 de heterossexuais;</p> <p>Seis crianças filhas de mães lésbicas relataram envolvimento com pessoas do mesmo sexo/ gênero, contra 9 filhos de famílias heterossexuais.</p>	<p>Apointa para as limitações de generalização acerca de uma pesquisa realizada com amostra intencional.</p> <p>A pesquisa abarcava apenas as mulheres que declarada e abertamente tinham relações homossexuais.</p> <p>Não há nenhuma forma de influência significativa sobre a orientação sexual/ identidade sexual dos filhos pelo fato de terem nascido em família homoparental.</p> <p>As diferenças encontradas apontam para uma maior facilidade de declaração de interesse e/ou atração por relacionamentos com pessoas do mesmo sexo entre pessoas filhas e homossexuais, em qualquer idade. Por oposição, o maior índice de práticas e/ou relacionamentos acontece entre filho de heterossexuais.</p>
O que dizem as teorias comportamentalistas	<p>Não foram encontradas diferenças significativas entre o desenvolvimento de crianças vindas de famílias hetero ou homossexual na maioria das variáveis acerca da relação com a família, .</p> <p>A única diferença significativa encontrada é que as famílias homossexuais nas quais as mães manifestavam mais abertamente seus laços afetivos com as parceiras, os filhos referiam mais facilmente interesse e possibilidade de relacionamentos com pessoa do mesmo sexo gênero.</p>	<p>Com base nessa comparação, a autora sugere a existência de uma relação entre o fato de ter sido criado em lares heterossexuais, com menor tolerância em relação a esse comportamentos, e a dificuldade do reconhecimento de uma identidade homossexual, mesmo que se tenha práticas sexuais/ envolvimento com pessoas do mesmo sexo. Nesses casos, a não declaração de atração pelo sexo oposto e a negação desses relacionamentos assegura a heterossexualidade.</p> <p>Não há possibilidade de investigar a fundo hipóteses de influência genética, já que todos os filhos entrevistados são biológicos.</p>

* O título pode ser traduzido como: "Os pais influenciam na orientação sexual de seus filhos? Resultados de um estudo longitudinal em famílias. lésbicas". Trata-se de um estudo qualitativo longitudinal que acompanhou 25 crianças em duas abordagens, uma aos nove, e outra aos vinte e três anos e comparou com dados de um grupo controle de 21 filhos que viviam em contexto de divórcio dos pais.

Une étude comparative de l' estime de soi d'adolescents de mères lesbiennes divorcées et mères hétérosexuels divorcées. In: American Journal Orthopsychiatry, 1981.*

Questão	Resultados Analisados	Considerações/ Críticas
---------	-----------------------	-------------------------

Une étude comparative de l' estime de soi d'adolescents de mères lesbiennes divorcées et mères hétérosexuels divorcées. In: American Journal Orthopsychiatry, 1981.*

Desenvolvimentos Emocional Comparado	<p>Não houve diferenças em relação idade média das mães dos dois grupos, bem como a média de idade desta no momento do casamento. Entre as 16 mães lésbicas, dez encontravam residindo com nova parceira enquanto apenas 4 das 16 heterossexuais viviam com parceiros. Os índices mais altos de auto-estima encontram-se entre os filhos das mulheres, tanto lésbicas, quanto heterossexuais, envolvidas em parceria sexual e afetiva. Entre os filhos de mães lésbica a auto-estima é maior naqueles cujos pais (homens) aceitam bem a homossexualidade das mães.</p>	<p>Não existem diferenças significativas nas medidas de auto-estima, o que indica que os filhos de mães lésbicas não têm prejuízos no desenvolvimento emocional em relação aos filhos de mães heterossexuais. As poucas diferenças apontam para índices mais elevados de auto-estima entre os filhos de mães lésbicas e mais fracos entre os filhos de mães heterossexuais. A existência de parceiros sexuais e afetivos deve ser considerada um fator que influencia positivo à auto-estima dos adolescentes. O nível de aceitação da lesbianidade dos pais por parte das crianças é um fator importante para o bom desenvolvimento da auto-estima.</p>
--------------------------------------	--	--

* O título pode ser traduzido como: "Um estudo comparativo sobre a auto-estima de adolescentes filhos de mães lésbicas e heterossexuais divorciadas". O trabalho está embasado na escala SEI (Coopersmith Self Esteem Inventory) que é subdividida em cinco tópicos: personalidade em geral (26 pontos), pais/casa (8); seus pares sociais (8); escola (8); mentiras (8). Essa escala é construída através de respostas a questionários que correspondem aos tópicos. Foram entrevistados 36 adolescentes entre 13 e 19 anos, provenientes de 32 famílias e divididos igualmente conforme o sexo e orientação sexual das mães.

GOLOMBOCK, Susan . Adoption by lesbian couples. *

Disponível em <www.bmg.com>

Acesso em 29/10/2004

Questão	Resultados Analisados	Considerações/ Críticas
Desenvolvimento da criança	<p>As pesquisas realizadas nos anos setenta enfocando casos de custódia para mães lésbicas evidenciam que tais crianças não apresentam problemas psicóicos, emocionais nem qualquer tipo de confusão na identidade de gênero, se comparados a seus pares.</p>	<p>Esses resultados demonstram que as acusações de comprometimento político com a agenda do movimento homossexual são infundadas. Não há dúvidas em relação à inegridade científica da Academia Americana de Pediatria no que concerne ao suporte por ela fornecido para adoção de crianças por famílias homoparentais.</p>
Orientação sexual	<p>As pesquisas empíricas sobre a influência da homossexualidade dos pais sobre a orientação sexual dos filhos evidenciam que os filhos (jovens adultos) de famílias lésbicas se identificam em sua maioria como heterossexuais.</p>	<p>Os pediatras, ao se posicionarem no campo político, estão apenas preocupados com os benefícios que o reconhecimento das parceiras das mães legais podem trazer para as crianças, inclusive em relação ao acesso à saúde.</p>
Ausência de referência paterna	<p>Os dados sobre reprodução assistida mostram que a ausência de uma referência paterna no casal parental não implica em diferenças significativas no bem estar emocional e no desenvolvimento da identidade de gênero.</p>	<p>Os dados respaldam a inexistência de prejuízos para as crianças em relação a adoção conjunta de casais de mulheres homossexuais.</p>

* O título o artigo pode ser traduzido como "Adoção por casais de lésbicas". Ele tem por objetivo responder as críticas da opinião pública norte-americana acerca do apoio da Academia Americana de Pediatras à adoção conjunta por homossexuais.

NATIONAL ASSOCIATION OF SOCIAL WORKERS POLICY
STATEMENT. In the best interest of the children.
Disponível em <www.france.qrd.org> .Acesso em 29/09/2004

Questão	Resultados Comentados	Considerações/ Críticas
Direito à proteção e Afeto	Os dados de 30 anos de pesquisas comparativas entre crianças de casais homossexuais e heterossexuais revisados por Patterson evidenciam a inexistência de diferenças significativas em relação ao desenvolvimento social, psicológico e afetivo das crianças.	Os candidatos a adoção devem ser escolhidos por suas habilidades parentais (pela sua capacidade de oferecer carinho e proteção às crianças) de forma que a homossexualidade não deve ser utilizada como elemento de desqualificação dos candidatos.
Ameaças às crianças	Dados de um hospital em Denver, no Colorado, coletados pela Child Protection Team demonstram que apenas 0,7 % dos suspeitos de cometer abusos sexuais contra crianças são gays ou lésbicas.	Diante desses dados conclui-se que a acusação de que 50% dos abusadores de crianças são homossexuais não se sustenta. Os pedófilos ou abusadores não distinguem as vítimas masculinas ou femininas motivados por sua orientação sexual e sim por questões de poder, controle e hostilidade.

PATTERSON, Charlotte J. **Ce que la science sait des parents homosexuels et leurs enfants.**

Disponível em <www.france.qrd.org> Acesso em 29/09/2004

Questão	Resultados Analisados	Considerações / Críticas
Dificuldades relacionadas ao preconceito	Os dados da Associação Americana de Psicologia (editados por John Gonsiorek) demonstram que a discriminação e o preconceito por parte de outras crianças vem acompanhados de um maior aprendizado e enfrentamento e superação de dificuldades por parte das crianças filhas de pais homossexuais.	Os preconceitos vinculados à orientação sexual dos pais podem ser pensados como similares àqueles de discriminação racial-étnica, com os quais as crianças envolvidas devem apreender a lidar.
Adolescência	As mesmas pesquisas evidenciam que problemas da adolescência são previsíveis para todas as pessoas que passam por esta fase, porém, podem se intensificar se houver uma tendência à agressividade e uma tomada de posição rígida em relação aos papéis sexuais.	Nesse período a homossexualidade poderá ser utilizada como mote para a ofensas características entre pais e filhos. Assim, aconselha-se que os pais sejam tolerantes. Os filhos de heterossexuais tomarão outras características como foco para agressões.

SPEZIALE, Bette. GOPALAKRISHNA, Veena. **“Social Support and Functioning of nuclear families headed by lesbian couples”** In: AFFILIA, vol. 19, n. 2, 2004 (pgs. 174-184)

Autores	Resultados comentados	Conclusões e Críticas
National Lesbian Family Study. (Gartrell et al, 1996, 1999 e 2000)	Trata-se de uma Pesquisa qualitativa longitudinal que entrevistou cerca de 84 famílias encabeçadas por mulheres das cidades de Boston, San Francisco e Washington. Essas mulheres tiveram ou pretendiam ter filhos através de inseminação artificial com doador desconhecido. A maioria das mulheres entrevistadas desejava fortemente ter filhos e contava com a atenção de seus amigos e familiares para auxiliar na criação das crianças (1996). A maioria das	Num nível micro-social as famílias chefiadas por casais de mulheres funcionam na vida cotidiana de forma similar às famílias que são encabeçadas por casais heterossexuais, em termos do desenvolvimento das crianças, do atendimento às necessidades

	<p>mulheres assumia sua homossexualidade e previa que os filhos seriam estigmatizados em contextos heterossexistas. No entanto elas também estavam engajadas em grupos de informação acerca deste assunto, bem como estavam inseridas em um sistema de intenso suporte social (1996).</p> <p>Em uma segunda fase essa mesma pesquisa selecionou aquelas mulheres que tiveram os filhos planejados em conjunto. Foi constatado que as crianças estavam em boas condições de saúde, tendo sido atendidas no nascimento em hospitais tradicionais e contando com a atenção expressa do casal parental (1999). No que tange ao suporte social, as mulheres tem contado com suas redes familiares (a parentalidade resulta em uma aproximação com a família de origem em 69% dos casos). Em relação à comunidade lésbica os dados apontam que as mulheres tem encontrado menos suporte do que esperavam (1999).</p> <p>Na terceira fase as crianças já estavam na pré-escola e apresentavam um bom desenvolvimento mental e físico, mantinham um bom relacionamento com os pares e também com suas “co-mothers”. Os filhos sofreram menos experiências de homofobia do que as mães (18% e 25 % respectivamente). Mães e filhos estavam engajados em atividades promotoras de aceitação das diversidades e também no movimento gay e lésbico (2000). 31% dos casais haviam terminado os relacionamentos. A guarda das crianças na maioria dos casos ficou com a mãe que deu a luz á criança. (2000)</p>	<p>educacionais, de saúde, de afeto e de disciplina.</p>
<p>Dados sobre crianças de mães lésbicas provenientes de relacionamentos heterossexuais mostram que essas tem contado com auxílio da família de origem e de amigos para a criação das crianças, em maior proporção do que com o apoio da comunidade homossexual</p>	<p>Dados sobre crianças de mães lésbicas provenientes de relacionamentos heterossexuais mostram que essas tem contado com auxílio da família de origem e de amigos para a criação das crianças, em maior proporção do que com o apoio da comunidade homossexual</p>	<p>Famílias lésbicas apresentam uma divisão mais igualitária das responsabilidades domésticas.</p>
<p>Patterson, Hurt and Mason (1998)</p>	<p>Pesquisa que explorou a matriz social de 37 famílias nucleares chefiadas por mulheres lésbicas. 70% das crianças eram parentadas também pelas companheiras das mães. Dados apontam para existência significativa de manutenção de relações entre as crianças e avós, cônjuges, vizinhos e outros adultos de ambos os sexos. Isso demonstra, que ao</p>	<p>As famílias lésbicas contam com um bom suporte social e emocional, proporcionado pela relação com os avós, outras pessoas da família e também amigos de ambos os sexos.</p>

SPEZIALE, Bette. GOPALAKRISHNA, Veena. “**Social Support and Functioning of nuclear families headed by lesbian couples**” In: AFFILIA, vol. 19, n. 2, 2004 (pgs. 174-184)

	<p>contrário do que o senso comum diz, as famílias de mães lésbicas não vivem em situações de isolamento emocional.</p>	
<p>Flacks, Masterpasqua and Joseph (1995)</p>	<p>Estudo quantitativo que compara casais lésbicos e heterossexuais. Na comparação estabelecida entre 15 casais de mulheres lésbicas que tiveram filhos por reprodução assistida e 15 casais heterossexuais, não foram encontrados diferenças significativas em relação ao ajuste de comportamento das crianças, ao seu desenvolvimento cognitivo, às habilidades parentais das mães e a qualidade dos relacionamentos intra-familiares.</p>	<p>Que a existência desse suporte social e emocional só pode ser pensada em relação ao grupo de mulheres brancas, de classe média, com moradias localizadas no meio urbano, que possuem um acesso facilitado à justiça, inclusive por meio de seu envolvimento com o movimento homossexual. Desse modo, esses dados não podem ser estendidos as mulheres que não contam com essas condições.</p>
<p>Patterson (1995)</p>	<p>Estudo dos papéis parentais em 26 casais lésbicos. Os dados não apontam diferenças significativas em relação ao bom desenvolvimento das crianças, à percepção da criança acerca das mães e pais, às qualidades de interação com o casal parental. Pode-se evidenciar algumas diferenças no que diz respeito a interação das crianças com as mães sociais ou “co-mother”. Os dados apontam para uma melhor qualidade de relação com estas, principalmente em relação ao processo de disciplinamento, do que com os homens que são pais. Os dados demonstram que, embora haja uma divisão igualitária das tarefas domésticas, as mães biológicas estão mais envolvidas com o cuidado das crianças do que as mães sociais.</p>	<p>Os dados apresentados também podem ser utilizados para sustentar pedidos de adoção e guarda de filhos por parte de pessoas ou casais lésbicos à medida que informa sobre a inexistência de diferenças em aptidão para a parentalidade, relacionadas à orientação sexual.</p>

Brewaeys, Ponjaert , Van Hall and Gollombock (1997) .	Investigação qualitativa de caráter comparativo. Foi realizado com 30 casais lésbicos que tiveram filhos com doador desconhecido; 38 casais heterossexuais. que tiveram filhos nas mesmas condições; e, ainda, 30 casais heterossexuais que tiveram filhos pelas vias naturais	Pode-se observar um considerável crescimento dos estudos sobre as famílias lésbicas nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos noventa. Há necessidade de colaboração dos profissionais da área do serviço social para auxiliar na promoção do acesso à justiça por parte dos casais lésbicos que vivenciam disputas por guarda de filhos e projetos de adoção individual e conjunta, bem como no enfrentamento da discriminação por orientação sexual que recai sobre as mães e sobre os filhos.
---	--	--

3.3 Indicações Bibliográficas

As indicações bibliográficas a seguir foram o resultado da pesquisa realizada pela nossa equipe e estão divididas de acordo com as três áreas de interesse. O material que não estiver disponível na Internet poderá ser acessado através do contato com a equipe da pesquisa.

3.3.1 Coletâneas de artigos de diferentes áreas sobre Homoparentalidade

1. GROSS, Martine. (org.) **Homoparentalités, état des lieux**. Ramonville Saint-Agne : Éditions Érès, 2005.
2. FASSIN, Éric. (org.) **Au-delà du PaCS. L'expertise familiale à l'épreuve de l'homosexualité**. Paris : Presses Universitaires de France, 1999.

3.3.2 Referências Bibliográficas sobre Homoparentalidade – Antropologia

1. BEHARA, Richard. **Intérêt de l'enfant et Ordre Social: Voyages Multidisciplinaires pour appréhender l'homoparentalité dans le cours de l'histoire sociologue des familles**. Séminaire de Michel Wieviora à l'Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales. junho de 2005.

2. BONNET, Marie-Jo. Réflexions sur les pratiques symboliques des homosexual(le)s: Protéger, reconnaître, intégrer dans la société... Et après?. In: **Débatèmes**. Saison 1998-1999. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 30 set. 2004]
3. BORRILLO, Daniel; LASCOUMES, Pierre. **Amours Égales? Le Pacs, les homosexuels et la gauche**. Paris: La Découverte, 2002.
4. CADORET, Anne. **Des Parents Comme les Autres. Homosexualité et parenté**. Paris: Éditions Odile Jacob, 2002.
5. CADORET, Anne. Etre père sans femme: la paternité gay. TSANTSA - **Revue de la Societe Suisse d'Ethnologie**. nº 6, 2001. (pgs.83-92)
6. CADORET, Anne. Filiation et parenté. In: **Débatèmes**. Saison 1997-1998. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004]
7. CADORET, Anne. La Bricolage de la Parenté In: **Comprendre; Le Lein de la Parenté**. nº 2, 2001. (pgs. 265 – 279)
8. CADORET, Anne. **L'homoparentalité: Un Défi Sociologique et Juridique. Note de synthèse: Convention de Recherche Cnrs/Cnaf** n. 99/508. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 28 set. 2004]
9. CASTELAIN-MEUNIER, Christine; PARSEVAL, Geneviève D. De papa poule à papa pôle. In: **Libération**. 9 de jan. 2002. Disponível em: <http://genevieve.delaisi.free.fr/> [Acesso em: 08 dez. 2004]
10. CHAUNCEY, George. Gay New York. In: **Actes de la recherche en sciences sociales. Homosexualités**. Paris: n.125, p.9-14 , Décembre, 1998.
11. COMMAILLE, Jacques. Les enjeux politiques de l'organisation de la vie privée des individus. In: **Débatèmes**. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004]
12. DELAISI, Geneviève. **Enfant de Personne**. Paris: Éditions Odile Jacob, 1994.
13. DELAISI, Geneviève. **La part de la Mère**. Paris : Éditions Odile Jacob,1997.
14. DUBREUIL, Eric. **Des Parents de Même Sexe**. Paris : Éditions Odile Jacob, 1998.
15. EUGÊNIO, Fernanda. **De Pais, mães e filhos: discursos e reivindicações da homoparentalidade**. V Reunião de Antropologia do Mercosul- GT Homossexualidades, política e Direitos. Florianópolis, 2003.
16. FASSIN, Éric. Homosexualité et mariage aux États-Unis: Histoire d'une polémique. In: **Actes de la recherche en sciences sociales. Homosexualités**. Paris: n.125, p.63-73, Décembre, 1998.
17. FASSIN, Éric. Politiques de l'histoire: Gay New York et l'historiographie homosexuelle aux États-Unis. In: **Actes de la recherche en sciences sociales. Homosexualités**. Paris: n.125, p.3-8 , Décembre, 1998.

18. FINE, Agnes. Anthropologie de la parenté. Qui sont nos parents? In: **Débathèmes**. Saison 1998-1999. APGL. Paris. Disponible em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 30 set. 2004]
19. FRANÇOIS, Christine. J'ai deux mamans. In: **Dossier de Presse**. Disponible em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004]
20. GODELIER, Maurice. **Métamorphoses de la Parenté**. France: Éditions Fayard, 2005.
21. GRATTON, Emmanuel. **Étude sur l'évolution de la paternité et sur la construction identitaire de pères "modernes" et "égalitaires" inscrits dans différentes configurations familiales (vie maritale, divorcé, séparé, recombinaison familiale et mono-homoparentale). Mémoire pour l'obtention du D.E.A. de Sciences Sociales**. Nov. 2003. Disponible em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 24 set. 2004.
22. GROSS, Martine. **L'Homoparentalité**. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.
23. HANDMAN, Marie-Elisabeth. Les unions entre personnes de même sexe: Perspective anthropologique. In: **Débathèmes**. Saison 1997-1998. APGL. Paris. Disponible em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004]
24. HAYDEN, Corinne P. Gender, genetics, and generation: Reformulating biology in lesbian kinship. In: ROBERTSON, Jennifer. (ed.) **Same-sex cultures and sexualities an anthropological reader**. Malden: Blackwell Publishing, 2005. (pgs.116-138)
25. KIRKPATRIK, Martha; SMITH, Catherine; ROY, Ron. **Les mères lesbiennes et leurs enfants: Une étude comparative**. Université de Californie à Los Angeles. Disponible em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 29 set. 2004.
26. LABRUSSE-RIOUE, Catherine; PARSEVAL, Geneviève D. Enfant de personne: De quel droit? L'anonymat dans la cession d'éléments du corps humain. **Résumé de la conférence au congrès Génétique et Liberté**. Disponible em: <http://genevieve.delaisi.free.fr/> [Acesso em: 08 dez. 2004]
27. LEGALL, Didier. Beau-parentalité et constructions familiales. In: **Débathèmes**. Saison 1997-1998. APGL. Paris. Disponible em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004]
28. LEROY-FORGEOT, Flora. «Nature» et «Contra Nature» en matière d'homoparentalité. In: GROSS, Martine. **Homoparentalité, état de Lieux**. Saint-Agne: Editions-Eres, 2005. (pgs. 179 -194)
29. HÉRITIÉR, Françoise. A coxa de Júpiter . **Revista Estudos Feministas** vol 8 (1) pgs. 98-114, Florianópolis: CFH/UFSC, 2000.
30. L'HOMOPARENTALITÉ - Informations et débat: Atualités. Disponible em: <<http://www.homoparentalité.free.fr/>>. Acesso em: 28 out. 2004.
31. L'HOMOPARENTALITÉ. Les documents de travail du Sénat. Série Législation Comparée. n.LC 100, Jan. 2002. Disponible em: <<http://www.senat.fr/>> Acesso em: 27 de set. 2004
32. LYNCH, Jean M. The identity of biological parents in Lesbian and Gay Stepfamilies In: **Journal of Homosexuality** vol. 47 (2), New York: Harworth Press, 2004.

33. MAILFERT, Martha. Homosexualité et Parentalité. **Socio-Anthropologie**. n.11, 2004. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/documents/maillfert.pdf>>. Acesso em: 24 set.2004.
34. MATHIEU, Nicole-Claude. Antropologie et «Homosexualités» In: GROSS, Martine. **Homoparentalité, état de Lieux**. Saint-Agne: Editions-Eres, 2005. (pgs. 23 – 29)
35. MEHL, Dominique. **La Bonne Parole**. France: Éditions de La Martinière, 2003.
36. MELLO, Luiz. **Novas Famílias. Rio de Janeiro**: Editora Garamond, 2005.
37. NATIONAL ASSOCIATION OF SOCIAL WORKERS POLICY STATEMENT. **In the best interest of the children**. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 29 set. 2004.
38. PEERBAYE, Ashveen. **L'invention de l'homoparentalité: Acteurs, arènes et rhétoriques autour de la question de la filiation homosexuelle**. Mémoire pour l'obtention du DEA de Sciences Sociales sous la direction de Jacques Commaille, Septembre, 2000. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 24 set. 2004.
39. PEREIRA, Márcio de Azeredo. **A gente é uma família! - Imaginário e estratégias numa experiência de homoparentalidade** Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
40. PERREAU, Bruno. **Homosexualité – Dix clés pour comprendre, vingt textes à découvrir**. Paris: Éditions Librio, 2005.
41. PERRIN, Ellen. "Technical Report: Coparent or Second-Parent Adoption by Same-Sex Parents". In: **Pediatrics** vol. 109 n° 2, 2002. Disponível em www.pediatrics.org. Acesso em 21/07/2005
42. ROTMAN, Charlotte. La famille homosexuelle fait son nid. In: **Libération** 17 jul. 2004. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 23 set. 2004]
43. ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em Desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
44. ROY, Alain. La Filiation Homoparentale: esquisse d'une réforme précipitée. In: **Enfances, Familles, Générations: Regards sur les parents d'aujourd'hui**. n° 1, 2004. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/efg/2004/v/n1/008896ar.html>>. [Acesso em 16/12/2004]
45. SABERAN, Haydée. Et s'il m'arrivait quelque chose? In: **Libération**. 17 jul. 2004. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 23 set. 2004]
46. SCHILTZ, Marie-Ange. Un ordinaire insolite: Le couple homosexuel. In: **Actes de la recherche en sciences sociales. Homosexualités**. Paris: n.125, p.30-43, Décembre, 1998.
47. SINGLY, François de. Le soi, le couple et la famille. In: **Débathèmes**. Saison 1998-1999. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 30 set. 2004]
48. SINGLY, François; DESCOUTURES, Virginie. **La Vie em Famille Homoparentale**. Centre des recherches sur les Liens Sociaux CNRS-Université de Paris V, 1999. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 30 set. 2004]

49. STACEY, Judith; BIBLARZ, Timothy J. (How) Does the sexual orientation of parents matter? In: **American Sociological Review**. Vol. 66, 2001.(pgs. 159 – 183) Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 28 set. 2004.
50. STIKLESTAD, Sigrun Saur. **Les adolescents enfants de mères lesbiennes: comment le prennent-ils**. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 24 set. 2004.
51. SOUSA, Érica. **Necessidade de Filhos: Maternidade, Família e (Homo) sexualidade**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.
52. TARNOVSKI, Flávio Luiz. **Pais Assumidos: Adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2003.
53. TOURAINE, Alain. Vivre égaux ou différents? In: **Débathèmes**. Saison 1998-1999. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 30 set. 2004]
54. TYE, Marcus. Lesbian, gay, bisexual and transgender parents. **Family Court Review**. v.41, n.1, jan. 2003. p.92-103. Disponível em <<http://www.hrc.org/>>. Acesso em: 29/10/2004.
55. UZIEL, Anna Paula. **Família e homossexualidade: Velhas questões, novos problemas**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
56. VANFRAUSSEN, Katrien. **Élever des enfants nés d'une insémination de donneur inconnu dans une famille lesbienne**. Dissertation – (Doctorat de Psychologie) Vrije Universiteit Brussel, dec. 2002. [Traduction française]. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 28 set. 2004].
57. VANFRAUSSEN, Katrin; PONJAERT. **La recherche d'information sur le donneur dans les familles de lesbiennes ayant eu recours à une insémination avec donneur**. Department of Developmental and Life Span Psychology - Free University of Brussels (VUB). Belgium. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 28 set. 2004]
58. WAINRIGHT, Jennifer L.; RUSSEL, Stephen and PATTERSON, Charlotte. Psychosocial Adjustment, School Outcomes, and Romantic Relationships of Adolescents with same sex parents. In: **Child Development**. November/December, vol 75, nº 6, 2004. (pgs. 1886-1898)
59. WESTON, Kath. Forever is a long time: Romancing the real in gay kinship ideologies. In: YANAGISAKO, Sylvia; DELANEY, Carol. **Naturalizing power. Essays in Feminist Cultural Analysis**. New York: Routledge, 1995. (pgs. 87-110)
60. WESTON, Kath. The politics of Gay families. In: COLLIER, J. e YANAGISAKO, S.(orgs.) **Gender and kinship: Essays a Unified Analysis**. Standford, Califórnia: Standford Univ. Press, 1992. (pgs. 119-139)

3.3.3 Referências Bibliográficas sobre Homoparentalidade – Psicologia

1. AHMANN, Elizabeth. Working with families having parents who are gay or lesbian. In: **Pediatric Nursing**. vol. 25, i 5, 1999. (pg.531)

2. AMERICAN JOURNAL OF ORTHOPSYCHIATRY. Étude comparative de l'estime de soi d'adolescents de mères lesbiennes divorcées et de mères hétérosexuelles divorcées. 51(3), juin. 1981. Traduction: Martine Gross pour APGL. Disponible em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 29 set. 2004.
3. AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Empirical Studies on Lesbian and Gay Parenting**. Disponible em <www.apa.org>. Acesso em 27/10/2004.
4. ANATRELA, Tony. La "Parenté" Homosexuelle: Source de Confusions et de Violences. In: **Homoparentalité. Quels Enjeux pour l'Enfant?** Les Journal de Psychologues n° 195, 2002.
5. ANATRELA, Tony. **La Difference Interdite**. Paris: Flammarion, 1998.
6. ANDERSEN, Norman; AMLIE, Christine; YTTEROY, Erling André. Outcomes for children with lesbian and gay parents. A review os studies from 1978 - 2000. In: **Scandinavian Journal of Pycology**. vol 43, 2002. (pgs. 335-351)
7. BAILEY, J. Michel. Sexual orientation of adult sons of gay fathers. **Developmental Psychology**, v.31, n.1. 1995. p. 124-129. Disponible em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 29 set. 2004.
8. DE SUTTER, Paul. How do Transsexual People Cope with their Wish for a Child? In: GENDYS, **The Sixth International Gender Dysphoria Conference**, Machester England, 2001. Disponible em <<http://www.gender.org.uk/conf/2000/sutter.html>>. [Acesso em 14/02/2005]
9. DE SUTTER, Paul. The Desire to have Children and the Preservation of Fertility in Transsexual Women: A Survey. In: **The International Journal of Transgenderism**. Vol 6, number 3, 2002. Disponible em <www.symposion.com.ijt>. Acesso em 08/03/2005.
10. ENFANTS de parents gays ou lesbiens. Pediatrics in review. v. 15, n. 9, septembre 1994. Disponible em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 29 set. 2004.
11. FAURE-PRAGIER, Sylvie; FLIS-TRÈVES, Muriel; WEIL, Eva; PARSEVAL, Geneviève D. L'anonymat violente l'enfant. In: **Libération** 2 de jul.1999. Disponible em: <<http://genevieve.delaisi.free.fr/>>. Acesso em: 08 dez. 2004.
12. FERNÁNDEZ, Rafael de Portugal; VILAR, Alberte Araújo. Aportaciones desde de la salud mental a la teoría de la adopción por parejas homosexuales. In: **Avances en Salud Mental Relacional**. vol. 3, nº 2, 2004.
13. GOLOMBOK, Susan. **Adoption by Lesbian Couples**. BMJ, v. 321, june, 2002. p. 1407-1408. Disponible em: <<http://www.hrc.org>>. Acesso em: 29 out. 2004.
14. GOLOMBOK, Susan; TASKER, Fiona. Do parents influence the sexual orientation of their children? Findings from a longitudinal study of lesbian families. **Developmental Psychology**, v.32, n.1, 1996. p. 3-11. Disponible em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 07 out. 2004.
15. GONZÁLEZ, María del Mar (Pesq. Resp.) **El Desarrollo Infantil y Adolescente en Familias Homoparentales** (Informe Preliminar) Universidad de Sevilla - Departamento de Psicología Evolutiva y de la educación. Sevilla, España. 2002. Disponible em: <<http://www.colectivolambda.com>> [Acesso em: 21 out. 2004].
16. GREEN, Richard. Transsexuals' Children . In: **The International Journal of Transgenderism**. vol 2, number 4, 1998. Disponible em <www.symposion.com/ijt> Acesso em 08/03/2005.

17. GUILLEN, Maryvonne. Quand et comment faut-il le dire à nos enfants? In: **Débathèmes**. Saison 1998-1999. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 30 set. 2004]
18. JEAMMET, Philippe. Repères sur l'adolescence. In: **Débathèmes**. Saison 1998-1999. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 30 set. 2004]
19. JÉSU, Frédéric. Droits de l'enfant et soutien à la parentalité. In: **Débathèmes**. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 28 set. 2004]
20. JOHNSON, Suzanne M.; O'CONNOR, Elizabeth. **L'étude nationale de la famille gay et lesbienne. Association Américaine de Psychologie**. Atelier 2, Parents lesbiens et gais, San Francisco, 2001. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>> [Acesso em: 28 set. 2004].
21. JULIEN, Danielle; CHARTRAND, Élise. La psychologie familiale des gais et des lesbiennes: Perspective de la tradition scientifique nord-américaine. **Sociologie et Sociétés**. v. XXIX, n. 1, printemps 1997, p. 71-81. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 28 set. 2004.
22. JULIEN, Danielle; DUBÉ, Monique; GAGNON, Isabelle. Le développement des enfants de parents homosexuels comparé à celui des enfants de parents hétérosexuels. **Revue Québécoise de Psychologie**. vol. 15, n. 3, 1994. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 28 set. 2004].
23. LE JOURNAL DES PSYCOLOGUES. Dossier L'homoparentalité - **Quels enjeux pour l'Enfant**. n.195, mars.,2002.
24. LEGENDRE, Pierre. L'Attaque Nazie Contre le Principe de Filiation. In: **Filiation: Fondement Généalogique de la Psychanalyse**. Leçons IV. Suite 2. Paris: Fayard, 1990. (pgs. 205-209)
25. LEGENDRE, Pierre. Nous Assistons à une Escalade de L'Obscurantisme. **Le Monde**, 22 octobre, 2001.
26. MEHL, Dominique. Psys, media et homoparentalité. In: **Débathèmes**. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004]
27. MORROW, Colette. Family values/ Valued families: Storwtelling and Community Formation among LBG families with children. In: **Journal of Gay, Lesbian and Bisexual Identity**. vol 4, nº 4, 1999.
28. NADAUD, Stéphane. **Homoparentalité – une nouvelle chance pour la famille?** Paris: Fayard, 2002.
29. NAVARRO, María Dolores Frías; LLOBELL, Juan Pascual & BORT, Hector Monterde i. **Hijos de Padres Homosexuales: qué les diferencia**. In: V Congreso Virtual de Psiquiatría. Interpsiquis, 2004.
30. NAVARRO, María Dolores Frías; LLOBELL, Juan Pascual & BORT, Hector Monterde i. **Familia y diversidad: hijos de padres homosexuales**. In: IV Congreso Vitual de Psiquiatría. Interpsiquis, 2003.
31. NAVARRO, Marysa & STIMPSON, Catharine R. **Sexualidad Género y Roles Sexuales** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1999.
32. NEUBURGER, Robert. Intervention. In: **Débathèmes**. Saison 1997-1998. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004]

33. PARSEVAL Geneviève Delaisi; VERDIER, Pierre. **Enfant de personne**. Paris: Éditions Odile Jacob, 1994.
34. PARSEVAL, Geneviève Delaisi de. **A parte do Pai**. Porto Alegre: LPM, 1986.
35. PARSEVAL, Geneviève Delaisi de. Qu'est-ce qu'un parent suffisamment bon? In: GROSS, Martine. **Homoparentalité, état de Lieux**. Saint-Agne: Editions-Eres, 2005. (pgs. 291-298)
36. PARSEVAL, Geneviève Delaisi de Le non-dit du Pacs. In: **Libération** 12 nov. 1998. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 23 set. 2004]
37. PARSEVAL, Geneviève Delaisi de. Coupable, forcément coupable. In: **Libération** 26 nov. 2001. Disponível em: <http://genevieve.delaisi.free.fr/> [Acesso em: 08 dez. 2004]
38. PARSEVAL, Geneviève Delaisi de. Des nourrissons comme les autres. In: **Libération** 2 jan. 2003. Disponível em: <http://genevieve.delaisi.free.fr/> [Acesso em: 08 dez. 2004]
39. PARSEVAL, Geneviève Delaisi de. Les familles homoparentales existent déjà. In: **Libération**. 14, jun, 2000. Disponível em: <http://genevieve.delaisi.free.fr/> [Acesso em: 08 dez. 2004]
40. PARSEVAL, Geneviève Delaisi. De l'art d'accommoder les enfants. In: **Débathèmes**. Saison 1997-1998. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004]
41. PATTERSON, Charlotte J. L'adoption d'enfants mineurs par des adultes homosexuels(le)s: La perspective des sciences sociales. **Journal interdisciplinaire**. Duke University Law School. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 29 set. 2004].
42. PATTERSON, Charlotte J. **Résultats des Recherches concernant L'homoparentalité**. Université de Virginie/APA, 1996.. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 28 set. 2004.
43. PRAGIER, Sylvie Faure. Le désir d'enfant. In: **Débathèmes**. Saison 1998-1999. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 30 set. 2004]
44. PROKHORIS, Sabine. La <différence des sexes>: Quelle construction, pour quels enjeux? In: **Débathèmes**. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 200].
45. REMY, Jacqueline. Acharnement procréatif: Où est l'intérêt de l'enfant? In: **L'Express**. 16 de jan. 2003. Disponível em: <http://genevieve.delaisi.free.fr/> [Acesso em: 08 dez. 2004]
46. ROUDINESCO, Elisabeth. "Other Sexualities" - psycolanalysys and homossexuality: reflections on the perverse desire , insult and the paternal function. An Interview with François Pommier. In: **Psycomedia**, nº 15, fall-winter, 2002. Disponível em <<http://www.psycomedia.it/jep/number15/roudinesco.htm> - Acesso em 16/12/2004
47. ROUDINESCO, Elisabeth. Différence des sexes et fonction symbolique. In: **Débathèmes**. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 24 set. 2004.
48. SPEZIALE, Bette; GOPALAKRISHNA, Veena. Social support and functioning of nuclear families headed by lesbian couples. **Affilia**. v. 19, n.2, summer 2004. p. 174-184. Disponível em <<http://www.hrc.org>>. Acesso em: 29/10/2004.

49. STEIN, Edward. Choosing the sexual orientation of children. In: ROBERTSON, Jennifer. (ed.) **Same-sex cultures and sexualities an anthropological reader**. Malden: Blackwell Publishing, 2005. (pgs.177-195)
50. TASKER, Fiona L.; GOLOMBOK, Susan. **Grandir dans une Famille Lesbienne – quels effets sur le développement de l'enfant?** Issy-les-Molineaux: ESF éditeur, 2002.
51. TORT, Michel. Parents et homosexuels: Une redéfinition de l'ordre symbolique. In: **Débathèmes**. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004]
52. TORT, Michel. **Fin du Dogme Paternel**. Aubier: Éditions Flammarion, 2005.
53. VERAS, Eduardo. Quem vai decidir o futuro de nossas crianças? Entrevista com Elisabeth Roudinesco. **Zero Hora**, Porto Alegre, 04. set.2004. Disponível em <<http://www.clicrbs.com.br/jornais/zerohora>> Acesso em: 10/09/2004.

3.3.4 Referências Bibliográficas sobre Homoparentalidade - Direito

1. ADOLFF, Laetitia. Reflexions autour de L'affaire Frette. **Mémoire en vue de l'obtention du D.E.A. de droit privé**. Université Robert Schuman - Strasbourg III, 2003. Disponível em:<<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004].
2. ANDRE-SIMONNET, Mathieu. Le droit et nous. In: **Débathèmes**. Saison 1997-1998. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004]
3. ARAUJO,L.A.D. **A Proteção Constitucional do Transexual**. São Paulo: Saraiva, 2000.
4. BETTA, Gregory. Familles homoparentales: Questions pratiques. In: **Débathèmes**. Saison 1998-1999. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 30 set. 2004]
5. BRAUNER, Maria Claudia Crespo. **Direito, Sexualidade e Reprodução Humana – conquistas éticas e debate bioético**. Rio de Janeiro, Ed. Renovar: 2003.
6. BRUEL, Alain. Quel avenir pour la paternité? In: **Débathèmes**. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004]
7. BRYANT, Suzanne. Adoption en tant que second parent: Un dossier modele. **Duke Journal of Gender, Law and Policy**. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 29 set. 2004].
8. DIAS, Maria Berenice. **União Homossexual. Preconceito e Justiça**. Porto Alegre: Livraria e Editora do Advogado, 2001.
9. FASSIN, Eric. Droits de la famille: Des concepts différents aux Etats-Unis et en France. In: **Débathèmes**. Saison 1998-1999. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 30 set. 2004]
10. GALLUP EUROPE. Mariage homosexuelles, adoption d'enfants par des couples homosexuels, l'opinion publique est-elle prête? 2003. Disponível em: <<http://www.homoparentalite.free.fr/>>. [Acesso em: 28 out. 2004]

11. GROSS, Martine; IACUB, Marcela. Divergences sur la parentalité non biologique. In: **Libération**, 10 ago. 2004. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 23 set. 2004].
12. HAZAN, Adeline. Homosexualité et adoption. In: **Débathèmes**. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 24 set. 2004.
13. HUMAN Rights Campaign Foundation. **Preguntas y respuestas sobre el derecho al matrimonio**. Washington. Disponível em: <<http://www.hrc.org>>. [Acesso em: 01 nov. 2004]
14. HUMAN Rights Campaign Foundation. **The state of the family: Laws and legislation affecting gay, lesbian, bisexual and transgender families**. Washington, 2002. Disponível em: <<http://www.hrc.org>>. [Acesso em: 01 nov. 2004]
15. IACUB, Marcela. Position originale et radicale sur les liens entre le droit et les sciences sociales en France face aux revendications des couples de même sexe. In: **Débathèmes**. Saison 1998-1999. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 30 set. 2004]
16. LASSIME, Maïté. **Homoparentalités et Médiation Familiale**. Université de Nanterre - Paris X. Dec. 2003. Disponível em: <<http://apgl.free.fr/documents/lassime.pdf>> [Acesso em: 24 set. 2004].
17. LEROY-FORGEOT, Flora. Le bonheur en droit, le droit au bonheur. In: **Débathèmes**. Saison 1997-1998. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004]
18. LOREA, Roberto. Homoparentalidade por Adoção no Direito Brasileiro. **Revista Juizado da Infância e Juventude**. Tribunal de Justiça do RS, ano III, n. 5, março de 2005, pg. 37-44.
19. MEDINA, Graciela. **Informe de derecho comparado sobre la situación legislativa mundial en relación con los homosexuales**. Disponível em: <<http://www.colectivolambda.com>> Acesso em: 21 out. 2004.
20. MINISTERIO DE JUSTICIA. **Anteproyecto de ley por la que se modifica el código civil en materia de derecho a contraer matrimonio**. Ministro de Justicia Juan Fernando López Aguilar. Madrid, oct. 2004. Disponível em: <<http://www.colectivolambda.com>> Acesso em: 21 out. 2004.
21. MOSSUZ-LAVAU, Jeanine. Les lois de l'amour: Politiques de la sexualité en France. In: **Débathèmes**. Saison 1998-1999. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 30 set. 2004]
22. NEIRINCK, Claire. **Homoparentalité et adoption**. In: **Débathèmes**. APGL. Paris, 2001. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 28 set. 2004]
23. PERES, A. P. A. B. **Transexualismo: o direito a uma nova identidade sexual**. Rio de Janeiro: Renovar Biblioteca de Teses, 2001.
24. PERES, Ana Paula Ariston Barion. **As novas fronteiras da família na pós-modernidade: Adoção por homossexuais**. Tese (Doutorado em Direito) Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

25. PISIER, Évelyne. Homosexualité et adoption. In: **Débathèmes**. APGL. Paris, 2001 Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004]
26. RICARD, Nathalie. Maternités Lesbiennes. In: **Débathèmes**. APGL. Paris. 2001. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004]
27. RIOS, Roger Raupp. **A Homossexualidade no Direito**. Porto Alegre: Livraria e Editora do Advogado, 2001.
28. RIOS, Roger Raupp. **O Princípio da Igualdade e a Discriminação por Orientação Sexual**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2002.
29. ROBINSON, Ann. Homoparentalité et pluriparentalité: **D'une filiation juridique à une parentalité solidaire**. Faculté de droit, Université Laval. Avril 2001. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em: 28 set. 2004.
30. SAPKO, Vera Lucia da Silva. **Do Direito à Paternidade e Maternidade dos Homossexuais**. Curitiba: Juruá, 2005.
31. SÉNAT - Commission des Lois Constitutionnelles, de la Législation, du Suffrage Universel, du Règlement et de l'Administration Générale. Droit civil - Pacte civil de solidarité - Auditions.
32. SPENGLER, Fabiane Marion. **União Homoafetiva. O fim do Preconceito**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
33. THE STATE of the family: Laws and legislation affecting gay, lesbian, bisexual and transgender families. Washington: Human Rights Campaign Foundation, 2002. 41p. Disponível em: <<http://www.hrc.org>> {Acesso em: 01/11/2004}
34. THÉRY, Irène. Difference des Sexes, Homossexualité et Filiation. In: GROSS, Martine. **Homoparentalité, état de Lieux**. Saint-Agne: Editions-Eres, 2005. (pgs. 151 –178)
35. THERY, Irène. Filiation, parentalité et projet de couple. In: **Débathèmes**. Saison 1997-1998. APGL. Paris. Disponível em: <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. [Acesso em: 24 set. 2004]
36. VIANA, Adriana & LACERDA, Paula. **Direitos e Políticas Sexuais no Brasil - Um panorama Atual**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2004.

3.3.5 Pesquisas empíricas selecionadas pela Associação Americana de Psicologia

A seguir apresentaremos a lista das pesquisas comentadas disponíveis na página da Associação Americana de Psicologia, cujo endereço é www.apa.org. Abaixo do texto em inglês inserimos a tradução livre para o português, feita por nós.

Empirical Studies on Lesbian and Gay Parenting [Estudos Empíricos Sobre Parentalidade Gay e Lésbica]

1. *Ainslie, J., & Feltey, K.M. (1991). Definitions and dynamics of motherhood and family in lesbian communities. Marriage and Family Review, 17, (1/2), 63-85.*

Reports results of a study of the meaning of motherhood and family to lesbian mothers, how these meanings are created and maintained both in the lesbian community and outside world, and the centrality of lesbian feminist communities to the lives of lesbian women and their children. Uses an explicitly feminist framework and interactive social psychological perspective. Includes intensive interviews with 17 lesbian mothers who were involved in lesbian feminist communities. Interviewees were mostly White women who ranged in age from 25 to 48, and the children ranged in age from 2 to 28. All respondents were biological mothers of the children they were raising and viewed motherhood as a positive forum for social change. They taught children feminist principles and organized their families accordingly--each person treated as a unique individual. Lesbian feminist communities provided support and a social context in which the families felt at home. The lack of language to describe the relationships in extended lesbian families was a common theme.

[Relatório dos resultados de um estudo sobre o significado da maternidade e da família para mães lésbicas, como esses significados são criados e mantidos na comunidade lésbica e fora dela, e a importância de comunidades lésbicas feministas para a vida de mulheres lésbicas e seus filhos. Utiliza uma estrutura explicitamente feminista e uma perspectiva da psicologia social interativa. Inclui entrevistas intensivas com 17 mães lésbicas envolvidas em comunidades lésbicas feministas. As entrevistadas eram, na maioria, mulheres brancas com idades entre 25 e 48 anos, e os filhos tinham idades entre 2 e 28 anos. Todas as entrevistadas eram mães biológicas dos filhos que criavam e consideravam a maternidade como um fórum positivo para mudança social. Elas ensinaram às crianças princípios feministas e organizam suas famílias de acordo com eles — cada pessoa é encarada como um indivíduo único. As comunidades lésbicas feministas dão suporte e criam um contexto social no qual as famílias sentem-se em casa. A falta de linguagem para descrever os relacionamentos em famílias lésbicas estendidas é um tema comum.]

2. Bailey, J.M., Bobrow, D., Wolfe, M., & Mikach, S. (1995). *Sexual orientation of adult sons of gay fathers. Developmental Psychology, 31, 124-129.*

Reports the result of a study of 55 gay or bisexual men who had a total of 82 sons at least 17 years of age. The fathers were recruited through advertisements in gay publications. Eighty-nine percent of the fathers identified themselves as gay. The rest identified themselves as bisexual. More than 90% of the sons whose sexual orientation could be rated were heterosexual. The sexual orientation of the sons was not positively correlated with the amount of time the sons lived with their fathers. The authors conclude that the available evidence fails to provide empirical grounds for denying child custody to lesbian and gay parents because of concern about the effect on the child's sexual orientation.

[Relatório dos resultados de um estudo com 55 homens gays ou bissexuais os quais tinham um total de 82 filhos com, no mínimo, 17 anos de idade. Os pais foram recrutados através de anúncios em publicações gays. Um total de 89% dos pais se identifica como gay. O restante se identifica como bissexual. Mais de 90% dos filhos cuja orientação sexual pôde ser avaliada eram heterossexuais. A orientação sexual dos filhos não está diretamente relacionada com a quantidade de tempo que viveram com seus pais. Os autores concluem que a evidência disponível falha em prover base empírica para o impedimento da custódia da criança para pais gays e mães lésbicas pela preocupação com os efeitos na orientação sexual dos filhos.]

3. Baptiste, D.A., (1987). *Psycho-therapy with gay/lesbian couples and their children in stepfamilies: A challenge for marriage and family therapists. Journal of Homosexuality, 14 (1/2), 223-238.*

Assesses lesbian and gay subjects who previously had been heterosexually married on five dimensions: personal traits, marital history, marital problems and their impact, and comfort with their gay identity. Discusses issues about the physical custody; the proportion of custody determinations that were conflictual and personally destructive; satisfaction regarding custody arrangements; the percentage of lesbian/gay parents who were open with their children about their sexual orientation; how the disclosure was made; the impact on the children of the parent's coming out; and the frequency of reported difficulties experienced by the children because of their parent's sexual orientation.

[Avalia as questões referentes a gays e lésbicas que tenham tido casamento heterossexual anterior em cinco dimensões: traços pessoais, história conjugal, problemas conjugais e seus impactos, e conforto com sua identidade gay. Discute questões como a custódia física; a proporção das determinações de custódia que foram pessoalmente conflituosas e destrutivas; satisfação com os arranjos de custódia; a percentagem de pais gays e mães lésbicas que falavam abertamente com os filhos sobre a sua orientação sexual; como foi feita a revelação; o impacto sobre os filhos da declaração de homossexualidade dos pais e a freqüência de relatos das dificuldades experimentadas pelas crianças devido à orientação sexual dos pais.]

4. Bigner, J.J., & Jacobsen, R.B. (1989). *The value of children to gay and heterosexual fathers. Journal of Homosexuality, 18 (1/2), 163-172.*

Reports on similarities and differences between 33 heterosexual fathers (aged 26-55 years) and 33 matched gay fathers who responded to the value of children questionnaire. Overall scores for both groups did not differ. Significant differences were found in two sub-scales (Tradition-Continuity-Security and Social Status). Gay fathers reported that their marriage and family orientation reflected a traditional attitude toward family life and served to protect against societal rejection. Sample reported on was a self-selected group of gay fathers attending a self-help group. Comparison group was constructed from a larger sample of men who are fathers, without knowledge of the men's sexual orientation.

[Relatório sobre similaridades e diferenças entre 33 pais heterossexuais (com idade entre 25 e 55 anos) e 33 pais gays casados, que responderam a questionários de avaliação das crianças. Os escores para ambos os grupos não diferiram. Diferenças significativas foram encontradas em duas subescalas (Tradição-Continuidade-Segurança e "Status" Social). Pais gays relataram que seu casamento e orientação familiar refletem uma atitude tradicional em relação à vida familiar e servem para proteger contra a rejeição social. A amostra relatada era de um grupo de pais gays auto-selecionados que freqüentavam grupo de auto-ajuda. O grupo de comparação foi construído a partir de uma grande amostra de homens que eram pais, sem o conhecimento da orientação sexual desses homens.]

5. Bigner, J.J., & Jacobsen, R.B. (1989). *Parenting behaviors of homosexual and heterosexual fathers. Journal of Homosexuality, 18(1/2), 173-186.*

An empirical study of the differences and similarities between 33 gay fathers and 33 nongay fathers as reflected in their responses to the Iowa Parent Behavior Inventory. Fathers of both types were quite similar on degree of involvement and level of intimacy with children. Gay fathers were generally more strict, but were also more responsive, and took more care in socializing their children than their nongay counterparts. The convenience nature of the sample of gay fathers (all drawn from a support group for gay fathers) makes generalizations to other gay fathers problematic. No data are available on the sexual orientation of the control group drawn at random from a pre-existing group of study participants. Makes no claim to generalizability, recognizing the limits of their sampling procedures, yet speculates on the nature of the differences between the two groups, suggesting the more socially desirable behavior of the gay fathers may result from perceived pressure to be a "good" father, which they feel more acutely than their nongay counterparts.

[Estudo empírico das diferenças e similaridades entre 33 pais gays e 33 pais não-gays refletidas nas suas respostas ao Iowa Parent Behavior Inventory. Pais de ambos os tipos eram completamente similares no grau de envolvimento e grau de intimidade com os filhos. Pais gays eram geralmente mais enérgicos mas também mais responsivos e tomavam mais cuidado com a socialização das crianças do que os pais não gays. A natureza utilitária da amostra dos pais gays (todos vindos de grupos de apoio para pais gays) faz com que as generalizações para outros pais gays sejam problemáticas. Não há dados disponíveis sobre a orientação sexual do grupo controle formado aleatoriamente dos participantes de um grupo de estudos pré-existente. Sem pretender generalizar, reconhecendo os limites do procedimento de amostragem, ainda especulando sobre a natureza das diferenças entre os dois grupos, sugere-se que o comportamento socialmente mais desejável dos pais gays pode resultar da pressão para ser um "bom" pai, a qual eles percebem mais agudamente do que os pais não-gays.]

6. Bigner, J.J., & Jacobsen, R.B. (1992). *Adult responses to child behavior and attitudes toward fathering: Gay and nongay fathers. Journal of Homosexuality, 23(3), 99-112.*

Provides a concise review of research on gay fathers and reports the results of a study of 24 gay and 29 nongay fathers. Finds a high degree of similarity between the two groups of fathers with regard to parenting styles and attitudes toward fathering. Discusses methodological shortcomings, including the lack of standardization of the instruments used and the familiar limitations of convenience sampling that plagues much of gay and lesbian research.

[Mostra uma concisa revisão de pesquisa sobre pais gays e relata os resultados de um estudo com 24 pais gays e 29 pais não gays. Encontra um alto grau de similaridade entre os dois grupos de pais com enfoque no estilo de criação e nas atitudes relativas à paternidade. Discute metodologicamente pequenos dados, incluindo a falta de padronização dos instrumentos usados e as limitações familiares das amostras de conveniência que atrapalham muitas das pesquisas com gays e lésbicas.]

7. Bozett, F. W. (1981). *Gay fathers: Evolution of the gay-father identity. American Journal of Orthopsychiatry, 51(3), 552-559.*

Reports the results of an exploratory interview study of 18 gay fathers (28-51 years old). Reveals that as the men participate in both the gay world and the world of fathers they begin to develop a congruent identity. Concludes that the gay father's self-disclosure of his identity as father in the gay world and as gay in the father world is crucial to the gay father's achievement of self-acceptance.

[Relata os resultados de um estudo de entrevistas exploratórias com 18 pais gays (de 28 a 51 anos de idade). Revela que quando os homens participavam tanto do mundo gay quanto do mundo dos pais, começavam a desenvolver uma identidade congruente. Conclui que o autodescobrimento dos pais gays de sua identidade como pais no mundo gay e como gay no mundo dos pais é crucial para a aquisição da auto-aceitação dos pais gays.]

8. Dunne, E. J. (1987). *Helping gay fathers come out to their children. Journal of Homosexuality, 14(1/2), 213-222.*

Discusses the obstacles to disclosure that gay fathers confront in coming out to their children. Describes a time-limited, role-play group designed to assist seven gay fathers to develop effective responses to a variety of situations they are likely to face. Six-month follow-up revealed that two members had voluntarily disclosed their identity to their children and a third reported that the group helped him to respond to parental confrontation about his sexual orientation. All reported that the group helped them feel more comfortable about their children eventually knowing about their sexual orientation

[Discute os obstáculos que os pais gays enfrentam para revelar sua homossexualidade aos seus filhos. Descreve um grupo de atuação designado para auxiliar sete pais gays a desenvolver respostas efetivas a uma variedade de situações que têm de enfrentar. O acompanhamento de 6 meses revelou que dois membros manifestaram voluntariamente sua identidade para seus filhos e um terceiro relatou que o grupo ajudou-o a enfrentar confrontos com familiares sobre sua orientação sexual. Todos declararam que o grupo ajudou-os a se sentirem mais confortáveis com seus filhos quando eventualmente soubessem sobre sua orientação sexual.]

9. Flaks, D. K., Ficher I., Masterpasqua, F., & Joseph, G. (1995). *Lesbians choosing motherhood. A comparative study of lesbian and heterosexual parents and their children. Developmental Psychology, 31, 105-114.*

Compares a group of 15 White lesbian couples living together with their 3-9 year old children born to them through artificial insemination with a matched sample of heterosexual parents and their children. A variety of assessment measures including the Child Behavior Checklist, Teacher's Report Form, the Spanier Dyadic Adjustment Scale, the Parent Awareness Skills Survey and either the WPPSI-R or

WISC-R were used to measure the children's cognitive functioning and behavioral adjustment as well as the parents' relationship and parenting skills. Results revealed no significant differences between the two groups of children. Both groups of parents showed similar dyadic adjustment. However, the lesbian couples exhibited more parenting awareness skills than did the heterosexual couples.

[Compara um grupo de 15 casais de mulheres lésbicas brancas morando junto com seus filhos de 3-9 anos, nascidos de inseminação artificial, com uma amostra casada de pais heterossexuais e suas crianças. Uma variedade de medidas de avaliação incluindo "Child Behavior Checklist", "Teacher's Report Form", o "Spanier Dyadic Adjustment Scale", o "Parent Awareness Skills Survey" e o "WPPSI-R" ou o "WISC-R" foi usada para medir o funcionamento cognitivo e o ajustamento comportamental das crianças bem como o relacionamento com os pais e a habilidade parental. Os resultados revelaram não haver diferenças significativas entre os dois grupos de crianças. Ambos os grupos de pais mostraram similar ajustamento na relação. Entretanto, os casais lésbicos exibiram mais habilidades no cuidado parental do que os casais heterossexuais.]

10. Golombok, S., Spencer, A., & Rutter, M. (1983). Children in lesbian and single-parent households: Psychosexual and psychiatric appraisal. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 24, 551-572.

Compares aspects of child development in 27 lesbian households with a total of 37 children (aged 5-17 years) and 27 heterosexual single-parent households with a total of 38 children (aged 15-17 years). Data were gathered through systematic standardized interviews with mothers and children and through parent and teacher questionnaires. Ratings of the children's psychosexual and psychiatric status were done "blind" to family circumstances. Results indicated no differences between the children of lesbian and heterosexual mothers in gender identity or sex-role behavior. There was no evidence of inappropriate gender identity among the children of lesbian mothers, and age and developmentally appropriate friendships and good peer relationships were observed in both groups. Psychiatric problems among the children were infrequent in both groups but proportionately higher in the heterosexual single-parent group. Limitations of the study were that the follow-up period was short, and the children were not old enough for sexual orientation to be documented behaviorally.

[Compara aspectos do desenvolvimento infantil em 27 lares lésbicos com um total de 37 crianças (entre 5 e 17 anos) e 27 lares de mães solteiras com um total de 38 crianças (entre 15 e 17 anos). Os dados foram obtidos através da sistematização de entrevistas padronizadas com mães e filhos por meio de questionários para pais e professores. As avaliações do estado psicosssexual e psiquiátrico das crianças não levaram em conta as circunstâncias familiares. Os resultados indicaram não haver diferenças entre os filhos/as de mães lésbicas e heterossexuais na identidade de gênero e comportamento de papel sexual. Não havia evidência de identidade de gênero inapropriada entre os filhos/as de mães lésbicas, amizades apropriadas para a idade e para o grau de desenvolvimento, e bom relacionamento com os colegas foi observado em ambos os grupos. Problemas psiquiátricos entre as crianças eram incomuns entre ambos os grupos mas proporcionalmente maiores no grupo de mães heterossexuais sozinhas. As limitações do estudo eram que o período de "follow-up" fora curto e as crianças não tinham idade suficiente para a orientação sexual ser comportamentalmente documentada.]

11. Green, R. (1978). Sexual identity of 37 children raised by homosexual or transsexual parents. *American Journal of Psychiatry*, 135, 692-697.

Thirty-seven subjects aged 3-20 years were either raised by lesbian women (21) or by transsexuals (16). Subjects had lived in these households from 1-16 years, with a mean time of 4.9 years. All but one subject indicated that toys, games, clothing, and gender of peers were typical for their gender. Thirteen older subjects indicated erotic fantasies or sexual behaviors, and all these subjects were heterosexual in orientation.

[Trinta e sete indivíduos com idades entre 3 e 20 anos foram criados por mulheres lésbicas (21) ou transexuais (16). Os sujeitos viveram entre 1 e 16 anos nesses lares, com um tempo médio de 4,9 anos. Todos menos um sujeito indicaram que brinquedos, jogos, roupas e gênero dos pares eram

tipicamente do seu gênero. Treze indivíduos mais velhos indicaram fantasias eróticas ou comportamentos sexuais e a sua totalidade era heterossexual na orientação.]

12. Green R. (1982). *The best interests of the child with a lesbian mother. Bulletin of the American Academy of Psychiatry and the Law, 10, 7-15.*

Reviews theoretical models and empirical data concerning whether a homosexual parent or two homosexual individuals in parenting roles increases the chance that children will have a homosexual orientation. Also describes court evaluations of adults and children in lesbian custody cases. Fifty-eight children (aged 3-11 years) being raised by lesbian mothers were compared with 43 demographically matched children of divorced heterosexual mothers. Evaluation instruments included the Draw-A-Person test, questions regarding sex-typed activities, and future plans. There were no significant differences for boys or girls in either group of families. It is concluded that difficulties experienced by children in lesbian mother households stem from reactions to divorce and not from the mother's lesbianism.

[Revisão de modelos teóricos e dados empíricos sobre se pais homossexuais ou dois indivíduos homossexuais em papéis parentais aumentam a chance de os filhos virem a ter uma orientação homossexual. Também descreve pequenas avaliações de adultos e crianças em casos de custódia por lésbicas. Cinquenta e oito crianças (entre 3 e 11 anos) criados por mães lésbicas foram comparados com 43 crianças demograficamente combinadas de mães heterossexuais divorciadas. Os instrumentos de avaliação incluíram o Draw-A-Person teste, questões considerando atividades sexualmente tipificadas e planos futuros. Não houve diferenças significativas entre meninos e meninas em cada grupo de famílias. Concluiu-se que as dificuldades experimentadas pelas crianças em lares de mães lésbicas provêm de reações ao divórcio e não do lesbianismo da mãe.]

13. Green, R., Mandel, J. B., Hotvedt, M. E., Gray, J., & Smith, L. (1986). *Lesbian mothers and their children: A comparison with solo parent heterosexual mothers and their children. Archives of Sexual Behavior, 15, 167-184.*

Assesses psychosexual and psychosocial development of 56 children living with lesbian mothers and 48 children of heterosexual mothers. Groups were matched on mothers' age, race, education and income and on number, age, sex of children, and time since separation from father. Data were collected via questionnaires, audiotaped interviews, and standardized tests. Results revealed no differences between the two groups of children in IQ, self-concept, or social adjustment. There was no evidence of conflict in gender identity in the children of lesbian mothers and no psychopathology related to the mother's sexual orientation. Daughters of lesbians preferred traditionally masculine job roles significantly more often than the daughters of heterosexual mothers and were less traditionally feminine in current dress and in activity preferences at school and at home, but these differences were not beyond the normal range. No difference was found for boys, with 95% of both groups choosing traditionally masculine jobs.

[Avalia o desenvolvimento psicossocial e psicosssexual de 56 crianças vivendo com mães lésbicas e 48 crianças de mães heterossexuais. Os grupos foram combinados na idade, raça, educação e renda das mães e no número, idade e sexo das crianças, e o tempo de separação dos pais. Os dados foram coletados por questionários, entrevistas gravadas e testes estandarizados. Resultados revelaram não haver diferenças entre os dois grupos quanto ao QI, concepção de si ou ajustamento social. Não havia evidência de conflito na identidade de gênero nas crianças de mães lésbicas e nenhuma psicopatologia relacionada com a orientação sexual das mães. Filhas de lésbicas preferem trabalhos tradicionalmente masculinos com frequência significativamente maior do que filhas de mães heterossexuais e eram menos tradicionalmente femininas no vestir e em atividades preferenciais na escola e em casa, mas essas diferenças não estavam fora da escala normal. Nenhuma diferença foi encontrada para os meninos, com 95% de ambos os grupos escolhendo trabalhos tradicionalmente masculinos.]

14. Harris, M. B., & Turner, P. H. (1985). *Gay and lesbian parents. Journal of Homosexuality, 12, 101-113.*

Surveys a small, nonrandom sample of 23 gay and lesbian parents (aged 29-53 years) and 16 heterosexual single parents (aged 19-47 years) concerning relationships with their children. Subjects were all White and highly educated. Parents in all three groups reported positive relationships with their children and few serious problems. Among the differences reported were that heterosexual parents made more efforts to provide an opposite-sex role model for their children. Further, lesbians perceived greater benefits to their children relating to their homosexuality than gay men, while gay men reported fewer disagreements with partners over discipline, more encouragement of play with sex-typed toys, and more satisfaction with their first child than lesbians. One weakness of the study was that no independent observations were made of the children's behavior or adjustment.

[Avaliação de uma pequena amostra aleatória de 23 pais gays e mães lésbicas (entre 29 e 53 anos) e 16 pais/mães heterossexuais solteiros (entre 19 e 47 anos) referente ao seu relacionamento com os filhos. Os sujeitos eram todos brancos e com educação superior. Em todos os três grupos os pais/mães referiram relacionamento positivo com seus filhos e poucos problemas sérios. Entre as diferenças relatadas estava a de que os pais heterossexuais se esforçaram mais para prover um modelo do sexo oposto para seus filhos. Além do mais, lésbicas perceberam maiores benefícios para seus filhos relacionados com a sua homossexualidade do que os homens gays, enquanto homens gays relataram menos discordâncias com os parceiros sobre disciplina, maior encorajamento para brinquedos típicos para cada sexo e mais satisfação com seu primeiro filho do que as lésbicas. Uma fraqueza do estudo foi não ter feito observações independentes sobre o comportamento e a adaptação das crianças.]

15. Harvey, S. M., Carr, C., & Bernheine, S. (1989). *Lesbian mothers: Health care experiences. Journal of Nurse-Midwifery, 34(3), 115-119.*

A self-administered questionnaire was completed by 35 women who had delivered within the last 5 years and were self-identified lesbians when they conceived. The majority of women conceived through donor insemination and used the medical care system to achieve pregnancy. All sought prenatal care within the first 16 weeks, 89% participated in childbirth classes, and 80% breast fed for six months or more. Over half of the women (51%) sought obstetrical care from physicians, while 49% selected midwives. The majority (91%) disclosed their sexual orientation to their provider. Overall the women described their experience with obstetrical care providers as positive. However, a greater percentage of women who selected midwives reported higher levels of support from and satisfaction with their provider compared to those who selected physicians.

[Questionários auto-administrados foram preenchidos por 35 mulheres que conceberam nos últimos 5 anos e se auto-identificavam como lésbicas quando conceberam. A maioria delas concebeu por inseminação com doador e usou o sistema de saúde para efetivar a gestação. Todas procuraram cuidados pré-natais nas primeiras 16 semanas, 89% participaram de aulas sobre o parto e 80% amamentaram por 6 meses ou mais. Mais da metade (51%) buscaram cuidados obstétricos com médicos enquanto 49% escolheram parteiras. A maioria (91%) revelou sua orientação sexual ao seu provedor. A totalidade das mulheres descreveu sua experiência com o provedor de cuidados obstétricos como positiva. Entretanto, uma grande percentagem de mulheres que escolheram parteiras relatou maior grau de apoio e satisfação com seu provedor do que as que selecionaram médicos.]

16. Hoeffler, B. (1981). *Children's acquisition of sex-role behavior in lesbian-mother families. American Journal of Orthopsychiatry, 51, 536-544.*

Assesses sex-role behavior in 40 6-9 year old children of 20 lesbian and 20 heterosexual mothers. The mothers were matched for education and occupational category, the children for gender and age. Children's preferences for sex-typed masculine, feminine, and neutral toys were used as indices of sex-role behavior. No differences were found between the two groups of children in toy preferences, although sex differences emerged in both groups with girls scoring higher on feminine sex-typed toys and boys on masculine toys. One weakness was that the investigator was not "blind" to the child's family situation.

[Avaliação do comportamento sexuado de 40 crianças entre 6 e 9 anos, filhos de 20 mães lésbicas e 20 mães heterossexuais. As mães foram agrupadas por educação e categoria ocupacional, as crianças por gênero e idade. As preferências das crianças por brinquedos tipicamente masculinos, femininos ou neutros foram usadas como índices de comportamento sexuado. Nenhuma diferença foi encontrada entre os dois grupos de crianças sobre brinquedos de preferência, embora diferenças aparecessem em ambos os grupos com as meninas pontuando mais em brinquedos femininos e os meninos, em brinquedos masculinos. Uma deficiência foi que o investigador não desconhecia a situação familiar da criança.]

17. Hotvedt, M. E., & Mandel, J. B. (1982). *Children of lesbian mothers*. In W. Paul, J.D. Weinrich, J. Gonsiorek, & M. Hotvedt (Eds.). *Homosexuality, social psychological and biological issues* (pp. 275-285). Beverly Hills, CA: Sage.

Reviews authors' study of 50 lesbian mothers and 20 heterosexual single mothers, with children ranging in age from 3 to 11 years. Questionnaires, tests, and in-depth interviews were conducted on the children. Using this comparative study format of lesbian and heterosexual single mothers' family units, the data do not support popularly held myths and family court assumptions that children of lesbian parents are prone to "... neglect, unpopularity, confused gender identity, or homosexuality" (p. 284). Stresses the need for divorce lawyers, judges, and child welfare providers to become familiar with the research and begin to change biased perceptions and myths. Presents the need for states to change laws making same sex orientation a felony. Makes no mention in either its literature review or authors' own study about the added complexities surrounding gay and lesbian minority families and the need for further research in this area.

[Revisão de estudo de autores com 50 mães lésbicas e 20 mães heterossexuais solteiras, com crianças entre 3 e 11 anos. Foram feitos questionários, testes e entrevistas em profundidade com as crianças. Usando esse formato de estudo comparativo entre unidades familiares de mães lésbicas e heterossexuais, os dados não confirmam os mitos populares e as pressuposições dos tribunais de família que crianças de mães lésbicas estão propensas a "...negligência, impopularidade, confusão da identidade de gênero ou homossexualidade" (p. 284). É necessário que advogados de divórcio, juízes e provedores de bem-estar da criança se familiarizem com as pesquisas e comecem a mudar as percepções enviesadas e os mitos. O estudo mostra aos Estados a necessidade de mudar as leis que consideram como crime a orientação sexual para o mesmo sexo. Não fazem menção nem à sua revisão da literatura nem aos estudos dos autores sobre complexidades adicionais acerca das famílias gays e lésbicas e à necessidade de promover pesquisas nesta área.]

18. Huggins, S. L. (1989). *A comparative study of self-esteem of adolescent children of divorced lesbian mothers and divorced heterosexual mothers*. *Journal of Homosexuality*, 18 (1/2), 123-135.

Examines the psychological construct of self-esteem using a comparative survey design with adolescent children of divorced lesbian mothers and divorced heterosexual mothers. There were 18 children in both groups, also divided equally by sex; that is, nine in each subgroup. Children ranged in age from 12-19 years. The Coopersmith Self-Esteem Inventory (SEI) was used to measure self-esteem. Mothers and children were also interviewed in order to obtain additional data. The sample was White, and the study did not discuss issues related to cultural/ethnic minorities and other issues of diversity. There was no significant difference between SEI scores of adolescent children from divorced heterosexual versus divorced lesbian mothers. Findings are consistent with other studies across different variables, indicating that children of lesbian/gay parents are not at greater risk for problems with "... sexual identity confusion, inappropriate gender role behavior, psychopathology, or homosexual orientation in children" (p. 124). Stresses the need for further comparative research examining lesbian and heterosexual couples and single lesbian mothers with single heterosexual mothers.

[Examina a construção psíquica da auto-estima usando um modelo de questionário comparativo com adolescentes filhos de mães lésbicas divorciadas e de mães heterossexuais divorciadas. Cada grupo era composto por 18 filhos, divididos igualmente por sexo, isto é, 9 em cada subgrupo. Os filhos tinham entre 12 e 19 anos. O "Coopersmith Self-Esteem Inventory (SEI)" foi usado para medir a auto-

estima. Mães e filhos foram também entrevistados para obter dados adicionais. A amostra era de mulheres brancas e o estudo não discutiu questões relativas a minorias étnico/culturais e outras questões de diversidade. Não houve diferenças significativas entre a pontuação SEI dos adolescentes filhos de mães divorciadas lésbicas ou heterossexuais. Os achados são compatíveis com outros estudos cruzando diferentes variáveis, indicando que filhos de lésbicas e gays não têm um risco maior de problemas com "...confusão na identidade sexual, comportamento de gênero inapropriado, psicopatologia ou orientação homossexual" (p. 124). Faz-se necessária a realização de mais pesquisas comparativas examinando casais lésbicos e heterossexuais, e mães lésbicas solteiras com mães heterossexuais solteiras.]

19. Kirkpatrick, M., Smith, C., & Roy, R. (1981). *Lesbian mothers and their children: A comparative survey. American Journal of Orthopsychiatry, 51, 545-551.*

Ten girls and 10 boys between the ages of 5 and 12 who were living full time with self-identified lesbian mothers were compared with 10 girls and 10 boys living full time with single, heterosexual mothers. Mothers were found to be similar in socioeconomic status, education, occupational history, and age at childbirth. Children were studied using WISC scales, the Holtzman Inkblot Technique, the Human Figure Drawing Test, and a developmental history. There was no difference between groups in the regularity of fathers' visits, involvement with children, or financial support. Lesbian mothers were more likely to have only children, compared to heterosexual mothers. There were no differences between children of lesbian and heterosexual mothers on the Human Figure Drawing Test, the Rutter Scale of emotional disturbance, and developmental history. An unexpectedly high number of children in both groups showed emotional symptoms, which was attributed to the fact that the authors offered free psychological evaluations and thus this may have appealed to mothers who had some concern about their children.

[Dez meninas e 10 meninos com idades entre 5 e 12 anos, que moram com mães lésbicas auto-identificadas, foram comparados com 10 meninas e 10 meninos morando com mães solteiras heterossexuais. As mães foram buscadas pela similaridade na situação socioeconômica, educação, história ocupacional e idade de nascimento dos filhos. As crianças foram estudadas usando a escala "WISC", o "Holtzman Inkblot Technique", o "Human Figure Drawing Test", e a história do desenvolvimento. Não houve diferenças entre os grupos quanto à regularidade das visitas dos pais, seu envolvimento com as crianças ou suporte financeiro. Mães lésbicas eram mais propensas a ter só um filho do que mães heterossexuais. Não houve diferenças entre crianças de mães lésbicas e heterossexuais no "Human Figure Drawing Test", a "Rutter Scale" de distúrbios emocionais e na história do desenvolvimento. Um inesperado alto número de crianças em ambos os grupos mostrou sintomas emocionais, os quais foram atribuídos ao fato de os autores oferecerem avaliações psicológicas gratuitas e assim isto pode ter chamado mães que tinham alguma preocupação com seus filhos.]

20. Koepke, L., Hare, J., & Moran, P. B. (1992). *Relationship quality in a sample of lesbian couples with children and child-free lesbian couples. Family Relations, 41, 224-229.*

Presents the results of a study that examined the quality of lesbian relationships by looking at three factors: presence of children, longevity of the lesbian relationship, and the degree of disclosure about the nature of the couple's relationship. Subjects were 47 lesbian couples, 40% of whom had children and 60% of whom did not. Couples were defined as women who perceived themselves as being in a committed relationship with another woman. Subjects were obtained using a non-random snowball sampling technique. The instruments used in the study were ENRICH and a 17-item, researcher-designed questionnaire, which included items about disclosure of the couple's relationship to others, relationship longevity, presence of children, annual income, age, and occupation. Lesbian couples with children scored significantly higher on measures of relationship satisfaction and sexual satisfaction. No differences in relationship quality were found based on longevity or disclosure. The article discusses the implications of the findings for policy and clinical practice.

[Apresenta o resultado de estudo que examina a qualidade dos relacionamentos lésbicos enfocando três fatores: presença de filhos, duração do relacionamento lésbico e o grau de abertura sobre a natureza da relação do casal. Os sujeitos foram 47 casais lésbicos, 40% dos quais tinham filhos e 60% não. Os casais foram definidos como mulheres que percebiam a si mesmas como estando

comprometidas em relacionamento com outra mulher. Os sujeitos foram obtidos usando uma técnica de amostragem não-aleatória do tipo "snow-ball". Os instrumentos usados no estudo foram ENRICH e um questionário designado pelo pesquisador com 17 itens, incluindo itens sobre a revelação do relacionamento do casal para outras pessoas, duração do relacionamento, presença de filhos, renda anual, idade e ocupação. Casais lésbicos com filhos pontuaram significativamente mais nas medidas de satisfação com o relacionamento e satisfação sexual. Não houve diferenças na qualidade do relacionamento com base na duração ou revelação da natureza do relacionamento. O artigo discute as implicações dos resultados sobre as práticas políticas e clínicas.]

21. Kveskin, S. L., & Cook, A. S. (1982). *Heterosexual and homosexual mothers' self-described sex-role behavior and ideal sex-role behavior in children. Sex Roles, 8, 967-975.*

Subjects were 22 heterosexual single mothers and 22 lesbian mothers (aged 19-43 years). There were no statistically significant differences between the groups on the following variables: age, income, educational level, number of children, and number of years living without a husband in the home. Subjects were asked to rate themselves on the Bem Sex Role Inventory and to rate an "ideal child." Half of each group was asked to describe an ideal male child and the other an ideal female child. They found that mothers tended to rate an "ideal child" in the same manner in which they rated themselves. The mothers' own sex-role descriptions were the best predictors of desired sex role behavior in children. The mothers' sexual orientation was not a relevant variable.

Os sujeitos foram 22 mães heterossexuais solteiras e 22 mães lésbicas com idades entre 19 e 43 anos. Não houve diferenças estatisticamente significantes entre os grupos nas seguintes variáveis: idade, renda, nível educacional, número de filhos e número de anos vivendo sem marido no lar. Os sujeitos foram perguntados sobre como classificavam a si próprios no "Bem Sex Role Inventory" e sobre como classificavam uma "criança ideal". Metade de cada grupo foi levado a descrever uma criança masculina ideal e a outra metade uma criança feminina ideal. Verificou-se que as mães tendem a classificar uma "criança ideal" da mesma maneira que classificam a si próprias. As descrições das mães sobre seu próprio comportamento de gênero foram as melhores previsões do comportamento de gênero desejado para os filhos. A orientação sexual das mães não foi uma variável relevante.]

22. Lewin, E. (1984). *Lesbianism and motherhood: Implications for child custody. In T. Darty & S. Potter (Eds.), Women identified women (pp. 163-183). Palo Alto, CA: Mayfield.*

Discusses the negative assumptions that govern the decisions in custody cases involving lesbian mothers and presents data from a comparison study between 43 lesbian and 37 heterosexual single mothers that refute them. These negative assumptions include the following: lesbianism is immoral, children raised by lesbian women will become homosexual, being a child of a lesbian woman is a stigmatizing and damaging experience, lesbian experience cannot be combined with the maternal role, lesbianism is pathological, and sexual desire is the basis of lesbian experience. The home-based interview study was conducted with lesbian and heterosexual single mothers from the San Francisco Bay area who were formerly married and were raising children ranging in age from 1-18 years. Participants were selected through networking and responses to publicity. Results revealed remarkable similarity between samples in terms of household structure, relations with kin and ex-husbands, and beliefs and values regarding their situation as single mothers. The only major difference was in the perceived vulnerability and stress experienced by lesbian mothers regarding custody litigation. Concludes that despite mounting evidence about the stability of lesbian mothers and the health of their children, judges remain antagonistic to them in the courtroom. Suggests the need for change in the rules of evidence and the adversarial model of litigation.

[Discute os pressupostos negativos que orientam as decisões sobre guarda envolvendo mães lésbicas e apresenta dados de um estudo comparando 43 mães lésbicas e 37 mães heterossexuais solteiras que as refutam. Essas suposições negativas incluem o seguinte: o lesbianismo é imoral; crianças criadas por mulheres lésbicas se tornarão homossexuais, ser filho de uma mulher lésbica é uma experiência estigmatizante e dolorosa; a experiência lésbica não pode ser combinada com papel maternal; lesbianismo é patológico e o desejo sexual é a base da experiência lésbica. O estudo com entrevistas em casa foi conduzido com mães lésbicas e heterossexuais solteiras da área da Baía de São Francisco que foram formalmente casadas e estão criando seus filhos com idades entre 1 e 18

anos. Os participantes foram selecionados através de redes e respostas a propagandas. Os resultados revelaram uma marcada semelhança entre as amostras na estrutura familiar, relações com parentes e ex-maridos, e crenças e valores relativos à situação como mães solteiras. A maior diferença foi na percepção da vulnerabilidade e do estresse vividos pelas mães lésbicas na luta pela guarda dos filhos. A investigação conclui que, apesar das evidências sobre a estabilidade das mães lésbicas e da saúde de seus filhos, os juízes permanecem contrários a elas nos tribunais. Sugere a necessidade de mudança nas regras de evidência e no modelo adversário do litígio.]

23. Lewin, E., & Lyons, T. A. (1982). *Everything in its place: The coexistence of lesbianism and motherhood*. In W. Paul, J.D. Weinrich, J. Gonsiorek, & M. Hotvedt (Eds.). *Homosexuality: Social psychological and biological issues* (pp. 249-273). Beverly Hills, CA: Sage.

A study, which took place between 1977-1979, of the adaptive strategies of 43 lesbian and 37 heterosexual formerly married single mothers from the San Francisco Bay area. Subjects were selected through personal and professional referrals and media ads. A stratified sample was developed by sexual orientation, age of children, achieved socioeconomic status, and presence or absence of coresident sexual partner. In-depth, semi-structured interviews were conducted. Results revealed remarkable similarity between lesbian and heterosexual single mothers regarding support from kin and friends, role of intimate partners, relationship with ex-husbands, and fear of custody challenges. Concludes that "single motherhood among lesbians and heterosexuals gives rise to a single adaptive system, one which is unified by the salience of motherhood as a central organizing force." Implications for research underscore the importance of viewing sexual orientation within social, economic, intrapsychic, and situational contexts where sexuality may intersect with these factors or where one or many of these factors may be more central in explaining behavior and experience.

[Um estudo, realizado entre 1977-1979, sobre estratégias adaptativas de 43 mães lésbicas e 37 mães heterossexuais solteiras formalmente casadas, da área da Baía de São Francisco. Os sujeitos foram selecionados através de referências pessoais e profissionais e pela mídia. A amostra estratificada foi desenvolvida pela orientação sexual, idade dos filhos, nível socioeconômico e ausência ou presença de coabitação com parceiro/a sexual. Entrevistas semi-estruturadas em profundidade foram feitas. Os resultados revelaram uma notável semelhança entre as mães lésbicas e as heterossexuais relativa ao apoio de parentes e amigos, papel de parceiros íntimos, relacionamento com ex-maridos, e medo de desafios na guarda. O estudo conclui que "a maternidade sozinha entre mães lésbicas e heterossexuais leva a um sistema adaptativo o qual é unificado pela importância da maternidade como força central organizadora." Implicações para a pesquisa sublinham a importância de considerar a orientação sexual dentro de um contexto social, econômico, intrapsíquico e situacional, em que a sexualidade pode ser cruzada com esses fatores ou no qual um ou mais desses fatores podem ser mais centrais para explicar o comportamento e a experiência.]

24. Lewis, K. G. (1980). *Children of lesbians: Their point of view*. *Social Work*, 25, 198-203.

Presents interviews of 21 (10 male and 11 female) children aged 9-26 from eight lesbian families. Discusses children's reactions to their mothers' disclosure of lesbianism, the children's sense of being different, their sexuality, and their relationships to their fathers.

[Apresenta entrevistas de 21 filhos (10 homens e 11 mulheres) com idades entre 9 e 26 anos, vindos de 8 famílias lésbicas. Discute as reações dos filhos à revelação do lesbianismo das mães, o senso dos filhos de serem diferentes, sua sexualidade e seus relacionamentos com seus pais.]

25. Lott-Whitehead, L., & Tully, C. (1992). *The family of lesbian mothers*. *Smith College Studies in Social Work*, 63, 265-280.

Based on a qualitative study of 45 lesbian mothers, the study explores the family lives of women from an ecological perspective. The subjects were mostly Caucasian and highly educated. Major themes from the interviews highlight the nurturing and accepting environments in lesbian mother families. Some lesbian mother families scored high on stress due to single parenthood and lack of external support. Families who were closeted were scored higher on stress. The women in this study were aware of the impact of their sexual orientation on their children's experiences in the world and attempted to soften and mediate potentially negative societal messages.

Baseado em um estudo qualitativo com 45 mães lésbicas, o estudo examina a vida familiar das mulheres de uma perspectiva ecológica. Os sujeitos eram, na sua maioria, caucasianos e de alto nível educacional. A maioria dos temas das entrevistas salienta a criação e a aceitação pelo ambiente familiar das mães lésbicas. Algumas famílias de mães lésbicas apresentaram alto nível de estresse devido aos cuidados maternos sem ajuda e falta de apoio externo. Famílias mais fechadas tinham maior estresse. As mulheres neste estudo estavam conscientes do impacto da sua orientação sexual nas experiências dos filhos no mundo e procuravam amenizar e mediar os impactos sociais negativos.]

26. Lyons, T. A. (1983). *Lesbian mother's custody fear. Women and Therapy, 2, 231-240.*

Reports a study of support systems utilized by a sample of 43 lesbian and 37 heterosexual divorced mothers. The groups were matched for age of children, SES, and relationship status. One half of the lesbian mothers and one-third of heterosexual mothers lived with partners. Results indicated no differences between the two groups in utilization of social support. The only major difference was the lesbian mother's greater fear of loss of custody of her children.

[Relata um estudo dos sistemas de apoio utilizados por uma amostra de 43 mães lésbicas e 37 mães heterossexuais divorciadas. Os grupos foram combinados pela idade dos filhos, SES e nível de relacionamento. A metade das mães lésbicas e um terço das mães heterossexuais viviam com parceiros/as. Os resultados indicaram não haver diferenças entre os dois grupos na utilização do apoio social. A única grande diferença era que as mães lésbicas sentiam mais medo de perder a guarda dos filhos.]

27. Matteson, D. R. (1987). *The heterosexually married gay and lesbian parent. In F. W. Bozett (Ed.). Gay and lesbian parents (pp. 138-161). New York: Praeger.*

Details a "typical" developmental sequence of a heterosexual marriage in which one partner has same-sex attractions. Reports on a 6-year follow-up of several couples who were in "mixed-orientation" marriages. Discussion includes consideration of how acceptance and accommodation to spousal homosexual behavior affect marital harmony. Some discussion of impact of coming out to both spouse and children. Illustrates lives of people who describe themselves as bisexual, not gay or lesbian.

[Detalha uma seqüência de desenvolvimento típica de um casamento heterossexual no qual um dos parceiros tem atração pelo mesmo sexo. Relata o acompanhamento durante 6 anos de alguns casais que estavam em casamentos de orientações mixtas. As discussões incluem considerações sobre como aceitação e acomodação do comportamento do parceiro homossexual afeta a harmonia conjugal. Discute o impacto da revelação para o cônjuge e filhos. Ilustra vidas de pessoas que descrevem a si próprias como bissexuais, não gays ou lésbicas.]

28. McCandish, B. M. (1987). *Against all odds: Lesbian mother family dynamics. In F.W. Bozett (Ed.), Gay and lesbian parents (pp. 23-36). New York: Praeger.*

Attempts to develop a theoretical model of the normal lesbian mother family structure, defined as a two-woman couple who conceive children by artificial insemination and raise one or more children. Develops a model through a home interview study of five lesbian mother families who were selected through networking. Families were Caucasian, middle-class, and consisted of parents who were both working. Four of the five pairs of parents had graduate level education, the fifth were trained in a specialized field. Parental ages ranged from 30-53 years. Relationship lengths ranged from 7.5-13 years. Couples were together for 3-7 years before the birth of the first child. Children's ages ranged from 18 months-7 years. All couples had one child 5 years old or younger. Children consisted of five males and two females. Results revealed that all families completed the early stages of family formation: couple formation, decision to conceive, pregnancy, birth, and the first 18 months to 5 years of childrearing. All families developed successful coping mechanisms to deal with social and legal pressures. Significant changes in couple relationship reported such as lost prior sexual intimacy and role redefinitions and conflicts. Observed healthy parent-child interactions as well as normal psychological and gender-role development in the children.

[Tenta desenvolver um modelo teórico da estrutura normal de uma família de mãe lésbica, definida como um casal de duas mulheres que concebem filhos por inseminação artificial e criam um ou mais

filhos. Desenvolve um modelo através de entrevistas com 5 famílias de mães lésbicas selecionadas por rede. As famílias eram brancas, classe média, e consistiam de mães que trabalhavam. Quatro dos cinco casais de mães eram graduados, o quinto tinha treinamento técnico. As idades das mães variavam entre 30 e 53 anos. Os relacionamentos duravam de 7,5 a 13 anos. Os casais estavam juntos de 3 a 7 anos antes do nascimento do primeiro filho. Os filhos tinham de 18 meses a 7 anos. Todos os casais tinham um filho de 5 anos ou menos. Os filhos eram 5 homens e 2 mulheres. Os resultados revelaram que todas as famílias completaram os primeiros estágios de formação de família: formação do casal, decisão de conceber, gravidez, nascimento e os primeiros 18 meses a 5 anos de criação dos filhos. Todas as famílias desenvolveram com sucesso mecanismos para enfrentar as pressões sociais e legais. Mudanças significativas no relacionamento do casal foram relatadas tais como a perda da intimidade sexual prévia e redefinições de papel e conflitos. Observaram-se interações pais-filhos saudáveis bem como desenvolvimento psicológico e de papel de gênero normal nos filhos.]

29. Miller, B. (1979). *Gay fathers and their children. The Family Coordinator, 28, 544-552.*

Presents data from a 3-year study on the quality and nature of the relationships of homosexual fathers with their children. In-depth interviews were conducted with a snowball sample of 40 gay fathers and 14 of their children. Uses a cross-national sample: Interviews were conducted in large and small cities in both Canada and the United States. Excluded from the study men who no longer saw their children. Fathers were aged from 24 to 64, and the children who were interviewed ranged from 14 to 33 years of age. Addresses the nature of the father-child relationship and the children's adjustment to their father's homosexuality. Four issues frequently raised in custody cases are discussed: do gay fathers have children to cover their homosexuality, do they molest their children, do their children turn out to be gay in disproportionate numbers, and does having a gay father expose a child to homophobic harassment. Concludes that concerns that gay fathers will have a negative impact on their children's development are unfounded.

[Apresenta dados de um estudo com duração de 3 anos sobre a qualidade e a natureza do relacionamento de pais homossexuais com seus filhos. Foram feitas entrevistas em profundidade com amostra snowball de 40 pais homossexuais e 14 filhos. Usou-se amostra cruzada binacional: as entrevistas foram conduzidas em cidades grandes e pequenas tanto nos EUA quanto no Canadá. Foram excluídos do estudo homens que não viam os filhos por algum tempo. Os pais tinham entre 24 e 64 anos e seus filhos entrevistados tinham de 14 a 33 anos. Enfocou-se a natureza dos relacionamentos pai-filho e o ajustamento dos filhos à homossexualidade dos pais. Quatro questões freqüentemente levantadas nos casos de guarda foram discutidas: os pais gays teriam filhos para encobrir sua homossexualidade; eles molestariam seus filhos; seus filhos se tornariam gays em número desproporcional, e ter pais gays exporia os filhos a incômodos homofóbicos. O estudo conclui que as preocupações de pais gays terem impacto negativo sobre o desenvolvimento dos filhos são infundadas.]

30. Miller, J. A., Jacobsen, R. B., & Bigner, J. J. (1981). *The child's home environment for lesbian vs. heterosexual mothers: A neglected area of research. Journal of Homosexuality, 7, 49-56.*

Examines the home environment of 34 lesbians (aged 21-42 years) with children (43 children, aged 6 months to 18 years) and 47 heterosexual women (aged 24-63 years) with children. The two groups of mothers were similar in level of education. Lesbian women were more likely to be skilled or unskilled workers, and heterosexual women were more likely to be housewives. Lesbian women had significantly lower family income than did heterosexual women. Lesbian mothers were more child-oriented in certain caregiver situations.

[Examina o ambiente familiar de 34 lésbicas entre 21 e 42 anos com filhos (43 crianças entre 6 meses e 18 anos) e 47 mulheres heterossexuais entre 24 e 63 anos com filhos. Os dois grupos de mães eram semelhantes no nível de educação. As mães lésbicas estavam mais propensas a serem trabalhadoras, qualificadas ou não, e as mães heterossexuais estavam mais propensas a serem donas de casa. As lésbicas tinham uma renda familiar significativamente menor do que as heterossexuais. As mães lésbicas eram mais direcionadas aos filhos em algumas situações que exigiam cuidados.]

31. Mucklow, B. M., & Phelan, G. K. (1979). *Lesbian and traditional mothers' responses to Adult Response to Child Behavior and self-concept. Psychological Reports, 44, 880-882.*

Subjects were 34 lesbian and 47 heterosexual mothers who were administered the Adult Response to Child Behavior instrument. They viewed a set of slides of children's behaviors and were assessed on an attitude scale measuring adult-, task-, and child-centered attitudes. To measure self-confidence, dominance, and nurturance, a modified form of the Adjective Checklist was administered. Results revealed no statistically significant differences between the groups on these dimensions. Results suggest that lesbian and heterosexual mothers may be more similar than different in their maternal attitudes and self-concept.

[Os sujeitos eram 34 mães lésbicas e 47 mães heterossexuais às quais foi aplicado o teste "Adult Response to Child Behavior". Eles olharam um conjunto de slides de comportamentos de crianças e foram avaliados por uma escala que mede atitudes e tarefas adultas centradas nos filhos. Para medir a autoconfiança, o domínio e a nutrição, uma forma modificada do Adjective Checklist foi aplicada. Os resultados revelaram não haver diferenças estatísticas significantes entre os grupos nessas dimensões. Os resultados sugerem que mães lésbicas e heterossexuais podem ser mais semelhantes do que diferentes nas suas atitudes maternas e no autoconceito.]

32. Neisen, J. H. (1987). *Resources for families with a gay/lesbian member. Journal of Homosexuality, 14(1/2), 239-251.*

Reports on 39 families who had a gay or lesbian member and who were members of a support group for families and friends of lesbians and gays. Discusses the sources of support for family members and information available to them. Most families received their information about lesbian and gay issues from books and newspapers and from gay and lesbian acquaintances instead of family members. Provides reading list for members. Counselors and psychotherapists need to be better informed about lesbian and gay lifestyles in order to help such families.

[Relatos de 39 famílias que têm um membro gay ou lésbica e que eram membros de um grupo de apoio para famílias e amigos de gays e lésbicas. Discute as fontes de apoio para os membros da família e as informações disponíveis para eles. Muitas famílias receberam informações sobre questões de lésbicas e gays através de livros e jornais e das relações de gays e lésbicas com membros da família. Forneceu-se bibliografia para familiares. Conselheiros e psicoterapeutas precisam ser mais bem informados sobre o estilo de vida gay e lésbico para poder ajudar tais famílias.]

33. Newcomb, M. D. (1985). *The role of perceived parent personality in the development of heterosexuals, homosexuals, and transvestites. Archives of Sexual Behavior, 14, 147-164.*

Examines how a sample of 106 male and 122 female heterosexuals, 63 lesbian women, 34 gay men, and 77 male transvestites perceived their parents. The Parent Characteristics Questionnaire (PCQ) assessed the relative distribution of five personality traits between mothers and fathers. No significant differences were found among any of the male samples. But, lesbian women, in comparison to homosexual men, perceived their fathers as more dependent, more affiliative, and less aggressive/dominant than their mothers.

[Examina como uma amostra de 106 homens e 122 mulheres heterossexuais, 63 mulheres lésbicas, 34 homens gays e 77homens travestis percebem seus pais. O "Parent Characteristics Questionnaire (PCQ)" avaliou a distribuição relativa de cinco traços de personalidade entre pais e mães. Não foram encontradas diferenças significativas em nenhuma das amostras de homens. Mas mulheres lésbicas em comparação com homens homossexuais perceberam seus pais como mais dependentes, mais unidos e menos agressivos/dominantes do que suas mães.]

34. O'Connell, A. (1990). *Voices from the heart: The developmental impact of a mother's lesbianism on her adolescent children. Smith College Studies in Social Work, 63, 281-299.*

Documents through qualitative research the thoughts and feelings of 11 teens and young adults whose mothers came out to them after divorce. Participants discuss issues created or complicated by

their mothers' coming out: feelings about mother, secret keeping, friendships, sexuality, reactions to divorce, and the benefits of mother's coming out. While this 1990 study was limited to a lower middle class, Caucasian, and predominately heterosexual sample, the issues revealed by these children of lesbian women increase our understanding of the dynamics at work in such families.

[Documenta, através de pesquisa qualitativa, os pensamentos e os sentimentos de 11 adolescentes e adultos jovens cujas mães se revelaram lésbicas a eles depois do divórcio. Os participantes discutem questões criadas ou complicadas pela revelação das mães: sentimentos sobre a mãe, manutenção de segredo, amizades, sexualidade, reações ao divórcio, e os benefícios da revelação das mães. Embora esse estudo de 1990 tenha-se limitado a uma amostra de baixa classe média, branca e predominantemente heterossexual, as questões reveladas por esses filhos de mulheres lésbicas aumentaram nossa compreensão da dinâmica do trabalho em tais famílias.]

35. Pagelow, M.D. (1980). *Heterosexual and lesbian single mothers: A comparison of problems, coping, and solutions. Journal of Homosexuality, 5, 198-204.*

Reports a descriptive study of the life experiences of lesbian and heterosexual single mothers with regard to child custody, housing, and employment. Data was gathered via questionnaire, participant-observation of various lesbian groups, and in-depth interviews. Findings are exploratory but interesting for the different patterns observed.

[Relata um estudo descritivo das experiências de vida de mães lésbicas e heterossexuais solteiras enfocando a guarda dos filhos, habitação e emprego. Os dados foram obtidos através de questionários, observação participante de vários grupos lésbicos e entrevistas em profundidade. Os achados são exploratórios mas interessam pelos diferentes padrões observados.]

36. Patterson, C. (1994). *Children of the lesbian baby boom: Behavioral adjustment, self-concepts, and sex-role identity. In B. Greene & G. Herek (Eds.), Contemporary perspectives of gay and lesbian psychology: Theory, research, and applications (pp. 156-175). Beverly Hills, CA: Sage.*

Examines 37 4-to-9-year-old children of lesbian mothers. Data were gathered through the Achenback and Edelbrock Child Behavior Checklist for social competence and behavior problems, five scales from the Eder Children's Self-View Questionnaire for self-concept and interview techniques for sex-role behavior. The children of lesbian mothers scored in the normal range for all measures. Only two major differences (greater symptoms of stress and a greater sense of well-being) were found as compared to norms for children of heterosexual mothers. A discussion of psychological and legal implications is presented.

[Examina 37 filhos de mães lésbicas entre 4 e 9 anos. Os dados foram obtidos através do "Achenback and Edelbrock Child Behavior Checklist" para problemas de competência social e problemas de comportamento, através de cinco escalas do "Eder Children's Self-View Questionnaire" para o autoconceito e por meio de entrevistas técnicas para o comportamento de papel sexual. Os filhos de mães lésbicas tiveram uma pontuação normal em todas as medidas. Somente duas diferenças maiores (maior sintoma de estresse e maior senso de bem-estar) foram encontradas quando comparadas com as normas para filhos de mães heterossexuais. É apresentada uma discussão sobre as implicações legais e psicológicas.]

37. Patterson, C. J. (1995). *Families of the Lesbian Baby Boom: Parents' division of labor and children's adjustment. Developmental Psychology, 31, 115-123.*

Presents study of 26 White, well-educated lesbian families composed of a lesbian couple and at least 1 child between 4-9 years old. The author studied the couples' division of labor and discovered that although both partners often reported sharing household tasks and decision-making equally, biological mothers were more involved in child care and nonbiological mothers spent more time in paid employment. Both biological and nonbiological mothers reported similar rates of relationship satisfaction.

[Apresenta estudo de 26 famílias lésbicas brancas e bem educadas, compostas por um casal lésbico e, no mínimo, 1 filho entre 4 e 9 anos. O autor estuda a divisão de trabalho entre o casal e descobriu que, embora ambas as parceiras relatassem uma divisão de trabalho doméstico compartilhado e tomada de decisões igualitária, a mãe biológica era mais envolvida no cuidado com a criança e a mãe não biológica gastava mais tempo em atividades pagas. Ambas as mães relataram graus semelhantes de satisfação no relacionamento.]

38. Pennington, S. B. (1987). *Children of lesbian mothers. In F.W. Bozett (Ed.), Gay and lesbian parents (pp. 58-174). New York: Praeger.*

Discusses the major issues faced by children of lesbian mothers based on 10 years of clinical experience and on the literature. Clinical sample consisted of 32 children, ages 5 to 29 years, from 28 lesbian mother families who were seen as outpatients at a clinic in San Francisco for gay and lesbian individuals and families. Twenty-two of the children were Caucasian, five were Black, and five were biracial. Various U.S. religious and socioeconomic groups were represented. Finds that children's problems were not necessarily related to their mother's sexual orientation, that the quality of mothering was the determining factor. Acknowledges the limitations of a clinical sample and offers implications for professionals as well as suggestions for further research.

[Discute a maioria das questões enfrentadas por filhos de mães lésbicas, baseado em 10 anos de experiência clínica e na literatura. A amostra clínica consiste de 32 filhos entre 5 e 29 anos, vindos de 28 famílias de mães lésbicas, vistas como pacientes externas de uma clínica em São Francisco para indivíduos gays e lésbicas e suas famílias. Vinte e dois filhos eram brancos, cinco eram negros e cinco eram birraciais. Vários grupos religiosos e socioeconômicos dos EUA estavam representados. Encontrou-se que os problemas dos filhos não estavam necessariamente relacionados à orientação sexual das mães, que a qualidade da maternagem era o fator determinante. Reconhece as limitações de uma amostra clínica e oferece implicações para os profissionais bem como sugestões para futuras pesquisas.]

39. Pies, C. A. (1987). *Lesbians choosing children: The use of social group work in maintaining and strengthening the primary relationship. Journal of Social Work and Human Sociology, 5(2), 79-88.*

Examines ways that lesbian relationships are affected by the decision-making process to become parents. Data was gathered from facilitating "Considering Parenthood Groups" for lesbian women at a family planning clinic in California. Three hundred lesbian women participated. Groups consisting of 8 to 15 women lasted for 6 weeks, after which time 15% decided to have children. Issues raised in the groups were: planning for parenthood, dealing with families of origin, responding to questions about lesbians' becoming mothers and who is the "real" mom, internalized homophobia, time management, intimacy, commitment, decision-making, and making compromises. Gives examples of group exercises to explore these issues and comments on how a social work framework may be useful in helping this population.

[Examina o modo como relacionamentos lésbicos são afetados pela decisão de se tornarem mães. A obtenção dos dados foi facilitada pelos "Considering Parenthood Groups" de famílias lésbicas em uma clínica de planejamento familiar na Califórnia. Trezentas mulheres lésbicas participaram. Os grupos consistiam de 8 a 15 mulheres acompanhadas por 6 semanas, depois das quais 15% delas decidiram ter filhos. As questões levantadas nos grupos eram: planejamento para a parentalidade; procedimento com as famílias de origem; respostas a questões sobre a maternidade lésbica e sobre quem é a "verdadeira mãe"; homofobia internalizada; gerenciamento do tempo; intimidade; comprometimento; tomada de decisão e criação de compromisso. Dá exemplos de exercícios de grupo para explorar essas questões e comenta como a rede de trabalho social pode ser usada para ajudar essa população.]

40. Rand, C., Graham, D. L. R., & Rawlings, E.I. (1982). *Psychological health and factors the court seeks to control in lesbian mother custody trials. Journal of Homosexuality, 8, 27-39.*

Reports a study of 25 self-identified lesbian mothers (aged 23-46) that assessed their psychological health and well-being using three subscales of the California Personality Inventory (i.e., self-acceptance, well-being, and achievement by independence). Comparison of scores on the CPI subscales with female norms indicated that the lesbian mothers scored about one standard deviation above the normative samples of self-acceptance and achievement via independence and slightly below (about one-half standard deviation) on well-being. Psychological health correlated positively with openness to employer, ex-husband, children in a lesbian community, and amount of feminist activism. The overall psychological health of lesbian mothers was found to be as good as that of the normative samples.

[Relata um estudo com 25 mães lésbicas auto-identificadas, entre 23 e 46 anos o qual avalia sua saúde psíquica e bem-estar usando três subescalas do "California Personality Inventory" (auto-aceitação, bem-estar e aquisição de independência). A comparação da pontuação nas escalas do CPI com normas femininas indicou que as mães lésbicas pontuaram um desvio padrão acima das amostras normativas de auto-aceitação e aquisição de independência e levemente abaixo (metade do desvio padrão) no bem-estar. A saúde psicológica foi diretamente relacionada com mais abertura para emprego, ex-marido, crianças na comunidade lésbica e quantidade de ativismo feminista. A saúde psicológica global de mães lésbicas era tão boa quanto a da amostra normativa.]

41. Stiglitz, E. (1990). *Caught between two worlds: The impact of a child on a lesbian couple's relationship. Women and Therapy, 10(1/2), 99-116.*

Research studies have generally focused on the developmental status of children of lesbian mothers. The author examines the impact of a child on a lesbian couple's relationship. Reviews some of the literature on couples' relationship development. Also reviews some of the literature on the impact of a child on a heterosexual couple's relationship, the dynamic of lesbian relationships, and findings using questionnaire data from both lesbian and heterosexual couples. Examines three major variables across both lesbian and heterosexual couples: roles, intimacy, and social supports. The author examines questionnaire data from five heterosexual couples and seven lesbian couples, 2 years before the birth of a child and 2 years after the birth. Questions revolved around issues of intimacy, dependency, power, and social/community supports. Couples time alone and loss of freedom were reported as the most common area of dissatisfaction after birth by both groups. Lesbian mothers, however, were the only group to strongly report dissatisfaction with "the amount and depth of their intimacy and the degree of emotional sharing with their partner." For heterosexual women, an increase in emotional support from their families and community was experienced, while for lesbian mothers, they felt more "... like a separate family" (p. 111). With lesbian mothers the issues of mutual dependency played a role in dissatisfaction after the birth of a child. Variable of power in the relationship did not emerge as a major factor in the author's sample. Notes the need for research on the dynamics of lesbian relationships and how relationships change and adjust to the addition of a child. The need for larger samples and issues related to ethnic and cultural minorities should also be added as important variables that need to be examined through further research.

[Estudos de pesquisatêm geralmente enfocado o estado de desenvolvimento de filhos de mães lésbicas. O autor examina o impacto de uma criança no relacionamento de um casal lésbico. O autor revisa a literatura sobre o desenvolvimento das relações de casal. Também revisa alguma literatura sobre o impacto de um filho no relacionamento de casal homossexual, a dinâmica do relacionamento lésbico e obtém os dados por meio de questionário aplicado tanto aos casais lésbicos quanto aos heterossexuais. Examina três grandes variáveis cruzando casais lésbicos e heterossexuais: papéis, intimidade e apoio social. O autor examina dados de questionários aplicados a cinco casais heterossexuais e sete casais lésbicos, dois anos antes do nascimento do filho e dois anos depois do nascimento. As questões giram em torno de intimidade, dependência, poder e apoio social e da comunidade. Menos tempo para o casal ficar sozinho e perda de liberdade foram relatadas como as áreas mais comuns de insatisfação depois do nascimento para ambos os grupos. As mães lésbicas, entretanto, foram o único grupo a relatar enfaticamente a insatisfação com "a quantidade e a profundidade de sua intimidade e o grau de compartilhamento emocional com a parceira". Para as mulheres heterossexuais, um aumento no apoio emocional de suas famílias e comunidade foi experimentado, enquanto as mães lésbicas sentiram mais "como uma família separada". Para as mães lésbicas, as questões de dependência mútua tiveram um papel importante na insatisfação depois do nascimento do filho. A variável do poder no relacionamento não surgiu como um fator maior na amostra do autor. O estudo nota a necessidade de se realizarem pesquisas sobre a dinâmica do

relacionamento lésbico e como esse relacionamento muda e se adapta à chegada do filho. A necessidade de grandes amostras e a inclusão de questões relacionadas a minorias étnicas e culturais podem ser também adicionadas como variáveis importantes que necessitam ser examinadas por futuras pesquisas.]

42. Turner, P. H., Scadden, L., & Harris, M. B. (1990). Parenting in gay and lesbian families. *Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy*, 1(3), 55-66.

Presents descriptive information about homosexual parents gathered through structured interviews with 10 single gay fathers aged 29-43 and 11 single lesbian mothers aged 32-44. Differences between gay fathers and lesbian mothers were presented. Lesbian mothers had less income, were more likely to tell children about their homosexuality, and were more likely to have difficulty reconciling their lesbian and parental roles. Both gay and lesbian parents had few problems with their children as a result of their homosexuality.

[Apresenta informação descritiva sobre pais homossexuais obtida através de entrevistas estruturadas com 10 pais gays solteiros entre 29 e 43 anos e 11 mães lésbicas solteiras entre 32 e 44 anos. Diferenças entre pais gays e mães lésbicas foram apresentadas. Mães lésbicas tiveram menos renda, falaram mais facilmente com os filhos sobre sua homossexualidade e mostraram mais dificuldade de conciliar seu papel materno com o lesbianismo. Tanto gays quanto lésbicas tiveram poucos problemas com seus filhos como resultado da sua homossexualidade.]

43. Zuger, B. (1989). Homosexuality in families of boys with early effeminate behavior: An epidemiological study. *Archives of Sexual Behavior*, 18(2), 155-166.

In a 30 year follow-up of 55 boys with effeminate behavior aged 6-16 at the onset of the study, study found that the majority (73-94%) were homosexual as adults. Incidence of homosexuality among the parents, siblings, aunts, uncles, and cousins of these boys essentially did not differ from that of the general heterosexual population. Speculates that there may be biologic origins to homosexuality based upon the apparent increased susceptibility to pyloric stenosis in nongay males when compared to their gay monozygotic twin.

[Através de um acompanhamento durante 30 anos, de 55 meninos com comportamento afeminado de idade entre 6 e 16 anos no início do estudo, a pesquisa encontrou que a maioria (73 a 94 %) eram homossexuais quando adultos. A incidência de homossexualidade entre pais, irmãos, tios, tias e primos desses meninos não diferiu essencialmente da população heterossexual geral. Especula que pode haver origens biológicas para a homossexualidade com base no aparente aumento de suscetibilidade para estenose pilórica em homens não-gays quando comparados com gêmeos monozigóticos gays.]

3.3.6 Sugestões bibliográficas da Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas

A Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas (APGL) é uma organização francesa que luta pelos direitos das pessoas homossexuais serem pais/mães. Como organização militante, organizadora de colóquios e publicações, traz para a discussão sobre homoparentalidade personagens importantes do campo intelectual europeu, canadense e americano, mesmo aqueles cujas opiniões não são favoráveis aos seus objetivos. Disponibilizou uma lista de sugestões bibliográficas muito completa que se encontra na página www.france.qrd.org/assocs/apgl e mostra uma coletânea selecionada de artigos, livros e páginas da internet de interesse para quem estuda a homoparentalidade.

A nossa intenção ao reproduzir a página tal como se encontra no site, foi facilitar o acesso à bibliografia sem a necessidade de busca na Internet.

Travaux de l'APGL

[Trabalhos da APGL]

1. APGL (1997), *Petit guide bibliographique à l'usage des familles homoparentales et des autres*, Paris
2. DUBREUIL E, GROSS M (alias Maud Grand) (1997), Homosexualité, famille, filiation, *Le Monde*, 12/12/1997
3. DUBREUIL E (1998), Des parents du même sexe: entre réalité et discriminations, *Le Banquet*, n°12 et 13
4. APGL (1998), *Actes du Colloque " Familles gayer et lesbiennes en Europe "*, Paris
5. GROSS M (1998), Des parents comme vous, *Libération*, 23/6/1998
6. GROSS M, DUBREUIL E (1999), Le devoir des familles homoparentales, *Libération*, 16/3/1999
7. DUBREUIL E, GROSS M (1999), Une révolution dans la parentalité, entretien, *La Mazarine*, mars 1999.
8. DUBREUIL E, GROSS M (1999), De " la famille " au singulier aux familles plurielles, *Journal du droit des jeunes*, juin 1999.
9. APGL (2000), *Débathèmes 1997-1999*, à paraître.

Quelques travaux des intervenants au colloque organisé par l'APGL en 1999

[Alguns trabalhos dos participantes do colóquio organizado pela APGL em 1999]

1. BACH-IGNASSE G (1998), Familles et homosexualités, *Homosexualités et Droit*, (D. Borrillo Ed.), PUF, Paris
2. BAETENS P, PONJAERT-KRISTOFFSEN I, VAN STEIRTEGHEM AC, DEVROEY P (1996), PMA et nouvelles formes de famille: Une étude sur les inséminations artificielles des femmes seules et homosexuelles, *Thérapie familiale*, 17(1), 51-60
3. BAETENS P, LENIE T, PONJAERT-KRISTOFFSEN I (à paraître), *Counselling lesbian couples on their desire for a child and the request for DI on social grounds*.
4. BORRILLO D (1998), *Homosexualités et droit: de la tolérance à la reconnaissance*, ouv.coll., PUF – les voies du droit, Paris
5. BORRILLO D (1998), Homosexualité et liberté matrimoniale, *Témoin* n°12, Mai/juin 1998.
6. BORRILLO D (1998), Les unions du même sexe: entre mariage impossible et concubinage improbable, *le Banquet*, n°12 et 13
7. BORRILLO D, FASSIN E, IACUB M (sous la dir. de) (1999), *Au-delà du Pacs: l'expertise familiale à l'épreuve de l'homosexualité*, PUF, Paris
8. CADORET A (1995), *Parenté Plurielle anthropologie du placement familial*, Paris, éd. L'Harmattan
9. CADORET A (1997), *Enfants accueillis et multiparenté le placement de l'Aide sociale à l'enfance des Hauts de Seine*, avec la collaboration de C. Bonnemain C. Curjol, J. Delatte, Rapport de recherche, Trass, Paris
10. CADORET A (1999), *Homosexualité et filiation*, *Mazarine*, pp.15-22, Le troisième sexe, printemps 1999

11. CADORET A (1999), La filiation des anthropologues face à l'homoparentalité, in *Au-delà du Pacs*, pp. 205-224, Paris, PUF
12. CADORET A (A paraître), Le défi posé par l'homoparentalité, *Sociétés Contemporaines*
13. CHAUVIERE M (1998), Approches comparées du champ familial. Les réseaux de défense des intérêts familiaux en France et en Angleterre, avec Virginie Bussat, Recherches et Prévisions, CNAF n°52
14. CHAUVIERE M (1999), *Le périmètre du familial dans l'action publique. Enjeux et variations d'une entreprise de codification – 1939/1999*, Rapport pour le GIP Justice, avec Virginie Bussat
15. DELAISI G, VERDIER P (1994), *Enfant de personne*, Paris, Editions Odile Jacob
16. DELAISI G (1997), *La part de la mère*, Paris, Editions Odile Jacob, 1997.
17. DELAISI G (1999), La construction de la parentalité dans les couples de même sexe, pp. 225-244, Paris, PUF
18. DE SINGLY F (1996), *Le Soi, le couple, la famille*, Paris, Nathan
19. DE SINGLY F, COMMAILLE J (1997), *La question familiale en Europe*, Paris
20. DE SINGLY F (réed 1998), *Sociologie de la famille contemporaine*, Paris, Nathan, 1993
21. DUBREUIL E (1998), *Des parents de même sexe*, Paris, Editions Odile Jacob
22. DUNNE G (1998), Add Sexuality and Stir: Towards a broader understanding of the gender dynamics of work and family life, in G.A. Dunne (ed), *Work and Family Life*, special edition of the Journal of Lesbian Studies, volume 2 Number 4, October 1998.
23. DUNNE G (1999), What Difference Does Difference Make? Lesbian experience of Work and Family Life, in J. Seymour and P. Bagguley (eds), *Relating Intimacies: Power and Resistance*, MacMillan and BSA
24. DUNNE G (1999) Opting into Motherhood: Lesbians blurring the boundaries and re-defining the meaning of parenting and kinship, *The Journal of Gender and Society*, December 1999.
25. FASSIN E (1997), Homosexualité, mariage et famille, *Le Monde*, p. 21, 5 novembre 1997.
26. FASSIN E (1998), L'illusion anthropologique: homosexualité et filiation, *Témoign* n°12, mai 1998.
27. FASSIN E (1998), Le savant, l'expert et le politique. La famille des sociologues, *Genèses*, n°32, pp. 156-169, septembre 1998.
28. FASSIN E (1998), PaCS Socialista la gauche et le 'juste milieu', *Le Banquet*, n°12-13, dossier "Mariage, union et filiation", 1 octobre 1998, pp. 147-159.
29. FINE A (1994), *Parrains et marraines, La parenté spirituelle en Europe*, Paris, Fayard
30. FINE A (dir) (1998), *Adoptions. Ethnologie des parentés choisies*, Paris, Maison des Sciences de l'Homme
31. FINE A (1998/1999), *Parenté. Liens de sang et liens de cœur*, Sciences Humaines, N° hors série, pp. 24-27, Déc.98/janv.99.
32. GOLOMBOK S (1983), Children in lesbian and single-parent households: psychosexual and psychiatric appraisal, *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, pp. 551-572, n° 24

33. GOLOMBOK S, SPENCER A, RUTTER M (1983), Children in lesbian and single-parent households: psychosexual and psychiatric appraisal, Les enfants dans les foyers lesbiens et mono-parentaux: appréciation psychosexuelle et psychiatrique, *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, vol. 24, pp. 551-72
34. GOLOMBOK S (1996), Do parents Influence the Sexual Orientation of Their Children ? Findings from a longitudinal Study of Lesbian Families (with Fiona Tasker), *Developmental Psychology*, vol 37, N°1, 3-11
35. GOLOMBOK S, TASKER F, MURRAY C (1997), Children raised in fatherless families from infancy : family relationships and socioemotional development of children of lesbian and heterosexual mothers, Les enfants élevés dans des familles sans père depuis la prime enfance : relations familiales et développement socioémotionnel des enfants de mères lesbiennes et de de mères hétérosexuelles, *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, vol 38, n°7, pp. 783-791
36. GOLOMBOK S, *Grandir dans une famille lesbienne*, Editions ESF, collection La vie de l'enfant
37. LE BOURSICOT MC (1996), *Le secret des origines* - Revue juridique d'Ile de France, juillet-septembre 1996
38. LE BOURSICOT MC, VERDIER P (1996), *Double regard sur la loi du 5 juillet 1996 relative à l'adoption* - Journal du droit des jeunes, octobre 1996
39. LE BOURSICOT MC (1998), *L'adoption: une vraie filiation?*, Gazette du Palais 23 juin 1998
40. LE GALL D, MARTIN C (dir.) (1996), *Familles et politiques sociales. Dix questions sur le lien familial contemporain* Paris, éd. L'Harmattan
41. LE GALL D, MARTIN C (1996), Beaux-parents au quotidien et par intermittence, in *Familles et politiques familiales. Dix questions sur le lien familial contemporain* pp. 125-149, Paris, éd. L'Harmattan
42. LE GALL D (1996), Les nouvelles parentés, *La famille en questions. Etat de la recherche*, (ouvrage collectif sous la dir. de F. De Singly, C. Martin A. Muxel, I. Bertaux-Wiame, M. Maruani et J. Commaille), pp. 139-144, Paris, Institut de l'Enfance et de la Famille, Syros
43. LEROY-FORGEOT F (1997), *Histoire juridique de l'homosexualité en Europe*, Paris, PUF
44. LEROY-FORGEOT F (1999), *Les enfants du PACS: réalités de l'homoparentalité*, L'Atelier de l'Archer, Paris
45. MATHIEU NC (1991), Identité sexuelle/sexuée/de sexe? Trois modes de conceptualisation du rapport entre sexe et genre, in *L'Anatomie politique. Catégorisations et idéologies du sexe*, Paris, Côté femmes
46. MATHIEU NC (1994), Dérive du genre/stabilité des sexes, in Michel Dion (ss dir.), *Madonna. Erotisme et pouvoir*, Paris, Kimé
47. MECARY C, DE LA PRADELLE G (1998), *les droits des homosexuels*, Paris, PUF
48. NEUBURGER R (1995), *Le mythe familial*, ESF Editeur, collection Sciences Humaines Appliquées
49. NEUBURGER R (1997), *Nouveaux Couples*, Paris, Editions Odile Jacob
50. NEUBURGER R (1998), Robert Neuburger, *L'irrationnel dans le couple*, ESF Editeur, collection Sciences Humaines Appliquées
51. NICOLAS-MAGUIN MF (1998), *Droit de la famille*, La découverte

52. THERY I (1993), *Le démariage*, Editions Odile Jacob
53. THERY I (1997), Le contrat d'union sociale en question, *Esprit*, octobre 1997.
54. THERY I (1998), *Couple, filiation et parenté aujourd'hui*, Rapport à la ministre de l'Emploi et de la Solidarité et au garde des Sceaux, ministre de la justice, Editions Odile Jacob/La Documentation française
55. VERDIER P, DUBOC M (1996), *Face au secret de ses origines – le droit d'accès au dossier des enfants abandonnés*, Dunod
56. VERDIER P, MARGIOTTA N (1998), *Le droit à la connaissance de son origine: un droit de l'homme*, Editions Jeunesse et Droit
57. VERDIER P (1999), *L'adoption aujourd'hui*, Paris, Bayard Editions, (6ème édition).

Autres Eléments Bibliographiques issus du petit guide bibliographique publié par l'APGL en et d'ailleurs

[Outros Elementos Bibliográficos originários do pequeno guia bibliográfico publicado pela APGL e de outros lugares]

1. ACHTENBERG R (1990), *Preserving and protecting the families of lesbian and gay men*, Préserver et protéger les familles d'homosexuels, National Center for Lesbian Rights, San Francisco CA
2. AGBAYEWA MO (1984), Fathers in the newer family forms: male or female ?, Les pères dans les nouvelles formes de familles: masculins ou féminins ?, *Canadian Journal of Psychiatry*, vol. 29, n° 5, pp. 99-116
3. AINSLIE J, FELTEY KM (1991), Definitions and dynamics of motherhood and family in lesbian communities, Définitions et dynamiques de maternité et de famille dans des communautés lesbiennes, *Journal of Marriage and the Family*, vol. 17, n° 1-2, pp. 63-85
4. ALPERT H (1988), *We are everywhere: writings by and about lesbian parents*, Nous sommes partout: écrits par et sur les mères lesbiennes, The Crossing Press, Freedom CA
5. ARNUP K (1995), *Lesbian parenting: living with pride and prejudice*, Parentalité lesbienne: vivre entre fierté et préjugés, Gynergy Books
6. ASSOCIATION AMERICAINE DE PSYCHIATRIE (1980), *Diagnostic and statistical manual of mental disorders (3rd ed.)*, Manuel statistique et de diagnostic des maladies mentales (3ème édition), *Diagnostic and statistical Manual of Mental Disorders (3rd ed.)*, Washington DC
7. ASSOCIATION AMERICAINE DE PSYCHOLOGIE (1975), " *Minutes of the Annual Meeting of the Council of Representatives* ", Procès verbal de la réunion annuelle du Conseil des délégués.
8. BAILEY JM, BOBROW D, WOLFE M, MIKACH S (1995), Sexual orientation of adult sons of gay fathers, Orientation sexuelle des fils adultes de pères gays, *Developmental Psychology*, n° 31, pp. 124-9
9. BAPTISTE DA (1987), *The gay and lesbian stepparent family*, La " belle-famille " homoparentale, In FW Bozett (Ed.) *Gay and Lesbian Parents*, Praeger, New York NY, pp. 112-37
10. BAPTISTE DA (1987), Psychotherapy with gay/lesbian couples and their children in stepfamilies: a challenge for marriage and family therapists, Psychothérapie avec des couples gays ou lesbiens et leurs enfants au sein de leurs " belles-familles ": un défi pour les thérapeutes spécialisés en mariage et famille, *Journal of Homosexuality*, vol. 14, n° 1-2, pp. 223-38

11. BARRET RL, ROBINSON BE (1990), *Gay fathers*, Pères homosexuels, Lexington Books, Lexington MA ,
12. BARRET RL, ROBINSON BE (1994), *Gay dads*, Les pères gays, In AE Gottfried and AW Gottfried (Eds.) *Redefining families: implications for children's development*, Plenum Press, New York NY, pp. 157-70
13. BEARGIE RA (1988), Custody determinations involving the homosexual parent, Décisions de garde d'enfants impliquant le parent homosexuel, *Family Law Quarterly*, n° 22, pp. 71-86
14. BEN-ARI A (1995), The discovery that an offspring is gay: parents', gay men's, and lesbians' perspectives, Une progéniture découvre son homosexualité: perspectives pour les parents, les hommes gays et les femmes lesbiennes, *Journal of Homosexuality*, vol. 30, n° 1, pp. 89-112
15. BENKOV L (1994), *Reinventing the family: the emerging story of lesbian and gay parents*, Réinventer la famille: l'histoire naissante des parents homosexuels, Crown, New York NY
16. BIGNER JJ, BOZETT FW (1990), Parenting by gay fathers, La parentalité chez les pères gays, *Marriage and Family Review*, vol. 14, n° 3-4, pp. 155-75
17. BIGNER JJ, JACOBSEN RB (1992), Adult responses to child behavior and attitudes toward fathering: gay and non-gay fathers, Réactions d'adultes à des comportements d'enfants et attitudes vis-à-vis de la parentalité: pères gays et non gays, *Journal of Homosexuality*, vol. 23, n° 3, pp. 99-112
18. BIGNER JJ, JACOBSEN RB (1989), Parenting behaviors of homosexual and heterosexual fathers, Comportements parentaux de pères homosexuels et de pères hétérosexuels, *Journal of Homosexuality*, vol. 18, n° 1-2, pp. 173-86
19. BIGNER JJ, JACOBSEN RB (1989), The value of children to gay and heterosexual fathers, La valeur des enfants pour les pères gays et les pères hétérosexuels, *Journal of Homosexuality*, vol. 18, n° 1-2, pp. 163-72
20. BOZETT FW (1980), Gay fathers: how and why they disclose their homosexuality to their children, Pères gays: comment et pourquoi ils apprennent leur homosexualité à leurs enfants, *Family Relations*, n° 29, pp. 173-9
21. BOZETT FW (1981), Gay fathers: evolution of the gay-father identity, Les pères gays: évolution de l'identité de père gay, *American Journal of Orthopsychiatry*, vol. 51, n° 3, pp. 552-9
22. BOZETT FW (1982) Heterogeneous couples in heterosexual marriages: gay men and straight women, Couples hétérogènes dans les mariages hétérosexuels: hommes gays et femmes hétérosexuelles, *Journal of Marital and Family Therapy*, n° 8, pp. 81-9
23. BOZETT FW (1987), *Children of gay fathers*, Enfants de pères gays, In FW Bozett (Ed.) *Gay and Lesbian Parents*, Praeger, New York NY, pp. 39-57
24. BOZETT FW (1987), *Gay and lesbian parents*, Parents homosexuels, Praeger, New York NY
25. BOZETT FW (1989), *Homosexuality and the family*, L'homosexualité et la famille, Harrington Press, New York NY
26. BOZETT FW (1989), Gay fathers: a review of the literature, Les pères gays: une revue de la littérature, *Journal of Homosexuality*, vol. 18, n° 1-2, pp. 137-62
27. BOZETT FW, SUSSMAN MB (1990), Homosexuality and family relations: views and research issues, Homosexualité et relations familiales: points de vue et conclusions de recherche, *Marriage and Family Review*, vol. 14, n° 3-4, pp. 1-8

28. BREWAEYS A, DEVROEY P, HELMERHORST FM, VAN HALL EV, PONJAERT I (1995), Lesbian mothers who conceived after donor insemination: a follow-up study, Mères lesbiennes ayant conçu leur enfant par insémination artificielle: étude de suivis, *Human Reproduction*, vol. 10, n° 10, pp. 2731-5
29. BREWAEYS A, PONJAERT I, VAN HALL EV, GOLOMBOK S (1997), Donor insemination : child development and family functioning in lesbian mother families, Insémination de donneur : développement des enfants et fonctionnement familial dans les familles de mères lesbiennes, *Human Reproduction*, vol. 12, n° 6, pp. 1349-59
30. BREWAEYS A, VAN HALL EV (1997), Lesbian motherhood : the impact on child development and family functioning, Maternité lesbienne : l'impact sur le développement des enfants et le fonctionnement familial, *Journal of Psychosom Obstet Gynaecol*, vol 18, n°1, pp.1-16
31. CARL D (1990), *Parenting/blended family issues*, Conclusions sur la parentalité et les familles mixtes, In D Carl (Ed.) *Counseling same-sex couples*, Norton, New York NY, vol. 14, n° 1-2, pp. 91-106 ,
32. CLUNIS DM, GREEN GD (1988), *Lesbian couples with children*, Les couples lesbiens avec enfants, In DM Clunis and GD Green (Eds.) *Lesbian couples*, Seal Press, Seattle, pp. 113-30
33. COMMAILLE J, MARTIN C (1998) *Les enjeux politiques de la famille*, Paris, Bayard
34. CORINALDI M (1995), Towards the practice of surrogacy in Israel, Vers la pratique de la maternité de substitution en Israël, *Medicine and Law vol. 14*, n° 5-6, pp. 425-7
35. CRAWFORD I, SOLLIDAY E (1996), The attitudes of undergraduate college students toward gay parenting, Les attitudes des étudiants vis-à-vis de l'homoparentalité, *Journal of Homosexuality*, vol. 30, n° 4, pp. 63-77
36. DAGOGNET F (1999), La famille sans la nature: une politique de la morale contre le moralisme, in *Au-delà du Pacs*, pp. 79-85, Paris, PUF
37. DANIEL KR, BURN I (1997), Access to assisted human reproduction services by minority groups, Accès aux techniques de procréation assistées par les groupes minoritaires, *Aus-n-z-j-Obstet-Gynaecol*, vol 37 n°1, pp. 79-85
38. DILAPI EM (1989), Lesbian mothers and the motherhood hierarchy, Les mères lesbiennes face à la hiérarchie de la maternité, *Journal of Homosexuality*, vol. 18, n° 1-2, pp. 101-21
39. DUNNE EJ (1987), Helping gay fathers come out to their children, Aider les pères gays à révéler leur homosexualité à leurs enfants, *Journal of Homosexuality*, vol. 14, n° 1-2, pp. 213-222
40. EDITORS OF THE HARVARD LAW REVIEW (1990), *Sexual orientation and the law*, L'orientation sexuelle et la loi, Harvard University Press, Cambridge MA
41. ERLICHMAN KL (1988), Lesbian mothers: ethical issues in social work practice, Les mères lesbiennes: problèmes éthiques relatifs à la pratique du travail social, *Women and Therapy*, n° 8, pp. 207-24
42. FALK PJ (1994), *The gap between psychosocial assumptions and empirical research in lesbian mother child custody cases*, La distance entre les hypothèses psychosociales et la recherche empirique concernant la garde d'enfants de mères lesbiennes, In AE Gottfried and AW Gottfried (Eds.) *Redifining families: implications for children's development*, Plenum Press, New York NY, pp. 131-56
43. FLAKS DK, FICHER I, MASTERPASQUA F, JOSEPH G (1995), Lesbians choosing motherhood: a comparative study of lesbian and heterosexual parents and their children, Les lesbiennes faisant le choix de la maternité: une étude comparative des mères lesbiennes et des parents hétérosexuels ainsi que de leurs enfants, *Developmental Psychology*, n° 31, pp. 105-14

44. FREEDMAN M (1971), *Homosexuality and psychological functioning*, Homosexualité et fonctionnement psychologique, Brooks/Cole, Belmont CA
45. GARTRELL N, HAMILTON J, BANKS A, MOSBACHER D, REED N, SPARKS CH, BISHOP H (1996), The national lesbian family study : 1. Interviews with prospective mothers, Etude nationale de la famille lesbienne : 1. Entretien avec de futures mères, *American Journal of orthopsychiatry*, vol 66, n°2, pp. 272-81
46. GIBBS ED (1988), Psychosocial development of children raised by lesbian mothers: a review of research, Développement psychosocial des enfants élevés par les mères lesbiennes: un bilan de la recherche, *Women and Therapy*, n° 8, pp. 65-75
47. GIL DE LAMADRID M (1991), *Lesbians choosing motherhood: legal implications of donor insemination and co-parenting*, Les lesbiennes choisissant d'être mères: implications juridiques de l'insémination par donneur et de la co-parentalité, National Center for Lesbian Rights, San Francisco CA
48. GONSIOREK JC (1991), *The empirical basis for the demise of the illness model of homosexuality*, Les fondements empiriques de l'abandon du modèle de maladie pour l'homosexualité, in JC Gonsiorek and JD Weinrich (Eds.) *Homosexuality: research implications for public policy*, Sage, Newbury Park CA, pp. 115-36
49. GOODMAN B (1983), The lesbian mother, La mère lesbienne, *American Journal of Orthopsychiatry*, vol. 43, pp. 283-4
50. GOTTMAN-SCHWARTZ J (1989), Children of gay and lesbian parents, Enfants de parents gays et lesbiens, *Marriage and Family Review*, vol. 14, n° 3, pp. 177-96
51. GOTTMAN-SCHWARTZ J (1990), *Children of gay and lesbian parents*, Enfants de parents gays et lesbiens, In FW Bozett and MB Sussman (Eds.) *Homosexuality and the Family*, Harrington Park Press, New York NY, pp. 177-96
52. GREEN GD (1987), *Lesbian mothers: mental considerations*, Mères lesbiennes: considérations de santé mentale, In FW Bozett (Ed.) *Gay and Lesbian Parents*, Praeger, New York NY, pp. 188-98
53. GREEN GD, BOZETT FW (1991), *Lesbian mothers and gay fathers*, Mères lesbiennes et pères gays, in JC Gonsiorek and JD Weinrich (Eds.) *Homosexuality: Research implications for public policy*, Sage Publications, Newbury Park CA, pp. 197-214
54. GREEN R (1978), Sexual identity of 37 children raised by homosexual or transsexual parents, L'identité sexuelle de 37 enfants élevés par des parents homosexuels ou transsexuels, *American Journal of Psychiatry*, vol. 135, n° 6, pp. 692-7
55. GREEN R, MANDEL JB, HOTVEDT ME, GRAY J, SMITH L (1986), Lesbian mothers and their children: a comparison with solo parent heterosexual mothers and their children, Les mères lesbiennes et leurs enfants: une comparaison avec les mères célibataires hétérosexuelles et leurs enfants, *Archives of Sexual Behavior*, vol. 15, n° 2, pp. 167-84
56. GREENE B (1990), Sturdy bridges: the role of african-american mothers in the socialization of african-american children, Liens forts: le rôle des mères afro-américaines dans la socialisation des enfants afro-américains, *Women and Therapy*, vol. 10, n° 1-2, pp. 205-25
57. GROTH AN, BIRNBAUM HJ (1978), Adult sexual orientation and attraction to underage persons, Orientation sexuelle des adultes et attirance pour des mineurs, *Archives of Sexual Behavior*, n° 15, pp. 175-81
58. GUNTER PL (1992), *Social work with nontraditional families*, Travail social avec des familles non-traditionnelles, In NJ Woodman (Ed.) *Lesbian and Gay Lifestyles: A guide for counseling and education*, Irvington, New York NY, pp. 87-109

59. HAGGERTY RJ, Child health 2000 (1995): new pediatrics in the changing environment of children's needs in the 21st century, Santé des enfants en l'an 2000: une nouvelle pédiatrie dans l'environnement évolutif des besoins des enfants au 21ème siècle, *Pediatrics*, vol. 96, n° 4, pp. 804-12
60. HAND SI (1991), *The lesbian parenting couple*, Le couple de lesbiennes qui élève des enfants, Thèse de Doctorat non publiée, The Professional School of Psychology, San Francisco CA ,
61. HANDMAN ME (1990), L'adoption traditionnelle en Grèce, *Méridies*, pp. 411-434, 11-déc
62. HANDMAN ME (1999), Sexualité et famille: approche anthropologique, pp 205-224, in *Au-delà du Pacs* Paris, PUF
63. HARRIS MB, TURNER PH (1985), Gay and lesbian parents, Parents gays et parents lesbiens, *Journal of Homosexuality*, vol. 12, n° 2, pp. 101-13
64. HARVEY SM, CARR C, BERNHEINE S (1989), Lesbian mothers: health care experiences, Mères lesbiennes: expériences de prise en charge sanitaire, *Journal of Nurse-Midwifery*, vol. 34, n° 3, pp. 115-9, 1989
65. HITCHENS DJ, KIRKPATRICK MJ (1985), *Lesbian mothers/gay fathers*, Mères lesbiennes/pères gays, In DH Schetky and EP Benedek (Eds.) *Emerging issues in child psychiatry and law*, Brunner-Mazel, New York NY, pp. 115-25
66. HITCHENS DJ (1979), Social attitudes, legal standards, and personal trauma in child custody cases, Attitudes sociales, normes juridiques et traumatismes personnels dans les cas de garde d'enfants, *Journal of Homosexuality*, n° 5, pp. 89-95
67. HITCHENS DJ, THOMAS ANN (1983), *Lesbian mothers and their children: an annotated bibliography of legal and psychological matters*, Les mères lesbiennes et leurs enfants: une bibliographie annotée des problèmes juridiques et psychologiques, Lesbian Rights Project
68. HOCHMAN A (1994), *Everyday acts and small subversions: women reinventing family, community, home*, Actes quotidiens et petites subversions: des femmes réinventent la famille, la communauté, la maison, Eighth Mountain Press
69. HOFFER B (1981), Children's acquisition of sex-role behavior in lesbian-mother families, Acquisition du comportement sexué des enfants dans des familles dont la mère est lesbienne, *American Journal of Orthopsychiatry*, vol. 51, n° 3, pp. 536-44
70. HOTVEDT ME, MANDEL JB (1982), *Children of lesbian mothers*, Enfants de mères lesbiennes, In W Paul, JD Weinrich, J Gonsiorek and M Hotvedt (Eds.) *Homosexuality, Social Psychological and Biological Issues*, Sage Publications, Beverly Hills CA, pp. 275-85
71. HUGGINS SL (1989), A comparative study of self-esteem of adolescent children of divorced lesbian mothers and divorced heterosexual mothers, Une étude comparative de l'amour-propre d'adolescents de mères lesbiennes divorcées et de mères hétérosexuelles divorcées, *Journal of Homosexuality*, vol. 18, n° 1-2, pp. 123-35
72. HUNTER ND, POLIKOFF ND (1976), Custody rights of lesbian mothers: legal theory and litigation strategy, Droits de garde d'enfants des mères lesbiennes: théorie juridique et stratégie du litige, *Buffalo Law Review*, vol. 25, n° 3
73. IACUB M (1998), Le couple homosexuel, le droit et l'ordre symbolique, *Le Banquet*, n°12 et 13
74. IACUB M (1999), Homoparentalité et ordre procréatif, in *Au-delà du Pacs* pp. 189-204, Paris, PUF, 1999.
75. IACUB M (1999), Le droit et l'horreur des filiations homoparentales, *Mazarine*, mars 1999.

76. JENNY C, ROESLER TA, POYER KL (1994), Are children at risk for sexual abuse by homosexual ?, Les enfants sont-ils exposés aux abus sexuels d'homosexuels ?, *Pediatrics*, n° 94, pp. 41-4
77. JONES BM, MCFARLANE K (1980), *Sexual abuse of children: selected readings*, Abus sexuels sur les enfants: sélection de textes, National Center on Child Abuse and Neglect, Washington DC
78. JULLION J (1985), *Long way home: the odyssey of a lesbian and her children*, Un long parcours: l'odyssée d'une mère lesbienne et de ses enfants, Cleiss Press, San Francisco CA
79. KING BR, BLACK KN (1999), Extent of relational stigmatization of lesbians and their children by heterosexual college students, Etude des stigmatisations subies par les lesbiennes et leurs enfants par les élèves hétérosexuels, *Journal of homosexuality*, vol 37, n°2, pp. 65-81
80. KIRKPATRICK M (1987), Clinical implications of lesbian mother studies, Implications cliniques des études sur les mères lesbiennes, *Journal of Homosexuality*, vol. 14, n° 1-2, pp. 201-11
81. KIRKPATRICK M, SMITH C, ROY R (1981), Lesbian mothers and their children: a comparative survey, Les mères lesbiennes et leurs enfants: une étude comparative, *American Journal of Orthopsychiatry*, vol. 51, n° 3, pp. 545-51
82. KOEPKE L, HARE J, MORAN PB (1992), Relationship quality in a sample of lesbian couples with children and child-free lesbian couples, Qualité de la relation dans un échantillon de couples lesbiens avec et sans enfants, *Family Relations*, n° 41, pp. 224-9
83. KURDEK LA (1994), Conflict resolution styles in gay, lesbian, heterosexual nonparent, and heterosexual parent couples, Modes de résolution des conflits dans les couples gays, lesbiens, hétérosexuels sans enfant et hétérosexuels avec enfants, *Journal of Marriage and the Family*, vol. 56, n° 3, pp. 705-22
84. KWESKIN SL, COOK AS (1982), Heterosexual and homosexual mothers' self-described sex-role behavior and ideal sex-role behavior in children, Le comportement sexué des enfants tel qu'il est décrit par les mères hétérosexuelles ou homosexuelles face au comportement sexué idéal, *Sex Roles*, vol. 88, n° 9, pp. 967-75
85. LEIBLUM SR, PALMER MG, SPECTOR IP (1995), Non-traditional mothers: single heterosexual/lesbian women and lesbian couples electing motherhood via donor insemination, Les mères non traditionnelles: le choix de la maternité par insémination artificielle par des femmes hétérosexuelles et des lesbiennes célibataires et par des couples de lesbiennes, *Journal of Psychosomatic Obstetrics and Gynaecology*, vol. 16, n° 1, pp. 11-20
86. LEWIN E (1984), *Lesbianism and motherhood: implications for child custody*, Etre mère lesbienne: implications pour l'attribution de la garde de l'enfant, In T Darty and S Potter (Eds.) *Women-identified Women*, Mayfield Press, Palo Alto CA, pp. 163-83
87. LEWIN E, LYONS TA (1982), *Everything in its place: the coexistence of lesbianism and motherhood*, Chaque chose à sa place: la coexistence du lesbianisme et de la maternité, In W Paul, JD Weinrich, J Gonsiorek and M Hotvedt (Eds.) *Homosexuality, Social Psychological and Biological Issues*, Sage Publications, Beverly Hills CA, pp. 249-73
88. LYONS TA (1983), Lesbian mothers' custody fears, Craintes des mères lesbiennes au sujet de la garde des enfants, *Women and Therapy*, vol. 5, n° 2-3, pp. 231-40
89. MAGER D (1975), *Faggot father*, Le père pédé, In K Jay and A Young (Eds.) *After you're out*, Link Books, New York NY, pp. 128-34
90. MARTIN A (1993), *The lesbian and gay parenting handbook: creating and raising our families*, Le guide des parents gays et lesbiens: créer et élever nos familles, Harper Collins

91. MARTIN D, LYON P (1972), *Lesbian/woman*, Lesbienne/femme, Glide Publications, San Francisco CA ,
92. MATTESON DR (1987), *The heterosexually married gay and lesbian parent*, Le parent gay ou lesbien marié, In FW Bozett (Ed.) *Gay and Lesbian Parents*, Praeger, New York NY, pp. 138-61
93. MATTISON AM, MCWHIRTER DP (1995), Lesbians, gay men, and their families. Some therapeutic issues, Les homosexuels et leurs familles. Quelques questions thérapeutiques, *Psychiatric Clinics of North America*, vol. 18, n° 1, pp. 123-37
94. MCCANDISH BM (1987), *Against all odds: lesbian mother family dynamics*, Envers et contre tout: dynamique familiale de la mère lesbienne, In FW Bozett (Ed.) *Gay and Lesbian Parents*, Praeger, New York NY, pp. 23-36
95. MCCAUSLIN M (1992), *Lesbian and gay rights*, Droits des gays et des lesbiennes, Crestwood House
96. MESSIAH A, MOURET-FOURME E (1993), *Eléments de socio-biographie sexuelle*, Population, pp. 1353-80
97. MILLER B, Gay fathers and their children, Les pères gays et leurs enfants, *Family Coordinator*, n° 28, pp. 544-52,, 1979
98. MILLER JA, JACOBSEN RB, BIGNER JJ (1981), The child's home environment for lesbian vs. heterosexual mothers: a neglected area of research, L'environnement quotidien de l'enfant élevé par une mère lesbienne ou par une mère hétérosexuelle: une zone négligée de la recherche, *Journal of Homosexuality*, vol. 7, n° 1, pp. 49-56
99. MONEY J, EHRHARDT AA (1972), *Man and woman, boy and girl: differentiation and dimorphism of gender identity from conception to maturity*, Homme et femme, garçon et fille: différenciation et dimorphisme de l'identité sexuelle de la conception à la maturité, The Johns Hopkins University Press, Baltimore MD
100. MORALES ES (1990), Ethnic minority families and minority gays and lesbians, Familles de minorités ethniques et familles de minorités homosexuelles, *Marriage and Family Review*, vol. 14, n° 3-4, pp. 217-39
101. MORGEN K (1995), *Getting Simon: two gay doctors' journey to fatherhood*, Avoir Simon: le voyage de deux médecins gays vers la paternité, Bramble Books
102. MOSSUZ-LAVAU J (1991), *Les lois de l'amour: les politiques de la sexualité en France de 1950 à nos jours*, Paris, Payot
103. MUCKLOW BM, PHELAN GK (1979), Lesbian and traditional mothers' responses to adult response to child behavior and self-concept, Réactions de mères lesbiennes et de mères traditionnelles au test " Réactions d'adultes face au comportement d'un enfant " et à la conscience de soi-même, *Psychological Reports*, n° 44, pp. 880-2
104. NEISEN JH (1987), Resources for families with a gay/lesbian member, Ressources pour les familles ayant un membre gay ou lesbien, *Journal of Homosexuality*, vol. 14, n° 1-2, pp. 239-51
105. NEWCOMB MD (1985), The role of perceived parent personality in the development of heterosexuals, homosexuals, and transvestites, Le rôle de la personnalité des parents, telle qu'elle est perçue dans le développement des hétérosexuels, homosexuels et travestis, *Archives of Sexual Behavior*, n° 14, pp. 147-64
106. NUNGESSER LG (1980), Theoretical basis for research on the acquisition of social sex roles by children of lesbian mothers, Bases théoriques pour la recherche sur l'acquisition des rôles sexués sociaux chez les enfants de mères lesbiennes, *Journal of Homosexuality*, vol. 5, n° 3, pp. 177-87

107. OSMAN S (1972), My stepfather is a she, Mon beau-père est une femme, *Family Process*, n° 11, pp. 209-18
108. OXMAN RB (1993), California's experiment in surrogacy, L'expérience californienne de la maternité par substitution, *Lancet* vol. 5, n° 341, pp. 8858, 1468-9
109. PAGELOW MD (1980), Heterosexual and lesbian single mothers: a comparison of problems, coping, and solutions, Mères célibataires hétérosexuelles et lesbiennes: une comparaison des problèmes, de leur gestion et des solutions, *Journal of Homosexuality*, vol. 5, n° 3, pp. 189-204
110. PATTERSON CJ (1992), Children of lesbian and gay parents, Enfants de parents gays et lesbiens, *Child Development*, vol. 63, n° 5, pp. 1025-42
111. PATTERSON CJ (1994), *Children of the lesbian baby boom: behavioral adjustment, self-concepts, and sex-role identity*, Les enfants du baby-boom lesbien: adaptation comportementale, images de soi et identité sexuelle, in B Greene and GM Herek (Eds.) *Contemporary perspectives on lesbian and gay psychology: theory, research and applications*, Sage Publications, Beverly Hills CA, pp. 156-75
112. PATTERSON CJ (1994), Lesbian and gay families, Familles homoparentales, *Current Directions in Psychological Science*, n° 3, pp. 62-4
113. PATTERSON C (1995) Children of lesbian and gay parents: Summary of research Findings, (Résultats des recherches concernant l'homoparentalité) in *Lesbian and Gay Parents: A resource for Psychologists*, American Psychological Association, 1995, trad. Fr. APGL, Petit guide bibliographique à l'usage des familles homoparentales et des autres, Paris, APGL 1997
114. PATTERSON CJ (1995), *Lesbian mothers, gay fathers and their children*, Mères lesbiennes, pères gays et leurs enfants, In AR D'Augelli and C Patterson (Eds.) *Lesbian, gay and bisexual identities across the lifespan: psychological perspectives*, Oxford University Press, New York, pp. 262-290
115. PATTERSON CJ (1995), Families of the lesbian baby boom: parents' division of labor and children's adjustment, Les familles du baby-boom lesbien: répartition des tâches entre parents et adaptation des enfants, *Developmental Psychology*, n° 31, pp. 115-23
116. PATTERSON CJ (1996), *Lesbian and gay parenthood*, Homoparentalité, In MH Bornstein (Ed.) *Handbook of Parenting*, Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale NJ, pp. 255-74
117. PATTERSON CJ, REDDING RE (1996), Lesbian and gay families with children: implications of social science research for policy, Les familles homoparentales avec enfants: implications de la recherche en sciences sociales en vue d'une politique les concernant, *Journal of Social Issues*, vol. 52, n° 3, pp. 29-50
118. PATTERSON CJ, HURT S, MASON CD (1998), Families of the lesbian baby boom: children's contact with grandparents and others adults, Les familles du baby-boom lesbien: relations des enfants avec les grands-parents et les autres adultes, *American journal of orthopsychiatry*, vol 68, n°3, pp. 390-9
119. PAUL JP (1986), *Growing up with a gay, lesbian or bisexual parent: an exploratory study of experiences and perceptions*, Grandir avec un parent gay, lesbien ou bisexuel: une exploration d'expériences et de perceptions, Thèse de Doctorat non publiée, University of California at Berkeley, Berkeley CA
120. PENNINGTON SB (1987), *Children of lesbian mothers*, Les enfants de mères lesbiennes, In FW Bozett (Ed.) *Gay and Lesbian Parents*, Praeger, New York NY, pp. 58-174
121. PERREAULT J (1975), *Lesbian mother*, La mère lesbienne, In K Jay and A Young (Eds.) *After you're out*, Link Books, New York NY, pp. 125-7

122. PERRIN EC, KULKIN H (1996), Pediatric care for children whose parents are gay or lesbian, Le pédiatre face aux enfants de parents gays ou lesbiens, *Pediatrics*, vol. 97, n° 5, pp. 629-35
123. PIES CA (1985), *Considering parenthood: a workbook for lesbians*, Considérations sur la parentalité: un livre pour les lesbiennes, Spinsters Ink, San Francisco CA
124. PIES CA (1987), *Considering parenthood: psychosocial issues for gay men and lesbians choosing alternative fertilization*, Considérations sur la parentalité: questions psychosociales pour les hommes gays et les femmes lesbiennes choisissant une procréation alternative, In FW Bozett (Ed.) *Gay and Lesbian Parents*, Praeger, New York NY, pp. 165-74
125. PIES CA (1990), Lesbians and the choice to parent, Les lesbiennes et le choix de devenir parent, *Marriage and Family Review*, vol. 14, n° 3-4, pp. 137-54
126. POLLOCK S, VAUGHN J (1987), *Politics of the heart: a lesbian parenting anthology*, La politique du coeur: une anthologie de la parentalité lesbienne, Firebrand Books, Ithaca
127. PONJAERT-KRISTOFFERSEN I, BAEETENS P (à paraître), Counselling patients with infertility problems., *Int J Adv Couns*
128. PROKHORIS S (1999), L'adoration des majuscules, in *Au-delà du Pacs* pp. 145-159, PUF
129. PURYEAR D (1983), *A comparison between the children of lesbian mothers and the children of heterosexual mothers*, Une comparaison entre des enfants de mères lesbiennes et des enfants de mères hétérosexuelles, Thèse de Doctorat non publiée, California School of Professional Psychology, Berkeley CA ,
130. RAFKIN L (1990), *Different mothers: sons and daughters of lesbians talk about their lives*, Des mères différentes: des fils et filles de lesbiennes parlent de leurs vies, Cleiss Press, Pittsburgh PA
131. RAND C, GRAHAM DL, RAWLINGS (1982) E, Psychological health and factors the court seeks to control in lesbian mother custody trials, Santé psychologique et facteurs étudiés par les tribunaux dans les procès de garde d'enfants impliquant des mères lesbiennes, *Journal of Homosexuality*, vol. 8, n° 1, pp. 27-39
132. REES RL (1979), Psychological health and factors the court seeks to control in lesbian mother custody trials, Santé psychologique et facteurs que la Cour cherche à contrôler dans les procès de garde d'enfants de mères lesbiennes, *Journal of Homosexuality*, Vol. 8, pp. 27-39
133. REISS BF (1980), *A comparison of the children of lesbian and single heterosexual mothers on three measures of socialization*, Une comparaison entre des enfants de mères lesbiennes et de mères hétérosexuelles célibataires selon 3 mesures de socialisation, Thèse de Doctorat non publiée, California School of Professional Psychology, Berkeley CA ,
134. RICKETTS W (1992), *Lesbians and gay men as foster parents*, Hommes et femmes homosexuels comme parents d'accueil, University of Southern Maine
135. RICKETTS W, ACHTENBERG R (1987), *The adoptive and foster gay and lesbian parent*, Gays et lesbiennes devenant parents adoptifs et familles d'accueil, In FW Bozett (Ed.) *Gay and Lesbian Parents*, Praeger, New York NY, pp. 89-111
136. RICKETTS W, ACHTENBERG R (1989), Adoption and foster parenting for lesbians and gay men: creating new traditions in family, Quand les gays et les lesbiennes sont parents adoptifs et familles d'accueil: vers de nouvelles traditions familiales, *Marriage and Family Review*, vol. 14, n° 3-4, pp. 83-118
137. RIDDLE DI (1978), Relating to children: gays as role models, Relations avec les enfants: les gays comme modèles, *Journal of Social Issues*, n° 34, pp. 38-58

138. RIHAL H (1997), L'intérêt de l'enfant et la jurisprudence du Conseil d'Etat concernant les agréments en matière d'adoption, *Revue de droit sanitaire et social*, pp. 503-514, n°33(3), juil-sept 1997.
139. RIVERA RR (1987), *Legal issues in gay and lesbian parenting*, Implications juridiques de la parentalité homosexuelle, In FW Bozett (Ed.) *Gay and Lesbian Parents*, Praeger, New York NY, pp. 199-227
140. ROHRBAUGH JB (1989), Choosing children: psychological issues in lesbian parenting, Choisir d'avoir des enfants: implications psychologiques de la parentalité lesbienne, *Women and Therapy*, vol. 8, n° 1-2, pp. 51-64
141. ROSS JL (1988), Challenging boundaries: an adolescent in a homosexual family, Remettre en cause ses limites: un adolescent dans une famille homosexuelle, *Journal of Family Psychology*, vol. 2, n°2, pp. 227-40
142. ROSS M, ARRINDELL W (1988), Perceived parental rearing patterns of homosexual and heterosexual men, Objectifs des modèles parentaux perçus par des hommes homosexuels et hétérosexuels, *Journal of Sex Research*, vol. 24, pp. 275-281
143. SAFFRON L (1986), *Getting pregnant our own way: a guide to alternative insemination*, Etre enceinte par ses propres moyens: un guide de l'insémination artificielle, Women's Health Information Centre
144. SARAFINO EP (1979), An estimate of nation-wide incidence of sexual offenses against children, Une estimation de l'incidence nationale des agressions sexuelles sur les enfants, *Child Welfare*, n° 58, pp. 127-134
145. SAVIN-WILLIAMS RC (1989), Parental influences on the self-esteem of gay and lesbian youths: a reflected appraisals model, Influences parentales sur l'estime de soi de jeunes gays et lesbiennes: un modèle d'évaluation, *Journal of Homosexuality*, vol. 17, n° 1-2, pp. 93-109
146. SCHULENBERG J (1985), *Gay parenting: a complete guide for gay men and lesbians with children*, Parents gays: un guide complet pour les gays et les lesbiennes avec des enfants, Anchor, New York NY
147. STECKEL A (1985), *Separation-individuation in children of lesbian and heterosexual couples*, Séparation-individuation chez les enfants de couples lesbiens et hétérosexuels, Thèse de Doctorat non publiée, The Wright Institute Graduate School, Berkeley CA ,
148. STECKEL A (1987), *Psychosocial development of children of lesbian mothers*, Développement psychosocial des enfants de mères lesbiennes, In FW Bozett (Ed.) *Gay and Lesbian Parents*, Praeger, New York NY, pp. 75-85
149. STEIN TS (1988), Homosexuality and new family forms: issues in psychotherapy, Homosexualité et nouvelles formes de familles: implications en psychothérapie, *Psychiatric Annals*, vol. 18, n° 1, pp. 12-20
150. STEINHORN A (1982), Lesbian mothers: the invisible minority: role of the mental health worker, Les mères lesbiennes: la minorité invisible; rôle du travailleur en santé mentale, *Women and Therapy*, vol. 1, n° 4, pp. 35-48
151. STIGLITZ E (1990), Caught between two worlds: the impact of a child on a lesbian couple's relationship, Pris entre deux mondes: l'incidence d'un enfant sur la relation au sein d'un couple lesbien, *Women and Therapy*, vol. 10, n° 1-2, pp. 99-116
152. TASKER F, GOLOMBOK S (1995), Adults raised as children in lesbian families, Adultes ayant été élevés dans des familles lesbiennes, *American Journal of Orthopsychiatry*, vol. 65, n° 2, pp. 203-15

153. TREMINTIN J. (1999), Homosexualité et parentalité, *Journal du droit des jeunes*, novembre 1999.
154. TURNER P, SCADDEN L, HARRIS M (1985), *Parenting in gay and lesbian families*, La parentalité dans les familles homoparentales, Department of Family Studies, University of New Mexico
155. VAN NIEKERK A, VAN ZYL L (1995), The ethics of surrogacy: women's reproductive labour, L'éthique de la maternité par substitution: le "travail" de reproduction des femmes, *Journal of Medical Ethics* vol. 21, n° 6, pp. 345-9
156. VAN NIJNATTEN CH (1995), Sexual orientation of parents and Dutch family law, L'orientation sexuelle des parents et la Loi Néerlandaise, *Medicine and Law*, vol. 14, n° 5-6, pp. 359-68
157. WEEKES RB, DERDEYN AP, LANGMAN M (1975), Two cases of children of homosexuals, Deux cas d'enfants d'homosexuels, *Child Psychiatry and Human Development*, n° 6, pp. 26-32
158. WENDLAND CL, BURN F, HILL C (1996), Donor insemination : a comparison of lesbian couples, heterosexual couples and single women, Insémination de donneur : une comparaison des couples de lesbiennes, des couples hétérosexuels et des femmes seules, *Fertil-Steril*, vol 65, n° 4, pp. 764-70
159. WESTON K (1991), *Families we choose: lesbians, gays, kinship*, Les familles que nous choisissons: homosexualité et parenté, Columbia University, New York NY
160. WOLF DG (1984), *Lesbian childbirth and woman-controlled conception*, Maternité chez les lesbiennes et conception contrôlée par les femmes, In T Darty and S Potter (Eds.) *Women-identified Women*, Mayfield Press, Palo Alto CA, pp. 185-93
161. ZUCKER-ROUVILLOIS E (1999), L'expertise familiale ou la perte du doute scientifique, in *Au-delà du Pacs*, pp. 111-144, PUF
162. ZUGER B (1989), Homosexuality in families of boys with early effeminate behavior: an epidemiological study, L'homosexualité dans les familles dont les garçons ont un comportement efféminé précoce: étude épidémiologique, *Archives of Sexual Behavior*, vol. 18, n° 2, pp. 155-66

Adresses utiles pour poursuivre la réflexion sur internet :

[Endereços úteis para prosseguir a reflexão na internet]

1. APGL – Association des Parents et futurs Parents Gays et lesbiens

<http://apgl.asso.fr>

2. Le séminaire Gai

Recensement du droit des homosexuels dans le monde

<http://www.altern.org/semgai/>

3. L'Association Américaine de Psychologie

<http://www.apa.org/>

4. Love make a family

Association américaine de familles homoparentales

<http://www.lovemakesafamily.org/>

5. GLPCI – Gay and Lesbian Parents Coalition International

Association américaine d'aide aux familles homoparentales

Informations juridiques, études concernant les familles homoparentales

<http://www.familypride.org/>

6. PQP – Prospective Queer Parents

Site américain sur les futurs parents gays et lesbiens
<http://www.geocities.com/WestHollywood/3373/>

7. Colage – Children Of Lesbians And Gays Everywhere

Site américain d'aide et de promotion des familles homoparentales centré sur les enfants
<http://www.colage.org/>

8. The Gay Law Net

Revue de presse juridique internationale: Toutes les infos juridiques dans le monde entier
<http://www.gaylawnet.com/>

9. Bibliographie sur l'adoption

<http://www.adopting.org/gaybib.html>

10. ILGA – International Lesbian and Gay Association

<http://www.ilga.org/>

Centre d'études:

[Centros de estudos]

1. CNRS

<http://www.cnrs.fr/SHS/>

2. Centre d'études juridiques comparées, Université Paris X

<http://www.u-paris10.fr/>

3. GRASS - Groupe de recherche et d'analyse du social et de la sociabilité, Université Paris 8, IRESCO - Institut de Recherches sur les Sociétés Contemporaines - CNRS

<http://www.univ-paris8.fr/>

<http://www.iresco.fr/>

4. LASAR - Laboratoire d'Anthropologie Sociale de l'Analyse du Risque, Université de Caen

<http://www.unicaen.fr/mrsh/lasar/index.html>

3.3.7 Sistematização das manifestações dos principais órgãos de classe norte-americanos

Instituição/Veículo - Internet http://www.hrc.org	Ano	Comunicação	Argumento
1 Fundação Campanha de Direitos Humanos (<i>Human Rights Campaign Foundation</i>)	2004	Sistematização das principais organizações estadunidenses posicionadas a favor do casamento e da parentalidade GLBT.	É direito da população GLBT não sofrer discriminação baseada na orientação sexual nos processos de adoção e demais situações que envolvam a parentalidade. A orientação sexual dos pais é irrelevante ao desenvolvimento da saúde mental e do desenvolvimento social da criança, bem como a qualidade do relacionamento pai-filho.

2	Academia Americana de Médicos de Família (<i>American Academy of Family Physicians</i>)	2002	Estabelece política e apóia a legislação que promove um ambiente de criação seguro, incluindo segurança legal e psicológica, para todas as crianças, sem considerar a orientação sexual dos pais.	Utiliza os mesmos argumentos já citados pela <i>Human Rights Campaign Foundation</i> .
3	Academia Americana de Pediatria (<i>American Academy of Pediatrics</i>)	2002	Afirma que crianças nascidas de ou adotadas por um dos membros de um casal homossexual merecem a segurança de ter os dois pais reconhecidos legalmente. Apóia ações legislativas e legais que proporcionam às famílias a possibilidade de adoção da criança pelo <i>second parent</i> ou <i>coparent</i> .	Fundamentada nos mesmos argumentos já citados (HRC), enfocando a questão legal (direito do relacionamento pai e filho ser assegurado legalmente, independentemente da orientação sexual dos pais).
4	Academia Americana de Psiquiatria da Criança e do Adolescente (<i>American Academy of Child and Adolescent Psychiatry</i>)	1999	Opõe-se a qualquer discriminação baseada na orientação sexual contra indivíduos, relativas aos seus direitos enquanto guadiões ou pais adotivos.	Gays, lésbicas e bissexuais têm enfrentado maiores dificuldades com relação ao direito de serem ou se tornarem pais; Não há evidência que sugira ou sustente que os pais com orientação gay, lésbica ou bissexual são diferentes ou deficientes nas habilidades de parentar, nas preocupações com a criança e no apego da relação pai-filho, quando comparados aos pais com orientação heterossexual.
5	Associação Americana de Advogados (<i>American Bar Association</i>)	1995, 1999, 2003	(1995) A legislação e a implementação de políticas públicas que promovem a visitação e a custódia infantil não devem ser negadas ou restringidas baseadas na orientação sexual. (1999) Afirma que a orientação sexual não deve ser uma barreira quando a adoção é determinada no melhor interesse da criança. (2003) Apóia a adoção em conjunto e do tipo <i>second-parent</i> por pessoas solteiras.	Utiliza os mesmos argumentos já citados pela <i>Human Rights Campaign Foundation</i> . (?)
6	Associação Americana de Antropologia (<i>American Anthropological Association</i>)	2004	Apóia casamento e famílias homossexuais.	A civilização e a ordem social não depende exclusivamente do casamento enquanto uma instituição heterossexual. A variedade de tipos familiares, incluindo famílias baseadas em relacionamentos homossexuais, pode contribuir para estabilizar e humanizar as sociedades.

7	Associação Americana de Psicologia (American Psychological Association)	de 1976, 1998 e 2004	<p>(1976) Posiciona-se contra a discriminação do casamento de homossexuais; encoraja os psicólogos a eliminar toda essa discriminação. (1998) Apóia as provisões de benefícios legais, normalmente resultantes do casamento, aos casais homossexuais. (2004) 1) Opõe-se a qualquer discriminação baseada na orientação sexual nas questões referentes à adoção, custódia e visitação infantil, <i>foster care</i> e saúde reprodutiva. 2) acredita que as crianças criadas por casais homossexuais se beneficiam dos laços legais gerados com cada pai; 3) apóia a proteção do relacionamento pai-filho através da legalização de adoções conjuntas e adoções tipo <i>second parent</i>; 4) encoraja os psicólogos a eliminar toda essa discriminação.</p>	Utiliza os mesmos argumentos já citados pela <i>Human Rights Campaign Foundation</i> .
8	Associação Americana de Psiquiatria (American Psychiatric Association)	de 1997, 2000, 2002	<p>(1997) Afirma que: 1) a orientação sexual não deve ser usada como um fator determinante nas decisões de custódia infantil; 2) casais e indivíduos gays e lésbicos devem ser permitidos se tornarem pais através de adoção, <i>fostering</i> e novas tecnologias, assim como os heterossexuais; 3) adoções tipo <i>second parent</i> não devem ser proibidas só porque os adultos são do mesmo sexo; 4) as determinações de custódia após a dissolução do relacionamento gay devem ser feitas de modo semelhante às demais. (2000) Apóia o reconhecimento legal das uniões homossexuais. (2002) Apóia iniciativas que permitem casais do mesmo sexo adotarem ou coparentarem crianças, bem como todos os direitos legais associados, benefícios e responsabilidades que emergem dessas iniciativas.</p>	Utiliza os mesmos argumentos já citados pela <i>Human Rights Campaign Foundation</i> .

9	Associação Médica Americana (<i>American Medical Association</i>)	2004	Apóia a legislação e demais esforços que permitam a adoção de crianças pelos casais de mesmo sexo ou pelos de sexo oposto não casados, que funcionam como um <i>second parent</i> ou <i>co-parent</i> para aquela criança.	Utiliza os mesmos argumentos já citados pela Human Rights Campaign Foundation. Concorda com a Academia Americana de Pediatria (<i>American Academy of Pediatrics</i>) e com a Associação Americana de Psiquiatria (<i>American Psychiatric Association</i>).
10	Associação Nacional de Assistentes Sociais (<i>National Association of Social Workers</i>)	2002	Legislações que legitimam adoções tipo <i>second-parent</i> por casais de mesmo sexo devem ser apoiadas. Legislações visando restringir <i>foster care</i> e adoção por gays, lésbicas e transgêneros devem ser vigorosamente opostas.	Utiliza os mesmos argumentos já citados pela Human Rights Campaign Foundation.
11	Associação Psicanalítica Americana (<i>American Psychoanalytic Association</i>)	1997, 2002, 2004	(1997 e reafirmado em 2004) Afirma que o Estado não deve interferir nos casais de mesmo gênero que decidem casar ou compartilhar seus direitos e responsabilidades. (2002) Apóia a parentalidade homossexual, incluindo concepção, criação, adoção, visitação e custódia.	Utiliza os mesmos argumentos já citados pela Human Rights Campaign Foundation.
12	<i>Child Welfare League of América</i>	1988	Afirma que a escolha dos candidatos à adoção deve ser baseada nas suas habilidades de parentar bem a criança (e não em virtude da raça, etnia ou cultura, renda, idade, estatus marital, religião, aparência, estilo de vida ou orientação sexual).	Utiliza os mesmos argumentos já citados pela Human Rights Campaign Foundation.
13	Conselho Norte-Americano sobre Crianças Adotáveis (<i>North American Council on Adoptable Children</i>)	1998	Afirma que as crianças não devem ser privadas de família por causa da orientação sexual dos pais. Qualquer pessoa com potencial para ser bem sucedida na parentalidade da criança em <i>foster care</i> ou adoção deve ser considerada sem parcialidade ou injustiça.	Utiliza os mesmos argumentos já citados pela <i>Human Rights Campaign Foundation</i> .

CAPÍTULO IV

Conclusões

Uma das metas das pesquisas científicas é desfazer idéias equivocadas que se espalham e perpetuam sem que nenhum conhecimento científico as sustente. Mesmo sem responder a todas as questões que fazem parte de uma determinada indagação — o que não é sua finalidade — a pesquisa científica colabora, dentro do seu limite, para o aumento do conhecimento sobre a questão formulada.

Este foi o nosso objetivo ao buscar saber o que já se conhece sobre essa nova configuração familiar que chamamos homoparentalidade. O conjunto dos resultados, incluindo tanto a pesquisa bibliográfica quanto a empírica, nos permite chegar às conclusões apresentadas a seguir.

As famílias homoparentais são uma das possibilidades de construção familiar atual, uma das maneiras possíveis de viver em sociedade, trocando cuidados, afetos e compartilhando o cotidiano. Elas já existem há muito tempo como demonstram os estudos que vêm sendo realizados desde os anos 70 e, atualmente, estão adquirindo maior visibilidade através da mídia, em grande parte como consequência da atuação dos grupos que lutam pelos direitos dos homossexuais e pelos Direitos Humanos.

A idéia de que essa configuração poderia contribuir para a destruição da “família” e da “sociedade” é um contra-senso, pois, justamente, o que essas famílias desejam é o seu reconhecimento social e jurídico, de forma a fazerem parte, legitimamente, da sociedade à qual pertencem. A homoparentalidade não só não vai contra a “família” como tenta se incluir no conceito, dando continuidade a essa instituição através dos filhos desejados.

O temor de que possam destruir a “família” encontra-se diretamente vinculado ao temor de destruição da “sociedade”. Entretanto, a própria Antropologia não concorda com a idéia de serem essas famílias prejudiciais ao conjunto social. Ao contrário, afirma que nenhum antropólogo está autorizado a prescrever um tipo de família “correto”, pois conhece a enorme quantidade de tipos diferentes de grupos familiares encontrados ao longo do tempo em sociedades que são diferentes da nossa, mas nem por isso menos organizadas.

O bem-estar das crianças tampouco é afetado por serem elas filhas de pais homossexuais. O número de pesquisas suficientemente extenso e o conjunto dos resultados apontando na mesma direção, permitem que possamos fazer essa afirmação, mesmo que, individualmente, as pesquisas não respondam à totalidade das questões referentes a esse tipo de família. A comparação entre crianças que crescem em contexto heteroparental e aquelas que crescem em contexto homoparental indica não haver diferenças significativas entre umas e outras. É verdade que ainda se fazem necessários mais estudos sobre as características dessas famílias, de forma a podermos identificar as suas especificidades. Entretanto, até o momento, não encontramos nada que demonstre serem elas melhores ou piores do que outras configurações.

Deparamos com opiniões divergentes entre os profissionais do campo “psi” sobre a homoparentalidade. A teoria psicanalítica permite entendimentos diversos das suas formulações, o que explica as diferentes posições assumidas pelos psicanalistas. Considerando as divergências e a falta de um ponto de vista teórico único, os posicionamentos têm de ser avaliados como manifestações individuais, baseados nos posicionamentos ideológicos de cada um. Entretanto, enquanto as opiniões favoráveis à homoparentalidade encontram suporte empírico nas pesquisas realizadas, as opiniões desfavoráveis não têm um número de pesquisas suficientes e realizadas por pesquisadores respeitados no mundo acadêmico, que possam dar a elas a sustentação necessária para sua confirmação.

A manutenção de “crenças” e “mitos” afirmando serem essas famílias prejudiciais às crianças está apoiada no desconhecimento do extenso material científico já produzido na área da Psicologia, cuja seriedade tem como suporte grandes universidades européias, norte-americanas e canadenses. A nossa hipótese é que, por serem publicações em língua estrangeira e dentro de uma área específica (Psicologia), a sua divulgação para profissionais de outras áreas tenha ficado prejudicada.

Não podemos descartar, também, a força das idéias baseadas na “naturalidade” da família nuclear procriativa, desconsiderando a sua construção histórica e impedindo a inclusão de novas experiências familiares como formas legítimas de convivência social.

Os profissionais “psi” sabem o que faz mal a uma criança: falta de cuidado, de amor, de tolerância, de limites, pais deprimidos ou violentos. Sabem, também, que as crianças têm necessidade de estar em contato com os dois sexos, embora, para alguns, esse contato não tenha de ser feito dentro da célula familiar no seu cotidiano, sendo suficiente que a criança tenha tios, tias, avós e um ambiente social composto pelos dois sexos. As diferentes formas de organização familiar não permitem, por si só, fazer previsões sobre a saúde mental dos seus membros. Não há um tipo específico de família que possa garantir a felicidade e o bom desenvolvimento dos filhos. O que podemos afirmar é que parceiros/as capazes de estabelecer entre si e seus filhos vínculos afetivos suficientemente bons têm mais possibilidade de favorecer um desenvolvimento psíquico e social satisfatório para seus filhos. Ou seja, o que importa é a capacidade parental dos indivíduos, mais do que a forma como decidiram construir a sua família. E isso serve tanto para famílias heterossexuais quanto para famílias homossexuais.

As previsões catastróficas sobre as conseqüências da homoparentalidade são muito semelhantes às feitas quando da introdução do divórcio na nossa legislação e os argumentos costumam alegar as mesmas razões. Assim como nas discussões sobre o divórcio, as discussões parlamentares e jurídicas sobre homoparentalidade parecem não considerar que o fato social já existe e que as crianças estão se desenvolvendo bem, conforme demonstrado nas pesquisas. Do mesmo modo como existiam famílias recompostas antes do divórcio ser legalizado, também existem, agora, famílias cujos pais/mães são homossexuais. O que ainda não existe é a proteção legal oferecida pelo Estado às famílias homoparentais da mesma forma como não havia, antes, para as famílias recompostas.

É necessário que o Direito possa estar aberto à pluralidade das novas formas familiares, aceitando que a realidade não faz coincidir sempre o biológico, o jurídico e o social nas mesmas pessoas, de maneira que possa dar uma proteção igual a todas as crianças, seja qual for o seu ambiente familiar. Deve-se considerar que pai/mãe não é necessariamente aquele que dá a vida, mas aquele que se engaja, por um ato voluntário e irrevogável, na parentalidade de um/a filho/a.

Os vínculos pais/filhos devem perdurar independente das vicissitudes da vida dos adultos. Separação e morte não podem privar brutalmente uma criança dos vínculos tecidos com seus pais sociais. O Direito de Família brasileiro estabelece que um pai/mãe não pode impedir o contato de um filho com o outro pai/mãe nas famílias cujo contexto é heterossexual. Porém, no contexto homoparental essa mesma lei não pode ser aplicada a não ser nos casos em que houver o reconhecimento da parceria homossexual como uma união estável afetiva e familiar e não apenas patrimonial. Daí a importância do reconhecimento legal dos dois pais/mães nas famílias homoparentais. Além de impedir discriminações, permitiria o compartilhamento legal das funções parentais exercidas no cotidiano.

Finalmente, é preciso que a sociedade e as instituições que a constituem tenham o cuidado permanente de, ao tratar de conformações familiares diferentes das habituais, como é o caso das famílias homoparentais, não transformá-las em configurações familiares desiguais quanto aos direitos que deveriam ser comuns a todas e, conseqüentemente, em tipos familiares social e juridicamente discriminados.

GLOSSÁRIO

- **Adoção “à brasileira”**: Prática por meio da qual uma pessoa registra legalmente como filho biológico uma criança com a qual não possui vínculos sanguíneos. É ilegal e sujeita à penalização pela lei brasileira.
- **Adoção Informal**: Prática de criação de crianças que são filhas de outrem e que não passa pelo sistema formal de adoção. Não acarreta formação de vínculos legais de parentesco. É prática comum nas camadas populares brasileiras.
- **Apadrinhamento Afetivo**: Programa desenvolvido no Rio Grande do Sul visando possibilitar que pessoas assumam responsabilidades como padrinhos ou madrinhas de crianças e adolescentes abrigadas em instituições de acolhimento de menores. Envolve órgãos governamentais e sociedade civil, em conjunto com os Conselhos Estadual e Municipal que tratam dos direitos da criança e do adolescente. Objetiva estimular adoção posterior.
- **APGL**: Associação de Pais e Futuros Pais, Gays e Lésbicas – Instituição francesa criada em 1986 com a finalidade de lutar pelo direito de parentalidade de gays e lésbicas.
- **Barriga de Aluguel**: Prática pela qual uma mulher é contratada para gerar uma criança, entregando-a depois de nascida para quem a contratou, sem reivindicar qualquer vínculo com a criança gerada. É ilegal no Brasil.
- **“Beau Parent”**: É o/a novo/a companheiro/a do pai ou mãe legal em famílias recompostas, hetero ou homossexuais.
- **Contexto Heteroparental**: Situação na qual a criança é fruto de uma união heterossexual anterior e um dos pais assume uma identidade homossexual. Em caso de formação de um novo casal com parceiro/a do mesmo sexo, trata-se de uma família recomposta homossexual.
- **Contexto Homoparental**: Quando uma criança é adotada ou concebida no contexto de uma união homossexual, ou existe um projeto de parentalidade por parte de um homossexual individualmente.
- **Co-parentalidade**: Quando um homem e uma mulher são pais de um filho mas não formam um casal. Um projeto de co-parentalidade inclui de duas a quatro pessoas: os pais biológicos e os companheiros destes. Envolve geralmente uma combinação entre um casal de homens gays e um casal de mulheres lésbicas.
- **Família Monoparental**: Família constituída por apenas um dos pais (legal ou biológico) e a sua prole. Será **biparental** se formada pelos dois pais e sua prole.
- **Família Recomposta**: Configuração familiar resultante de uma separação (divórcio), na qual um ou ambos os componentes do casal entram em nova união estável formando uma nova família.
- **Filiação**: É o reconhecimento jurídico do parentesco entre pais e filhos. Ela se constrói pela articulação de elementos biológicos, jurídicos, sociais e afetivos. A combinação desses elementos se dá conforme os pesos que uma sociedade dá para cada um desses elementos.
- **“Gay Families”**: Definição norte-americana que designa as famílias em que um dos *parents* (pai/mãe) se define como homossexual.
- **Gênero**: São os aspectos sociais que dão significado às diferenças sexuais. O conceito de gênero foi elaborado nos anos setenta pelas ciências sociais (no contexto dos estudos sobre as mulheres) com o objetivo de chamar a atenção para o fato de que as diferenças entre homens e mulheres não resultam apenas de diferenças anatômicas e fisiológicas, mas também de construções sociais e

culturais que se inscrevem nos corpos. A maneira como ele tem sido elaborado desde então assume uma série de variações relacionadas às diferenças lingüísticas de cada país, às especificidades históricas e políticas do movimento feminista e às apropriações realizadas pelas diferentes áreas do conhecimento.

- **Homoparentalidade:** Denominação criada no contexto francês em 1997, pela APGL que designa uma situação na qual pelo menos um adulto que se reconhece como homossexual cria pelo menos uma criança.

- **Homossexualidade / homossexuais:** Situação que indica a existência de práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo.

- **Identidade de gênero:** É a forma de um indivíduo se perceber e ser percebido pelos outros como masculino ou feminino, de acordo com os significados desses termos construídos pela cultura à qual pertence. É tudo o que a própria pessoa espera de si, em função de classificar-se, naquela sociedade, como homem ou mulher: o lugar simbólico a ser ocupado nas relações com os outros, os tipos de roupas que deve vestir, os comportamentos prescritos e os interditos, além dos sentimentos que se presume deva experimentar.

- **Inseminação Artificial:** Tecnologia reprodutiva que permite a concepção de crianças sem a prática sexual, considerada de baixa complexidade. Consiste no depósito de sêmen ou espermatozóide diretamente no aparelho genital feminino (na vagina, no colo uterino ou dentro do útero) mediante o uso de uma cânula ou sonda.

- **Multiparentalidade ou parentalidade aditiva:** Situação na qual mais de dois adultos se assumem como pais e/ou mães de uma criança, sem que tenham necessariamente vínculo biológico.

- **PACS:** Pacto de solidariedade civil aprovado em novembro de 1999 na França, usado, principalmente, para regulamentar as uniões entre pessoas homossexuais.

- **Pais legais:** Pessoas que são designadas no Cartório de Registro Civil como pais de uma criança. Assumem todos os direitos e deveres legais para com a criança.

- **Pais sociais:** Pessoas que se sentem e se comportam como pais/mães de uma criança, assumindo tarefas parentais, mas que não possuem o direito legal.

- **“Second-Parent”** (segunda mãe ou segundo pai): Companheiro/a de um pai ou mãe legal, que tenha compartilhado desde o início o projeto parental.

- **Sexualidade:** É um conjunto de relações, práticas e significados definidos e reconhecidos como sexuais, podendo variar de uma cultura para outra.

- **Transexuais** (concepção médica): Situação na qual o indivíduo se percebe como pertencente ao sexo distinto do seu sexo biológico muito precocemente e deseja fazer a cirurgia de “redesignação sexual”.

- **Travestis:** Homens que fazem uso de roupas e modificações corporais para se parecer com uma mulher, mas que não buscam a cirurgia de “troca de sexo”. Na prática, a diferenciação entre travestis e transexuais é bastante tênue.

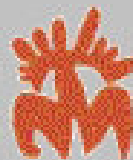


www.iaj.org.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde
PPGAS - Departamento de Antropologia
www.nupacs.ufrgs.br



PROSARE

PROGRAMA DE APOIO
A PROJETOS
EM SEXUALIDADE
E SAÚDE REPRODUTIVA

Patrocínio:

THE JOHN D. AND CATHERINET T.
MACARTHUR FOUNDATION

Apoio:

PROSARE/CCR/CEBRAP
www.ccr.org.br